



ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO



170

A N O S



HISTÓRIA & CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

EDIÇÃO COMEMORATIVA
NOVEMBRO 2011



ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO



170

A N O S



HISTÓRIA & CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

Editora
Universitária  UFPE

EDIÇÃO COMEMORATIVA
NOVEMBRO DE 2011

Associação Médica de Pernambuco

170 anos | História & Contribuição Social

Diretoria | Gestão 2008 / 2011

Presidente: Jane Maria Cordeiro Lemos

1ª Vice-Presidente: Sílvia da Costa Carvalho Rodrigues

2ª Vice-Presidente: Sirleide de Oliveira Costa Lira

3ª Vice-Presidente: Maria do Carmo Lencastre Menezes e Cruz Dueire Lins

Secretária Geral: Helena Maria Carneiro Leão

1ª Secretária: Maria da Conceição Moraes Mendes

2ª Secretária: Maria do Amparo Freire Parahym

1º Tesoureiro: Feliciano Abdon Araújo Lima

2º Tesoureiro: Anacleto Rodrigues de Carvalho

Créditos

Projeto Gráfico: Ana Farias

Editor: Luiz Otavio Cavalcanti

Montagem

Editora
Universitária  **UFPE**

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife - PE | CEP: 50.740-530

Fones: (0xx81) 2126.8397 | 2126.8930 | Fax: (0xx81) 2126.8395

www.ufpe.br/edufpe | edufpe@nlink.com.br | editora@ufpe.br

Editora associada 
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Catálogo na fonte

Biblioteca Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

A849c Associação Médica de Pernambuco.

170 anos : história & contribuição social / Associação Médica de Pernambuco. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2011.

256 p. : il.

Edição comemorativa.

Inclui referências.

ISBN 978-85-7315-972-1 (broch.)

1. Medicina – Pernambuco – História. 2. Medicina – Pernambuco – Aspectos sociais. I. Título.

610.98134

CDD (22.ed.)

UFPE (BC2011-157)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.

APRESENTAÇÃO

JANE MARIA C. LEMOS

Presidente da Associação Médica de Pernambuco

A medicina, em Pernambuco, não será muito diferente da medicina em outros Estados. Diferente é Pernambuco. Esta diferença imprimiu traço especial a sua medicina, tornando-a antecipadora, livre do medo de inovações. Essas suas características não são novas. Remontam aos feitos pernambucanos no século XIX.

A medicina pernambucana enfrenta as mesmas dificuldades das existentes em outros locais. Por outro lado, conta com equivalentes dedicações profissionais. A diferença parece estar nos fazeres da cultura pernambucana.

No seu sentido de antecipação, Pernambuco manteve a integridade do seu território colonial em 1654 com a sua heróica vitória contra os holandeses. Defendeu a República em Olinda, em 1710. Vocalizou o federalismo em 1817, 1822 e 1824. Tornou-se independente de Portugal, na Convenção do Beberibe, anos antes do grito de independência de Pedro I. Assim foi se construindo a si mesmo, de modo absolutamente peculiar. Lutou contra a escravatura com Nabuco, anos antes da abolição, em 1888. E vestindo sempre o espírito liberal que cobre fluvialmente o pensar pernambucano, cuidou da saúde da Província de modo distinto, com compromisso social e amor pelo progresso científico.

Essa capacidade de estar à frente dos demais, no tempo ordinário, é que produziu a fundação, em Pernambuco, do primeiro jornal em circulação na América Latina, o Diário de Pernambuco. Estimulou a criação, em 1841, da Sociedade de Medicina de Pernambuco, hoje Associação Médica de Pernambuco.

No discurso do fundador, no ato de sua instalação, descobre-se, com espanto, que encarava a medicina do ponto de vista psicossocial. A influência do meio ambiente era vista em perfeita interação com o psíquico e com o orgânico: clara antecipação dos conceitos mais atuais da medicina psicossomática. Influenciou também a organização do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico, em 1862, o segundo no país.

Por isso, a paisagem social, aqui, é de pioneirismos, desbravamentos. Um modo de ser que se reproduz na medicina. Os melhores modelos de profissionais médicos, em Pernambuco, atuaram conforme esse padrão.

Cito dois: Otávio de Freitas, por sua visão da medicina e original contribuição à saúde pública e grande batalhador da implantação do ensino médico no Estado. E Ulysses Pernambucano, por sua visão moderna sobre a bio psicologia, fundando a revista Neurobiologia, hoje a mais antiga revista científica em circulação na América Latina. Antecipou-se, em décadas, à psiquiatria tradicional, então praticada no exterior. Ensinou o conceito de saúde mental e de prevenção em saúde mental, com acompanhamento de rendimento dos estudantes, com os testes psicométricos. Antecipou, em décadas, a idéia de tratar o paciente integrado à família e a comunidade que hoje constituem uma dos princípios da Política Nacional de Saúde Mental. Assim, foi o pioneiro da Psiquiatria Preventiva e Social da América Latina. Ambos, Otávio de Freitas e Ulysses Pernambucano, foram presidentes da Associação Médica de Pernambuco.

É tal inspiração que nos anima a promover esta edição comemorativa dos 170 anos da Associação de Medicina de Pernambuco para testemunhar a lealdade médica ao povo pernambucano.

Trata-se de painel abrangente em que estão Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, que escreve sobre o perfil notável de Maciel Monteiro, um dos fundadores da medicina pernambucana; Jane Maria Cordeiro Lemos, José Falcão, Miguel John Zumaeta Doherty e Sílvia Costa Carvalho Rodrigues, que relatam aspectos relevantes da história da medicina no Estado, desde o século 18 até os dias atuais; Waldenio Porto, que assinala a importância e o papel social da entidade, Claudio Pina, que descreve detalhadamente os conteúdos de Congressos e even-

tos científicos da Associação; Geraldo Pereira, que analisa a evolução da Imprensa Médica e as publicações da Sociedade; Gildo Benício, que destaca a história valiosa da medalha Maciel Monteiro e os perfis de seus agraciados; Gilson Edmar Gonçalves e Nair Cristina Almeida, que ressaltam as relações construtivas que foram tecidas historicamente entre a Associação e a Sociedade dos Internos; João Luiz do Amaral, presidente da Associação Médica Brasileira, que acentua o papel desempenhado pela Associação, ao longo do tempo, no cenário médico nacional; André Longo, presidente do Conselho Regional de Medicina – CREMEPE e Silvio Rodrigues, presidente do Sindicato dos Médicos de Pernambuco - SIMEPE que, à guisa de introdução, tecem considerações sobre a associação sob a ótica das entidades que presidem.

Segundo Kierkegaard – *“A vida só pode ser compreendida olhando para trás; mas, só pode ser vivida olhando para frente”* Nesta perspectiva, o registro desses textos, que recupera o passado, constitui patrimônio comum. Representa também olhar para o presente, mostrando perfeita confiança na obra coletiva. Temos uma fiança pretérita que nos incentiva a novas conquistas, adiante. Esta é nossa carta ao futuro. Creio, poder concluir que a Associação Médica de Pernambuco representa passado, presente e futuro.



TEXTO 01



1. PRIMÓRDIOS

MARIA CRISTINA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

*[...] quem pode ver-te sem querer amar-te,
quem pode amar-te **sem** morrer de amores.*

Antônio Peregrino Maciel Monteiro¹

Na manhã radiosa de 12 de julho de 1840, depois de breve permanência no Rio de Janeiro, o doutor Antônio Peregrino Maciel Monteiro voltou ao Recife. Viajara na companhia do ministro Sebastião do Rego Barros, irmão de Francisco, Barão da Boa Vista, atual governador da Província. O bom humor do médico-poeta abrandara a monotonia da longa travessia. Seu navio ancorou no Lameirão. O sol fazia o ar tremer claridade e escamava em prata as águas do mar. Sentia-se o odor marinho e um leve cheiro de podre, refrescado por brisas renovadas. O fedor pútrido da decomposição de corpos de animais e negros que o Capibaribe teimava em trazer até o porto, havia, naquele dia, se desvanecido com a ventania

O doutor Peregrino admirava a paisagem. Exalava seu perfume de lavanda inglesa, mas aspirava, com maior deleite, o odor do mar de sua terra. O cheiro estrangeiro chegava a lhe incomodar. Admirava o horizonte ponteadado pelo casario que se avizinhava. Imaginava os olhos sérios da bela dona Anunciada Camila. A jovem viúva era a mais elegante e sedutora dama da sociedade pernambucana.

O cheiro da maresia rescendia em sua mente. A vista de sua cidade lhe despertava uma saudade muito velha. Seus olhos castanhos — Maciel Monteiro tinha olhos capiongos e ternos, como os olhos de um

¹ MONTEIRO, Antônio Peregrino Maciel. Formosa (soneto). **Revista Progresso**, Recife, maio, 1846.

carneiro — se alegravam ao reconhecer o lugar. O mar que avistava — nem verde nem azul — era escuro e recoberto por fina lâmina de luz, estilhaçada em mil fragmentos. Um vitral de fascinante monotonia tremeluzia de vida sob estilhaços nacarados. Uma coberta de mil telhas de viva madreperla estendia-se até a bacia do Pina.

Foi justamente, neste instante, que viu se adensarem no horizonte, para as bandas do poente, um estranho ninho de nuvens. Um tènue rosado tomando a cor e a consistência de carne. Em poucos instantes, a forma instável se agigantou em nuances sanguinolentas. Sentiu um estremecimento. Certo mal-estar. A aparição parecia querer vergar-se sobre a cidade. Tomava a forma de um corpo esquadrejado.

Figuras dolorosas de revolucionários de outros tempos se intrometeram em suas lembranças. Procurou afastá-las, temeroso das notícias do agravamento dos conflitos entre conservadores e liberais. Comentavam que o Recife estava prestes a enfrentar as lutas sangrentas de uma nova revolução. Para ele, a conflagração era inevitável.

A nebulosidade logo se desfez, graças à inquieta luz da manhã. O elegante viajante procurou enxugar os olhos rasos d'água. Seu lenço de cambraia recendia a lavanda e lhe incomodava. O aroma inglês tornara-se enjoativo. Voltou a imaginar os olhos longos e sérios de Anunciada Camila, enquanto contemplava a harmonia do casario, cada vez mais próximo. Balbuciu:

Formosa és, querida minha, como Tirza,
aprazível como Jerusalém,
terrível como um exército em campo de batalha.

— Formosa. Formosa! Murmurou comovido.

Pensava na mulher e na cidade. Ambas, tema para um soneto. Bom conhecedor dos *Cânticos dos Cânticos*, desejou continuar a declamação. A voz sonora e límpida do experiente orador soou embargada e titubeante:

[...] marchando como a aurora quando se levanta,
dissipando as densas trevas da noite
e abrindo as portas aos esplendores dos raios;
formosa como a lua na sua plenidão;
[...] terrível como um exército em campo de batalha.

Ao desembarcar, o ministro Sebastião do Rego Barros recebeu um requintado envelope com mensagem escrita em letra esguia. Maciel Monteiro pedia-lhe que lhe perdoasse a ousadia de oferecer-lhe um pobre soneto. Versos compostos em um instante de entusiasmo. O bilhete vinha datado. O poema não:

Formosa

*Formosa qual pincel em tela fina.
Debuxar jamais pôde ou nunca ousara;
formosa, qual jamais desabrochava
em primavera rosa purpurina.*

Formosa, qual se a própria mão divina
lhe alinhava o contorno e a forma rara;
formosa, qual no céu jamais brilhava
astro gentil, estrela peregrina.

Formosa, qual se a natureza e a arte,
dando as mãos em seus dons e seus labores
jamais pôde imitar no todo ou parte.

Mulher celeste, oh! Anjo de primores,
quem pode ver-te sem querer amar-te,
quem pode amar-te sem morrer de amores!

O próprio Maciel Monteiro encarregou-se de divulgar o soneto pelo Recife inteiro. Não sabia bem a quem o dedicava. Nem o interessava descobrir. O doce mistério lhe agradava. Donzelas e matronas se sentiram *Formosas*. A nenhuma desmentiu. Para os frequentadores dos

saraus do barão da Boa Vista, sua musa fora Anunciada Camila. Ninguém suspeitava que alguém pudesse amar sua cidade com tamanha devoção e delicadeza.

A entrada daquele porto lhe era sobejamente conhecida. Embarcara e desembarcara ali muitas vezes. Frequentava a Corte do Rio de Janeiro na qualidade de Ministro dos Negócios Estrangeiros e era membro assíduo da Sociedade de Medicina do Brasil. Trazia consigo uma cópia dos seus estatutos. Com este modelo fundaria a Sociedade de Medicina de Pernambuco. Talvez, por isso, naquele dia, o Recife estava diferente. Aguardava-o envolta em luz. Esperava-o formosa, “[...] *como a aurora quando se levanta, dissipando as densas trevas da noite e abrindo as portas aos resplendores dos raios; formosa como a lua; [...] terrível como um exército em campo de batalha.*” A noiva das revoluções, viúva de tantos heróis, sentia-se outra vez amada. Despia o luto. Desabrochava.

Tinha demonstrado uma saúde de ferro. Não perdera o porte nem a energia com as tragédias que lhe ocorriam desde 1817. A província não havia deixado de produzir. Nem de investir. Mesmo com a Praça do Comércio respingada com o sangue escuro das cabeças dos seus heróis. Em 1829, quando o imperador mandou suspender as garantias constitucionais, a província estava próspera e produtiva. Sangrou em silêncio pela mutilação do seu território. Tinha força, valentia e competência. Só lhe faltava sossego. Disposição para despir o luto ou abrandar a raiva. Ânimo para sorrir.

No ano da Revolução, 1817, Maciel Monteiro era um menino de 13 anos de idade. A família poupou o estudante dos trágicos acontecimentos, mantendo-o recluso no Poço da Panela. A cidade era acanhada. As ideias exaltadas, a província produtiva. Naquele tempo, Pernambuco possuía cerca de 500 engenhos que produziam perto de 300 mil arrobas de açúcar, que se vendia a 1.600 réis a arroba.

Em 1831, depois de enfrentar revoluções do porte da Confederação do Equador e os pesados castigos de Pedro I, conseguira consolidar seu progresso financeiro. Contava com 600 engenhos que geravam um milhão, cento e trinta mil arrobas de açúcar, vendidas a 2 mil e 200 réis cada. Mesmo com a fartura, cultivava a raiva e o irredentismo.

Maciel Monteiro foi novamente poupado pelos pais de possível envolvimento revolucionário com os confederados. Em 1823, aos 20 anos foi mandado estudar na França. Quando voltou, doutor em medicina, observou que sua cidade apresentava sintomas estranhos. Perdera o senso crítico. Mergulhara na incoerência e na confusão de ideias. Uma turba de fanáticos caiu de paixão pelo imperador. Foi fundada a *Sociedade* — secreta só no nome — *Coluna do Trono e do Altar*. Defendia o direito de sua alteza governar “sem trabalhos”. “Trabalhos” era o novo apelido da Constituição, motivo do martírio de Frei Caneca. O médico, bom clínico, logo viu neles sinais de doença melancólica.

Os periódicos daqueles tempos perturbados eram: *O Cruzeiro* e *O Amigo do Povo*. Os liberais lhes davam combate. Escreviam na *Abelha Pernambucana* e na *Bússola da Liberdade*. No Rio de Janeiro, brotavam títulos de novos pasquins. Desaforados e grosseiros. Até o jovem imperador neles se envolveu, seguindo a moda. Não foi nem o mais polido nem o mais requintado dos polemistas. Seu texto, como os primeiros escritos de Caneca, era atravancado por insultos. O príncipe somou sua voz à dos outros desaforados. A liberdade de imprensa seguia seus caminhos tortuosos.

Em maio de 1831, Pedro abdicou em favor de dona Maria da Glória. Foi enorme o tumulto nas ruas do Recife. Em setembro, eclodiu *A Setembrada*. Dela resultou um saldo de 300 mortos. Em abril do ano seguinte, um batalhão formado por portugueses ficou preso no subúrbio. Enraivecidos, os do Recife cercaram a tropa e massacraram os soldados a cacetadas. Foi um dia de luto e lamentações. Em Panelas de Miranda, o agricultor Vicente Ferreira de Paula, aliado a índios da Barra Grande, lutou ainda por mais três anos. Com ele, seis mil homens monarquistas e absolutistas que só sossegaram com a morte de Pedro I.

Depois dessa fase de loucura agitada, Pernambuco mergulhou em uma espessa melancolia. Os estudantes enchiam as ruas vestidos de roupas escuras. Pareciam de luto. Enquanto as capas pretas de Coimbra invadiam a cidade com alegria e alvoroço, os jovens recifenses — talvez pelo porte vergado — assemelhavam-se a urubus. A carolice consumia

a alma do povo. As sacristias se enchiam de donzelas envelhecidas. Missas, novenas e rosários se sucediam.

Queimava-se muito incenso. A fumaceira esbranquiçada fugia pelas janelas das igrejas em tufos encaracolados. Sobretudo quando, na maré baixa, as águas se encolhiam. Cessavam as cheirosas brisas marinhas. O mar chupava o vento choco que vinha do mangue. E o odor sulfuroso e devasso das marés se misturava ao cheiro do incenso. Era sufocante. Cochichava-se por temor de espantar o resto de ar que o mar lhes consentia e que fedia a pecado e culpa. A Semana Santa e o Dia de Finados passaram a ser as maiores festas da província enlouquecida.

Maciel Monteiro esperou o fim dessa crise nervosa. Confiava na natural solução do embarço, pois o Recife continuava crescendo, demonstrando saúde e vigor financeiro. Já não lembrava a vila de pescadores do tempo dos holandeses. Seu mar lhe garantia o comércio. Servia como porta de saída para o açúcar, o algodão e os couros. Dava entrada para as mercadorias estrangeiras. As roupas da moda, pianos e partituras, livros, chapéus, medicamentos, perfumes, pomadas, louças e cristais. Muitos negociantes estrangeiros vieram morar no Recife. Vários consulados se instalaram em bonitos sobrados. O porto vivia apinhado de navios. A cidade de seus passageiros.

O progresso se fez acompanhar da modernidade. A cidade foi ficando formosa. Em 1841, durante o governo de Francisco do Rego Barros, as mudanças eram bem visíveis. Para Maciel Monteiro, beleza e novidade eram os melhores remédios para melancolia. Dizia, sorrindo, que a clínica médica era a arte de entreter o doente enquanto a natureza se encarregava de fazer o resto. Assumiu a prática do aforismo. Ao lado do governador, procurou resgatar o brilho social e intelectual do Recife.

De início, apenas um vago luzeiro de poucos vaga-lumes, temerosos de despertar seus mártires, seus delírios e suas antecipações ideológicas. Os medos foram esmaecendo. O entusiasmo foi tomando corpo. Para remodelar a cidade, foi contratada uma companhia de 105 operários alemães, além de centenas de trabalhadores da terra. Engenheiros franceses projetaram novas estradas, pontes, ruas e praças. A ponte pênsil de Caxangá, a Alfândega, o Teatro Santa Isabel. Nada parecia impossível

para Rego Barros. Mesmo a instalação de um sistema de abastecimento de água. O Recife livrava-se das formas de fornecimento do período colonial. O Barão da Boa Vista não conhecia dificuldades. Não temia a modernidade. Foi premiado com o apelido de *Chico Macho*.

No entanto, a maioria das obras iniciadas por Rego Barros foi interrompida, com a subida ao poder do Partido Praieiro. Muitos trabalhadores foram dispensados. Os políticos da Praia eram liberais exaltados e sedentos de poder. Adversários do partido conservador liderado por Francisco do Rego Barros, Maciel Monteiro e da vasta parentela dos Cavalcanti. Receberam o desagradável apelido de *guabirus*. O médico elegante, como a maioria dos polidos conservadores, em nada se assemelhava a bicho tão feio. Mesmo considerando que era menos bonito que agradável e sedutor. E muito mais perfumado. Naquele tempo já era conhecido como “doutor Cheiroso”.

Em 1847, a revista *O Progresso*, periódico conservador, resolveu elogiar sem fadiga a *patriótica administração do Barão da Boa Vista*. Maciel Monteiro era seu ativo colaborador. Nele publicou o seu soneto já famoso, *Formosa*. Procurava uma forma de prestigiar a publicação.

Os conflitos locais acabaram desencadeando a Insurreição Praieira. A conflagração armada iniciou-se em 07 de novembro de 1848. Durou quase três meses. Uma terrível guerra civil. Batalhas em vários locais da província. No dia 02 de fevereiro de 1849, o Recife sofreu grande investida rebelde. Apesar da surpresa do ataque, o governo provincial foi capaz de defender a cidade. A luta durou entre 10 e 12 horas. Centenas de combatentes tombaram nas ruas. Outros se afogaram nos rios. No final, os rebeldes contabilizaram 200 mortos e 400 feridos e as tropas do governo 90 mortos e 197 feridos. Entre as vítimas fatais estava o líder do partido praieiro, o deputado Joaquim Nunes Machado. Esse ataque selou o fim da Insurreição. Saciou a ânsia de rebeldia que ainda latejava no peito dos pernambucanos.

Depois desse desastre necessário, a província entrou em fase de grande desenvolvimento. A rivalidade interna abrandou-se. A cidade progrediu em um ritmo natural, crescendo com o aumento do número de prédios públicos e moradias. Famílias de comerciantes abastados

e senhores de engenho passam a habitar sobrados de quatro ou cinco andares. Gente endinheirada com seus numerosos agregados e escravos. Uma cópia da casa senhorial transmudou-se para a cidade.

Aos poucos foram chegando modistas franceses e comerciantes de artigos de luxo. As novas moradias completaram a paisagem formada pelas antigas igrejas e pesadas fortalezas coloniais. A vida na cidade tornou-se mais agradável. O progresso cercava o Recife de comodidades. A água encanada era distribuída nos diversos chafarizes da cidade. Já não se dependia dos canoieiros que a transportavam de Olinda.

Com a inauguração do Teatro Santa Isabel, em 1850, diversas companhias nacionais e internacionais passaram a visitar a cidade. As peças tinham grande aceitação. Já não se frequentava mais o antigo Teatro Apolo. Eram outros tempos. Passeava-se de carruagem ou a pé pelo passeio público. Dos tempos antigos, raras cadeirinhas de arruar. Com a valorização da cidade, a população pobre foi viver em lugares mais distantes. Subúrbios e periferias começaram a ser urbanizados.

Em 1855, havia 40.977 habitantes, dos quais 18,8 % eram escravos. Já no censo de 1872, o Recife contava com 63.073 habitantes, 10,8 % eram escravos. A população livre praticamente duplicou. Em 1817, a cidade abrigava cerca de 25 mil moradores. Seis décadas depois mais de 60 mil. O aumento da população agravava o problema do espaço. Repercutia nas condições de salubridade e higiene, permanente de preocupação das autoridades sanitárias.

As concepções médicas de então ainda se baseavam na crença de que os miasmas – substâncias que infectavam o ar, na forma de odores – propagavam as doenças. O doutor Lobo Moscoso afirmava que não havia ar puro suficiente para a crescente população do Recife. Preconizava-se a retirada de açougues, padarias e fábricas de sabão do perímetro urbano. Cuidava-se da limpeza das calçadas, do plantio de vegetação e da desobstrução dos canais. A tuberculose, a varíola, a febre amarela, a malária, o cólera, o sarampo e o beribéri ceifavam muitas vidas. Em 1856, uma epidemia de cólera-morbo deixou mais de três mil mortos.

Era necessário inspecionar os barcos que chegavam ao porto, proibindo-se a descarga de matérias pútridas e mercadorias estragadas. As

vistorias eram longas. As interdições impediam que muitos navios atracassem. O comércio protestava.

Em 1855, a Ilha do Nogueira, no Pina, foi designada como hospital de quarentena. Sua posição garantia que os ventos não levassem miasmas até as moradias.

A Casa de Detenção também causava preocupações. O projeto do engenheiro Mamede Ferreira foi edificado em uma ilha em contato com as águas do rio. A beleza do prédio impressionava e era motivo de orgulho para a elite local. Em setembro de 1857, o *Diario de Pernambuco* publicou artigo que lhe louvava o lugar “[...] o asseio, ordem e regularidade, documentos eloquentes da atividade, zelo e inteligência do administrador.” Não era essa a imagem descrita pelos sanitaristas. Para eles, a Detenção era um verdadeiro sepulcro caído. Denunciavam que a pouca circulação de ar nas celas e a falta de higiene interna faziam dela um perigoso foco epidêmico dentro da cidade.

Os debates provocaram discordâncias no interior do Conselho Geral de Salubridade. Chegaram aos periódicos e dividiram a opinião pública. O doutor Maciel Monteiro se afligia. Uma questão chamava a atenção de todos: a forma de livrar a cidade dos excrementos de seus moradores.

Até então, os habitantes haviam recorrido ao despejo dos seus dejetos nas ruas e nas águas que circundavam a cidade. Das janelas e varandas esvaziavam-se urinóis e penicos. Ao grito de “*água vai!*” sucedia-se o derrame que não poucas vezes “batizava” o transeunte.

Os dejetos sólidos armazenados em barris – os bem conhecidos *tigres* – eram esvaziados nas margens do rio e nas praias. No caminho, o escravo acabava besuntado de fezes. Em 1868, a *Recife Draynage Company* firmou contrato com o governo da província. Projetava a retirada dos dejetos através de aparelhos sanitários instalados nas residências. Canos subterrâneos descartariam o material diretamente no oceano da praia do Pina. Foi um desastre. Os canos se rompiam espalhando matéria fecal por onde passavam. Após os consertos, a sujeira permanecia onde havia sido derramada.

Nem todas as casas foram equipadas com a latrina. O aparelho era instalado no melhor local de acesso aos tubos. Acabavam alojados num

quarto de dormir, num vão de escada, na cozinha. A razão do mau funcionamento se devia à pouca quantidade de água para arrastar os dejetos pelas tubulações. O Recife herdara do passado seus problemas com o fornecimento de água. Suas fontes internas eram escassas. Daí a prática de trazê-la do Beberibe, em Olinda.

O líquido chegava aos pontos de venda no Recife acondicionado em barris. Vinham abertos, recebendo respingos da água das marés. Somente em 1846, os canos da Companhia do Beberibe começaram a verter a água captada no Riacho da Prata em três chafarizes no bairro da Boa Vista. No ano seguinte, em Santo Antônio e Bairro do Recife. Mesmo assim, o fornecimento ainda era insuficiente. A população crescia. Aumentava o número de escravos libertos, pardos livres e brancos pobres. Todos os dias chegavam novas levas de portugueses em busca de fortuna. As secas provocavam substancial migração interna. O Recife não ficou imune à evasão de cativos para as cidades. Fugiam das fazendas despovoadas em busca de uma maneira de viver em liberdade, entre a gente livre.

A cidade era cenário de intensa atividade. As ruas, agitadas e barulhentas. À circulação de carros de bois e carroças tiradas a cavalo, se juntou a dos carros e cabriolés. A vozeria era intensa. Caixeiros gritavam na porta de suas lojas chamando a freguesia. As negras de tabuleiro ofereciam seus produtos. A cidade, cortada por dois rios, carecia de pontes. Nas ruas estreitas, o tráfico se comprimia. Os animais de carga ou os burros dos bondes empacavam. A lentidão irritava os transeuntes. Em outro local, o excesso de velocidade tornava-se um risco. Em vão, as posturas municipais definiam a forma de conduzir cabriolés, carruagens e animais de montaria.

A multidão de cativos nas ruas chamava a atenção dos viajantes e cronistas estrangeiros. Os escravos desempenhavam inúmeros serviços, praticando o comércio ambulante de comidas prontas, fazendas e miudezas. A condução de canoas, de passageiros ou de carga era realizada pelos negros. Buscavam água nos chafarizes esperando nas filas. Gritavam, discutiam, brigavam pela vez. Suas cantigas davam ritmo aos trabalhos. Cantos trazidos da África ou apreendidos na terra. Ritmavam o

passo vergado pelo peso da carga de açúcar, de tijolos ou dos terríveis *tigres*. Os moradores reclamavam da algazarra. Em 1859, a municipalidade passou a exigir que os escravos, após o toque de recolher, levassem um bilhete do seu proprietário justificando sua presença em via pública. Caso o dono não soubesse escrever, uma lanterna acesa.

Nas solenidades e procissões, as bandas de música eram indispensáveis. Encerrada a apresentação, no retorno aos seus quartéis, seguiam tocando e reunindo os seus adeptos. Uma curiosa barulheira abria caminho para as bandas, turbas de capoeiras, mulatos, escravos, forros e brancos pobres. Eram frequentes as disputas pessoais. A sociedade queixava-se em vão.

Quando Antônio Peregrino Maciel Monteiro concluiu seu doutorado, sua cidade há muito carecia de seus cuidados médicos. Só ele podia salvá-la. Não sofria dos males da alma que molestavam os recifenses. Era bem humorado e generoso com o próximo. O *doutor Cheiroso* não sabia o que era raiva nem desassossego.

Nascera em abril de 1804, em uma linda casa azulejada no Poço da Panela. Descendia de cultos e ricos funcionários portugueses. Os parentes possuíam cartas de brasão e fidalguia.

Aos 14 anos, enquanto o Recife padecia com a derrota da revolução de 1817 e as humilhações do governador Luiz do Rego, foi nomeado *Alferes de Honra*. Sua designação ocorreu em uma grande farra, regada com as melhores bebidas, na casa de seus pais.

Os recifenses ressentidos logo apelidaram o moço de *O Alferes do Vinho*. A alcunha não o ofendeu. Parece até que gostou dela. Não por criancice ou ingenuidade. Deixava-se levar por uma alegria natural, cheia de humor, imune ao clima de tragédia que o cercava.

Naquele tempo, já se podia apreciar nele a educação perfeita, a gentileza cuidadosa, a voz sonora, a palavra fluente. O entusiasmo juvenil não lhe comprometia a elegância. Sua exaltação era contida pela mansidão do timbre de voz, por gestos escassos e sinuosos. Não era bonito. A pele era cheia de espinhas. Tinha olhos castanhos doces e amorosos, mas a fisionomia era comum, meio rude, quase grosseira. Desde essa tenra idade, vestia coletes imaculadamente brancos. Uma obra prima da

alfaiataria que disfarçava um peito proeminente e protuso. Desses que o povo costuma chamar de peito de pombo.

Foi um estudante irreverente. Gostava de desacatar a autoridade dos professores. Punido, cumpriu pena na prisão estudantil da Rua do Hospício. Foi morar por lá, vestido e perfumado com apuro. Recebia seus visitantes com saudações festivas, sonetos improvisados, vinho do porto e pastéis de nata. O poeta Castro Alves era uma presença das mais festejadas. Logo o novo salão de recepções passou a ser frequentado por professores e eruditos. Os diretores da prisão estudantil, entre risos, tiveram que lhe encurtar a pena. Sua conduta cheirava à brincadeira, à desordem, à irreverência. Era um revolucionário sem qualquer risco.

Em 1823, Maciel Monteiro foi estudar na Europa. Doutorou-se em Paris. Apresentou o esboço de sua tese aos mestres parisienses, prometendo voltar com dados clínicos mais substanciosos. Pesquisava a inflamação das meninges do cérebro que dizimava as crianças e que o povo conhecia como *doença de menino*. Queria voltar ao Recife para cuidar de sua cidade consternada. Foi chegando e abrindo seu consultório particular, logo muito procurado. Pouco depois foi nomeado provedor municipal de saúde. Desde então, nunca mais teve tempo de pesquisar e escrever sua tese de doutoramento. A saúde de sua cidade clamava por cuidados. Gritava mais alto.

Três anos depois, casou com Ana Martins. Ela não era bonita, nem graciosa, nem educada, rica ou generosa. Nunca ninguém entendeu a razão da escolha, considerando-se que, na ocasião, ele não era mais uma criança. Completara os 28 anos de idade. Viveu pouco tempo com a mulher e dela não teve descendência. O divórcio prolongou-se em tumultuada partilha de bens.

Aproximou-se de seus pares e mestres. Correia Picanço era o facultativo mais famoso do Recife. Podia ser encontrado no Grande Hospital de Caridade ou no seu consultório da Rua Nova. Vestia-se com distinção. Casaca marrom de trespasse, colarinho branco, gravata de plastron, calça cor de musgo, botinas inglesas e chapéu de copa alta. Praticara a primeira operação cesariana em uma negra, salvando mãe e filho. Fora

médico de dona Maria I. Por tantos méritos, foi justamente agraciado com o belo título de barão de Goiana.

José Francisco Pinto Guimarães, formado em Lisboa, tinha casa e consultório na Rua do Livramento. Foi outro bom clínico. Chorou como um menino quando tomou conhecimento do uso do éter como anestésico geral. A partir da segunda metade do século XIX, vários outros médicos começaram a atuar no Recife: Francisco José Rodrigues e Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto; Francisco Dornelas Pessoa, Joaquim José Lopes, entre outros. Foram eles os mestres dos novos clínicos gerais como Monteiro e Mavignier. Alguns haviam se formado fora, outros no Rio de Janeiro, graças aos esforços e pioneirismo de Correia Picanço.

Maciel Monteiro era um homem de sociedade. Um sedutor. Frequentava todos os salões elegantes. De sarau em sarau, recolhia-se de madrugada. Acordava tarde, mas ainda em tempo de cuidar da medicina. Acatava seu celibato como um estado definitivo. Em uma ocasião, confidenciou a Abreu e Lima, outro solteirão:

— O amor é a essência da vida. A razão de ser do homem em todas as idades. Mas, se eu amasse, deveras sentiria as torturas e o desespero de Otelo. Eu não ousou.

Nessa época, já não havia nem mais a lembrança do Hospital Geral do Recife. No seu lugar havia uma escola de cirurgia prática instalada no Convento do Carmo. Lá, nos consultórios médicos instalados na Rua Nova, do Livramento ou ainda na botica de Cipriano Luiz da Paz, discutiam-se notícias sobre os progressos da medicina. O boticário era um homem culto, sempre ocupado em aviar suas receitas. Trabalhava todo o tempo de mangas de camisa e suspensórios de elástico franceses, bordados com flores de lis. Costumava formular um bom unguento:

Unto de porco – uma onça;
enxofre – 24 grãos;
calomelanos – 30 grãos;
10 grãos de sublimado corrosivo.

Nas boticas fermentavam comentários malévolos sobre os acontecimentos da nova sociedade recifense. Não se tem certeza se foi Maciel Monteiro, ele mesmo, quem compôs a trova. Sabia-se apenas que gostava de repeti-la, sorrindo, docemente:

A botica vende tudo;
vende de purga ao sudário;
só não vende, por cautela,
a língua do boticário.

Cipriano Luiz conversava e vendia pedaços de pedra-ume, ácido sulfúrico, casca de romã, amoníaco, água de Labarraque, essência de terebintina, bálsamo de copaíba, grãos de linhaça, pós de cantáridas, láudano, maná, folhas de malva e uma infinidade de coisas que só o padre Arruda da Câmara poderia classificar. As bichas e sanguessugas vinham de Hamburgo e de Lisboa. Pressionados pelos médicos, os boticários recusavam-se a indicar barbeiros para fazer sangrias. Agora, o ato era exclusivo dos cirurgiões e os barbeiros e peruqueiros encarregavam-se apenas de embelezar mulheres e vaidosos.

Os médicos definiam melhor sua profissão. Os atestados de óbito eram até então dados pelos vigários. O familiar explicava: “... passou mais de 10 dias botando o bofe pela boca”. O vigário atestava: *moléstia do peito*. “Pegou uma pancada de vento depois da sopa e se foi” O sacristão recomendava, vitorioso: *estupor*. Alguns riam. Outros criticavam. Maciel Monteiro elevava a voz sonora com indignação:

— Só nesse século foram registradas em Pernambuco 94 epidemias. De varíola, febre amarela, cólera morbus, disenteria, febre tifóide, beribéri, sarampo, coqueluche, difteria, escarlatina e influenza. Recife estava carente de hospitais e cemitérios. Jogavam-se os corpos dos escravos nas correntezas dos rios. Enterravam-se os pagãos no areal de Fora de Portas. Os ricos, no interior das igrejas.

Bom jornalista, Maciel Monteiro era redator de *O Carranca*. Nele, divulgava suas reflexões médicas e, para agradar os leitores, polemizava com o padre Carapuceiro. Certa feita mandou publicar:

Certa menina seduz
o frade Carapuceiro,
para dar-lhe sem dinheiro.
do francês alguma luz.
Fiou-se ela no capuz,
mas a coitada, se perde,
tais lições o frade deu
que, semeando francês,
ao cabo do nono mês,
um brasileiro nasceu.

Com essas e outras, começou a fazer a cidade rir devagarzinho. Doutor Maciel Monteiro ria desassombrado. No dia da publicação dessas trovas, riu-se às gargalhadas. A moléstia melancólica que acometera a cidade finalmente abrandava.

Suas brincadeiras faziam parte da sua vida de médico. Trabalhava com denodo no seu consultório particular. Os compromissos matutinos na assembleia provincial exigiam muito dele. Arrumava o discurso perfeito enquanto lhe vestiam o fraque. Quando falava, parecia dizer coisas longamente pensadas e amadurecidas. Nunca perdia o fio da meada. Mesmo entre cochilos. Certa vez, adormeceu na poltrona de uma sessão da Câmara. Discutia-se um projeto de posturas municipais. Acordado por um colega, foi logo dizendo:

Se há posturas de galinha,
há também municipais.
Aqueles produzem ovos,
estas, sono e nada mais.

Em 1831, com a abdicação de Pedro I, a repulsa pernambucana pelas ordens vindas do Rio de Janeiro transformou-se no temor de tornar a ser comandada por Lisboa. Preocupado em acalmar a exaltação dos ânimos, Maciel Monteiro fundou, na casa de dona Ana Cavalcanti de Albuquerque, a Sociedade Patriótica Harmonizadora. Na ocasião, discursou: “[...] nenhum serviço será mais importante que empenhar-se em propagar as luzes entre as massas do povo”.

Eleito vereador da Câmara Municipal, pensava dedicar-se à saúde pública. Na primeira semana de vereança, resolveu o caso do ourives Manoel Fernandes. Ele havia construído sua residência e mais sete casinhas, dando início a uma rua. Nela colocou uma placa: *Rua Manoel Fernandes*. Outras construções se ergueram no local. Os novos moradores quiseram mudar o nome da via pública. Tudo terminou em uma grande confusão eivada de tapas e tabefes. O litígio chegou aos ouvidos da Câmara de Vereadores que tentou impor um novo nome à rua. O tumulto contagiou os representantes do povo.

Nesse momento, Maciel Monteiro pediu a palavra. Com a eloquência de costume, propôs que a rua passasse a se chamar Rua da Concórdia. A sugestão foi recebida com aplausos e a questão encerrada, imediatamente. O médico iniciava sua brilhante carreira política.

A medicina e a organização do Estado haviam progredido. Em 1833, Monteiro escreveu um minucioso relatório sobre a epidemia de *cólera* que assolava a província. O governo, guiado por seus conselhos eficazes, pôde tomar as medidas para conter o mal. Em 1849, o Recife foi atingido pela febre amarela, trazida pelo brigue francês *Alcyon*. A moléstia espalhou-se pela cidade. Morreram duas mil e oitocentas pessoas. Foi designada para combatê-la uma comissão de médicos tendo à frente Maciel Monteiro. O mal foi completamente debelado.

Aos 33 anos, ao ser escolhido para Ministro dos Negócios Estrangeiros, demonstrou ser um diplomata experiente. Em 1839, quando caiu o Gabinete Conservador, reassumiu sua cadeira de deputado provincial. As galerias se alegravam com seus discursos. Usava e abusava de frases literárias naturalmente afetadas. Ninguém resistia à sedução de seus versos ou às suas maneiras estudadas. A voz sonora e máscula, a palavra fluente jamais interrompida por qualquer hesitação. Primava pela pureza de estilo, pela eloquência arrebatadora, o gesto moderado e agradável. Todos os seus discursos foram preparados com esmero. Mesmo durante a Revolução Praieira

Sendo sócio da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, resolveu fundar, no Recife, uma associação semelhante. Reuniu, no Convento do Carmo, todos os médicos que clinicavam na cidade. Profissionais de

todos os tipos. Havia brasileiros diplomados na Europa, portugueses, ingleses e escoceses de diversas escolas e orientações. A Sociedade de Medicina de Pernambuco foi fundada em 04 de março de 1841.

O discurso proferido então por Maciel Monteiro foi surpreendente. Ninguém nunca havia encarado a medicina de modo tão amplo e claro. Falou:

[...] Reparai, Senhores, na concatenação em que se acham todos os seres da natureza, em suas relações, suas dependências, suas afinidades; observai a correlação de todos os objetos humanos, sua estreiteza ou natural aproximação, e dizei se essas descobertas maravilhosas que têm ilustrado tantos Estados e têm mudado tão prodigiosamente a sorte dos Povos, têm sido ou não aperfeiçoadas pelas Associações Científicas, ou antes, por esse comércio recíproco e feliz que lhes dá o caráter próprio.

[...] volverdes, Senhores, as vistas para as Associações Médicas, a fim de ponderar e calcular sua utilidade e vantagem; fácil vos será conceber a excelência de seus resultados face à sociedade em geral; porquanto se encaminhando a Medicina à conservação da vida do homem, e ao aperfeiçoamento da sua organização, dois efeitos capitais se têm imediatamente de manifestar em relação à organização das sociedades, e vem a ser 1º o estado físico da população; 2º o seu estado moral e intelectual. Debaxo deste ponto de vista, pode-se dizer, com exatidão, que a Medicina é de todas as ciências a mais social; porque o homem é o primeiro e mais nobre elemento da sociedade, e a Medicina o considera e compreende em suas mais importantes e amplas relações. Porque resultando as faculdades do homem, considerando a complexidade da combinação de seus órgãos e infinitas modificações de sua maneira de ser fisiológica, e as condições do exercício dos seus direitos sociais e suas obrigações, dependendo dessas mesmas modificações orgânicas; é evidente que todas as considerações relativas a tais direitos e obrigações entram nos fenômenos fisiológicos, que fazem o objeto do estudo da Medicina.

Porquanto sendo a existência do homem o primeiro e maior objeto de seus cuidados e a conservação dela o mais

sagrado de seus direitos, ou sendo ela, por assim dizer, o homem mesmo; é palpável que ilegítimo seria o governo que na régia pública desconhecesse a obrigação de cuidar com desvelo da saúde e da vida da sociedade (permitam-me a expressão) fisiológica. Daqui resulta o complexo de regras sanitárias em cujo aperfeiçoamento trabalham sábios e governos [...] a fim de obstar os flagelos que em certas épocas infelizes, e em presença de circunstâncias especiais e às vezes inapreciáveis, surgem no meio das populações para alterar sua humanidade com cenas de horror e consternação [...]

[...] assim como não deveis perder de vista a educação física da população que, só submetida às regras da Higiene e Ginástica pode tornar-se válida, ativa, robusta, corajosa e sofredora; caracteres que distinguem todo o Povo amante do trabalho, da indústria e da liberdade.

Disse muitas outras coisas certas e bem pensadas. Deixava claro que compreendia a influência das tragédias vividas por Pernambuco no comprometimento da saúde de seus habitantes. Pois foi ele quem diagnosticou e tratou da sua melancolia, culpa e revolta convertidas em religiosidade aborrecida. Percebeu o esforço de recuperação da sociedade, através do progresso. Percebeu que os acirramentos políticos terminariam por se expressar em nova explosão de violência. Considerou a Praieira um mal inevitável. Procurou fortalecer o lado saudável da Sociedade. Ela era cada dia mais sensível às luzes que já alumiavam o horizonte.

Nessa época, ele tinha tanta atividade política e jornalística que só exercia a clínica quando solicitado por amigos. Então, dedicava-se ao doente de corpo e alma. Tinha uma alma enorme. Enchia de espírito tudo o que fazia.

Certa feita foi chamado para acudir o doutor José Eustáquio Gomes, que teve um ataque apoplético em sua residência, no mais afastado dos arrabaldes do Recife, o Poço da Panela. Conseguiu chegar lá em vinte minutos. Vinte minutos após a instalação da doença. Chegou ao mesmo instante do doutor Moraes Sarmiento, que veraneava no local.

Sua cidade foi se curando com o tempo. Tempos românticos. A Faculdade de Direito iluminava-se com o periódico “*O Século*”. Maciel Monteiro estava a postos. Já havia demonstrado ser um jornalista de amplas possibilidades. Havia escrito para *O Progresso*, *O Lidador*, *A União e A Carranca*.

A esta altura da vida era o mais perfeito dos conquistadores. Era admirável vê-lo abordar um grupo de senhoras. Chegava assim, meio sedutor, meio familiar, meio peregrino. Fazia-se confidente das senhoras matronas. Confidenciava a um grupo masculino:

— Os poetas amam diversamente. Não podem amar uma só mulher. É impossível que se reúna em um só corpo o ideal do belo! *Chanter, aimer et prier, voilà toute ma vie.*

Certa feita ele deixou escorregar do bolso do colete um fragmento de poema mais ou menos assim:

Ela se foi e com ela foi minha alma,
na asa veloz da brisa sussurrante,
que ufana do tesouro que levava.
Ia, corria, oh! Como vai distante [...]

Acostumou-se a se fingir apaixonado pela cantora de ópera Augusta Candiani Quando a atriz apresentou-se no Recife cantando *Norma*, escreveu no seu álbum:

*Se delinques de amor, ama-se o crime,
se te ameigas de amor, como és amena,
se te imolas de amor, quanto és sublime!*

Viajava frequentemente. Assim, como um zéfito, já meio engordado e entrado nos anos, foi espalhando seus belos poemas nos cadernos das belas, nos jornais, nos bolsos dos amigos. Nunca pensou em reunir sua obra. Vivia o momento rodopiando por entre os dias como o excelente bailarino que sempre fora. A Imperatriz Tereza Cristina gostava muito de dançar com ele. Pedro II frequentemente o escolhia como seu par. Aceitava a incumbência, caprichando nos valsejos, tentando minorar a

feitura de seu par. Deve ter lhe sussurrado palavras doces como estas que dedicou a Rosina:

[...] Mulher ou anjo ! Cumpre missão tua.
seja crença deleite, a fé doçura;
toda a terra ame ao céu nos seus prodígios,
adore o criador na criatura

A Lilia — pseudônimo de Anunciada Camila—, dedicou um poema intitulado *Amor Imaterial*. Dizia:

Dar-lhe o quanto há no peito de ternura
e a paixão enobrece e legitima:
e d´alma , que aos céus se ergue e se sublima
o perfume votar-lhe em aura pura.

A Rosita Laborda, cantora lírica que conheceu em Portugal, ofereceu essas rimas:

A ´strela dalva no céu desponta,
e logo a aurora nos sorri gentil.
Sucedo o dia, cuja luz derrama
por sobre os campos seus encantos mil.

Em 1850, ocorreu a inauguração do teatro de Santa Isabel. *O Pajem de Ajubarrota* foi a peça de estreia. A alegria e o deslumbramento dos frequentadores do belo teatro apagavam as lembranças heróicas do acontecido ali em 1817. No tempo em que o lugar tornara-se conhecido como Campo da Honra. Do outro lado, a Casa Amarela, construída para abrigar o Governo do Estado, compunha o cenário. Foi um burburinho de seges, fiacres e cabriolés com boleiros encasacados. Ônibus puxados por seis cavalos vindos de Apipucos, Olinda e Caxangá. Canoas transportando os endinheirados. Continuava sendo chique chegar ao trapiche do teatro pelo Capibaribe.

Maciel Monteiro era um homem de caráter. Suportou todas as pressões dos praieiros sem qualquer queixa. Naquele mesmo ano de 1850, tomado de generosidade, lutava pela anistia geral aos revolucionários

de dois anos atrás. Em 1852, foi nomeado diretor da Instrução Pública. Lutou pela fundação da Escola Normal do Recife.

Em 1853, foi nomeado ministro Plenipotenciário do Brasil em Portugal. Distante, sua presença no Recife era estranhamente forte. Nessa época, recebeu o título de 2º barão de Itamaracá. Sua vaidade conhecia os limites do ridículo. Ou não. Negou-se a aceitar a indicação de seu nome para uma vaga no Senado. Dizem que para não tornar público que já completara 40 anos, idade mínima exigida para o desempenho da senatoria. Seu grande amigo, o engenheiro francês Louis Vauthier, foi quem se encarregou de espalhar essa história encantadora. Passou a fazer parte do anedotário do Recife.

Faleceu em Lisboa de moléstia de curta duração. Seu enterro foi solene, cheio de pompas e figuras da realeza. O Recife sentiu a dor da perda. A Formosa, a cidade amante das revoluções, terrível como um exército em campo de batalha, recebeu a notícia com enorme tristeza. Prometeu não esquecê-lo jamais.



TEXTO 02



2. HISTÓRIA DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, ATUAL ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO, NO SÉCULO XIX

PROF. MIGUEL DOHERTY

*“Não se conhece bem uma ciência, si se
desconhece a sua história”.*

Claude Bernard.

INTRODUÇÃO

Voltemos o relógio do tempo para que possamos rememorar os acontecidos com nossa Sociedade de Medicina no século XIX.

Inserida num burgo com um desenvolvimento histórico gradual, elevado de vila a cidade independente de Olinda no século XVIII em 1823 e que se tornaria capital de Pernambuco em lugar de Olinda, em 15 de fevereiro de 1827.

Nosso Recife nos anos 40 do século XIX ainda era um pequeno lugarejo sob o domínio monárquico português e tinha se expandido de seus primitivos bairros do Recife Santo Antonio e S. José e que em 1843, passou a ter oito freguesias: Recife, Sto. Antonio, S. José, Afogados, Boa Vista, Graças, Poço da Panela e Várzea com 66.760 habitantes.

Época: 1841. Recife do Ontem.

Cortado por canais e rios que se abraçam num delta a lembrar dedos de uma mão a abraçar o mar imenso num gesto de carinho.

Recife qual donzela recatada protegida pelas suas praias e seu porto por uma muralha de arrecifes, mas também espojada em seu lamaçal de areia e mangues do estuário.

Recife, cidade das águas do mar e dos rios com os peixes, polvos, camarões, lagostas, caranguejos, siris, goiamuns, lambretas. a prover a fome de seus severinos.

Vegetação tropical, de cores fortes com seus arvoredos da Mata Atlântica.

Atracar de jangadas, saveiros e barcaças. Mar calmo e deslizar lento dos rios. com aragem fresca e perene.

Casas estreitas e longas, espremidas num abraço íntimo com suas casas vizinhas. ao longo de ruas estreitas e tortuosas com nomes poéticos.

Água abastecida em baldes, colhida de chafarizes.

Excrementos domésticos transportados nos “tigres”, se derramando pelas ruas empestando o ambiente com o mau cheiro exalado, despejados nos rios em companhia aos cadáveres de escravos.

Noites de penumbra mal iluminados por candeieiros de azeite de peixe ou carrapato. Mortos carregados nos braços de escravos em redes ou caixões em coches fúnebres puxados a cavalo em cortejo noturno a luz de archotes ou velas, com cantorias e rezas para serem sepultados em cemitérios ou jazigos de igrejas.

Transporte a cavalo ou em barcas pelos rios e as madames em cadeiras de arruar.

Realidade local da época. De um lado, as damas com suas saias rodadas e compridas, espremidas em espartilhos atendendo a moda de cintura estreita e quadris opulentos.

Do outro lado, médicos circunspectos que se destacam na comunidade, com vestes sóbrias com um casaco trespassado, colete e camisa de colarinho alvo, calça escura, botinas inglesas, cartola de copa alta, prontos para as visitas domiciliares, para o consultório ou para o Hospital da época, o Grande Hospital da Caridade na rua Nova, perto da esquina com a rua da Palma de números 96 e 97 espremido entre dois prédios.

Médicos a assistir pacientes com vomitórios, diarréicos ou sangrias pelas bichas ou ferro em brasa para as feridas e mezinhas ou com os fitoterápicos, atendendo a realidade local da época.

Epidemias várias assolaram a cidade favorecidas pelas precárias condições higiênicas locais e o escasso conhecimento das etiologias e terapêuticas

Vivia-se fase calma em província polêmica, de luta entre facções nativistas republicanas contra grupos fieis ao regime monárquico do poder português. Curta fase entre movimentos revolucionários históricos com excessos de liberalidade ou abusivo autoritarismo.

Um Recife ainda distante de uma civilização evoluída em termos de condição ambiental com hábitos de despejo nas ruas e rios dos dejetos domésticos e lixo que passaram a servir de aterro das ruas alagadas e dos pântanos, numa cidade construída em terreno baixo e pantanoso, sem a necessária infra-estrutura de esgoto e drenagem do sub-solo. “Cidade sem luz, sem água encanada, sem saneamento, sem a menor higiene, carente de hospitais, de transportes e de cemitérios”, segundo relato de Octavio de Freitas.

Evolução histórica cujos acontecidos geraram eventos que influenciaram nossa Sociedade médica, pelas diversas revoltas antecedentes e subseqüentes ocorridas em nossas terras, como a guerra dos Mascates de 1710, a revolução de 1817, a Junta de Goiana e a Convenção de Beberibe de 1821, a Confederação do Equador de 1824, a Revolução Praieira de 1848, a setembrizada de 1831, a carneirada de 1835, a revolta do quebra quilos de 1874, a campanha abolicionista iniciada em 1884. Fase de luta fratricida de desamor com o arcabuzamento de Frei Caneca em 1825 e as execuções dos revoltosos das varias revoluções e geradas pelos ideais libertários iniciados pela revolução francesa, as independências dos países americanos e em nossas plagas pelo grito de independência de Bernardo Vieira de Melo de 10 de novembro de 1710 e pela instalação da Seminário de Olinda em junho de 1800 gerando o espírito nativista dos pernambucanos pelo Bispo Azeredo Coutinho.

Libertação de Portugal só alcançada em 1822. Ironia do destino por D. Pedro I, que amputou Pernambuco dando autonomia às Alagoas e doando o lado oeste do rio São Francisco, a Comarca do São Francisco, à Minas Gerais e depois incorporado à Bahia, temporariamente, mas que dura até hoje.

Fase de ciúmeiras pela substituição de Olinda por Recife como capital de Pernambuco em 1827, gerando a disputa entre a elite tradicional nobre de Olinda dos senhores de engenhos com os comerciantes do Recife da área terciária dos mascates.

Época de contrastes díspares entre a concórdia e a discórdia, entre o esplendor e a miséria, entre a paz e a guerra, entre o amor e o desamor de nosso Pernambuco. Reflexos na evolução histórica social repetindo fases de progressos e de retrocessos de nossa Sociedade de Medicina.

Mas também, um Recife pleno de renovação pelas obras da época como o Teatro Santa Isabel, o Palácio do Governo, o Hospital Pedro II, o Ginásio Pernambucano, Casa da Cultura, a Assembléia, o Cemitério de Santo Amaro, frutos do empreendedorismo de Francisco do Rego Barros, o Conde da Boa Vista, do arquiteto francês Vauthier e do nosso engenheiro Francisco Mamede.

Na área cultural das recitas do Teatro Santa Isabel, das inaugurações do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, da Escola Normal, do início de nosso 1º jornal, a Aurora Pernambucana em 1821 e do Diário de Pernambuco e do Liceu Provincial em 1825 e criação do Curso Jurídico de Olinda em 1827 e da Escola de Engenharia em 1895

Época coincidente com a fase romântica mundial das artes, como na música com , Beethoven, Brahms, Chopin, Grieg, Liszt, Mendelssohn, Tchaikovsky, Verdi, Wagner.

Na literatura nacional com os trabalhos de Casimiro de Abreu, Castro Alves, Frei Caneca, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Jerônimo Vilella, Joaquim Nabuco, José de Alencar, José Mariano, Machado de Assis, Mario Sete, Martins Junior., Muniz Tavares, Natividade Saldanha, Nísia

Floresta, Nunes Machado, Oliveira Lima, Pereira da Costa, Regueira Costa, Silvio Romero, Tobias Barreto que marcaram nosso século XIX.

Mas, ao lado desse panorama cultural e progressista geral, seus videntes tinham uma estrutura ambiental acanhada ao lado de uma Medicina local atrasada e estacionária exercida por médicos numa ação isolada.

Medicação de uso popular de mezinhas de plantas ou de fórmulas de variadas substâncias que eram preparadas nas boticas repletas de vidros coloridos ao lado das especialidades da moda da época, na maioria francesas, uma vez que a França era a cultura dominante em todas as atividades da vida diária de nosso burgo.

Especialidades vendidas nas boticas, mas também nas casas de secos e molhados, nas feiras e até nos botequins.

Fase das grandes epidemias que assolaram o estado, 94 epidemias no século XIX, de varíola, febre amarela, malária, de cólera, de febre tifóide, sarampo, coqueluche, difteria, escarlatina, disenteria, beribéri e influenza.

Fase de tratamento costumeiro da cultura européia para as moléstias clínicas vigentes baseada nas sangrias pelas bichas para eliminação dos humores maléficos; nos vomitórios e diarréicos com o mesmo fim e dos cáusticos para tratamento das feridas.

Cirurgias correntes eram as talhas, as amputações, as hidroceles, as remoções de tumores superficiais e as amputações sem anestesia.

Cirurgias praticadas feitas sem anestesia, com os pacientes mantidos presos sustentados pelos braços fortes dos escravos na sala de cirurgia suja onde eram colocados numa mesa de madeira coberta de sangue coagulado de outras cirurgias. O cirurgião e auxiliar nem lavavam as mãos e com um avental usado e roupa de rua iniciavam o ato retirando dos bolsos os fios de sutura, e com a faca abriam o paciente, limpavam o sangreiro, extirpavam o mal, suturavam a ferida, faziam o curativo, mandando-o para o leito do hospital, sabendo que dificilmente escaparia.

Época de poucos conhecimentos e recursos, uma vez que só ocorreu o advento da anestesia com Morton nos EUA em 1846 e a noção de assepsia só surgiria na Europa com Pasteur e em 1865 com Lister.

No Recife, feita a 1ª cesárea em 1808 por Correia Picanço, sendo salvas a mãe e a criança e a 1ª cirurgia com anestesia geral em 1846 por Francisco Pinto Guimarães.

Vida social urbana do Recife monótona e sem graça com reuniões familiares a luz de velas ou candeeiros, saraus em teatros e associações onde se dançava ou as reuniões em festas de igrejas ou procissões.

Retrato fiel do nosso Recife para que possamos sentir a atmosfera e a realidade local e sua influencia na trajetória de nossa Sociedade Médica de 1841

Fundação de nossa entidade que não é um fato isolado no Tempo e na História.

Tem raízes no Passado que se projetam para o Futuro e que se entrelaçam, ora como semente, ora como fruto. Como o Homem e a Sociedade.

Como nossa Sociedade de Medicina de Pernambuco. Ora como fruto seco e esquecido de seu passado, ora saboroso e reverenciado, ao sabor de circunstâncias.

Nossa cultura e nossa entidade se identificam. Diversificação cultural e racial com sua miscigenação do índio, do negro e do branco português e do holandês e o aporte de suas saúdes, doenças e tratamentos diversificados.

Dessa cultura múltipla num meio ambiente igualmente contraditório desenvolveu-se uma realidade médico-cultural onde compatibilizou-se o disponível com o necessário.

Pernambuco e a Sociedade de Medicina são causa e efeito de uma realidade histórica.

Pernambuco e Sociedade num existir de altos e baixos num convívio de contrários.

Sociedade Médica de diversificadas origens, os naturais da terra ao lado dos franceses Classin e Theberge, do inglês Loudon, do italiano Leonesi e dos portugueses Eustáquio Gomes, assim como diversificadas formações médicas da Bahia e do Rio, de Portugal, da França, da Inglaterra, da Itália e da Bélgica.

Mescla de ideários. De um lado, legalistas monarquistas Maciel Monteiro e Eustáquio Gomes. Do outro, os revolucionários de 1817 ou 1824, Francisco Xavier Pereira de Brito, João Ferreira da Silva, Joaquim Serpa .

Convívio de contrastes, mas todos na busca de um ideário e do bem comum.

Nossa História Médica e nossa Sociedade são muito ricas e esquecidas. Antecedentes marcaram de iniciativas nossa história.

O 1º Hospital do Brasil foi o da Misericórdia na primitiva e demolida Igreja da Misericórdia de Olinda em 1540 contestada por alguns.

A 1ª História Médica do Brasil publicada foi “De Medicina Brasiliensis” de Piso e a 1ª História Natural do Brasil foi de Marcgrave, precursor de Linneus, cujo conjunto foi o “Historia Naturalis Brasiliae” publicado em 1648, ambos da comitiva de Nassau no país.

Foi nosso o 1º Código Sanitário das Américas do Conde de Montebelo, Presidente de Pernambuco em 1686 contra a febre amarela.

Acontecidos no século XIX se seguiram.

O 1º Anuário Estatístico Médico- Sanitário do Estado por Octavio de Freitas em 1896.

As 1ªs Escolas Médicas do Brasil, Bahia e Rio fundadas por Correia Picanço em 1888.

Mas o Passado tem reflexos no Presente de 1841.

E essa Sociedade e seus integrantes projetaram-se em outros eventos que marcaram nossa História e o cerne de nosso patrimônio cultural através de vários exemplos.

O 1º Instituto de Ensino Médico de Pernambuco foi criado pelo sócio fundador da Sociedade, José Eustáquio Gomes em 1818, a Escola de Ensino Prático no Hospital Militar no Convento do Carmo.

E a iniciativa de outro sócio fundador, Mavigner com a criação do Curso de Arte Obstétrica na antiga e já demolido Hospital do Paraíso em 1840.

E ainda a fundação da 1ª Farmácia Homeopática do país no Recife por Sabino Pinho e o 1º Plano Diretor do Recife pelo sócio fundador Aquino Fonseca em 1855.

As lutas pela saúde da população encetadas pela Sociedade tendo à frente os sócios continuadores Coelho Leite e Octávio de Freitas em 1888 contra a Companhia de Beberibe responsável pelo fornecimento d'água poluída pelo uso criminoso de cano-ladrão no Açude de Dois Irmãos para complementar a água da fonte límpida do Açude da Prata comprovado por exame laboratorial e confirmado pelo engenheiro Saturnino de Brito.

Nova campanha contra a mesma empresa pela Sociedade e Octávio de Freitas em 1899 por provocar intoxicação saturninica comprovada por laboratório e exame clínico dos pacientes por Comissão Especial e dado ciência ao Governador que deu apoio à empresa ocasionando a suspensão de Octávio de Freitas, além de despejo da Sociedade como inquilino da Inspetoria de Higiene, órgão do Governo, alegando ter necessidade da sala para instalar o quartel. Octavio de Freitas demite-se do cargo, mas pelo apoio recebido, os canos de chumbo são substituídos.

A fundação de nossa Sociedade deve ser fruto da História de Pernambuco em que o ideário de progresso guiou os seus passos.

A nossa Sociedade, desde seu nascer, tem seus objetivos expressos no seu discurso de abertura, nos seus Estatutos e nas Atas de seus Annaes.

Uma entidade marcada por seus objetivos sociais, de formação e divulgação da cultura médica, do exercício ético, de integração dos profissionais, da assistência em favor dos desfavorecidos, da colaboração com o poder publico para a melhoria sanitária da comunidade e essa tem sido sua História ao longo dos tempos.

O NASCER DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO

Um grupo de médicos graduados em centros médicos europeus aqui chegados na busca de uma Medicina mais avançada e compartilhada resolveu fundar uma Sociedade de Medicina com o estímulo e apoio de Francisco do Rego Barros, o Conde da Boa Vista, governante de Pernambuco, entre os quais deve-se salientar Eustáquio Gomes, João London, Morais Sarmento, Pedro de Souza Dornelas, Simplício Mavigner e o respeitado Maciel Monteiro, o 2º Barão de Itamaracá, entre outros.

Após várias reuniões preparatórias e aproveitando a experiência vivida em centros médicos evoluídos, principalmente da França, fonte tradicional na época de nossa formação em todos os setores.

Deve-se salientar o apoio firme e consciente do Governante de Pernambuco com sua visão progressista que trouxe tantos benefícios e progresso ao nosso Pernambuco que na sua avaliação crítica anteviu as perspectivas que a entidade científico-cultural traria para a comunidade, apoio importante para a atuação e continuidade da nova entidade, fato incontestado referido por Maciel Monteiro no discurso de instalação da Sociedade lhe prestando “um sincero tributo de gratidão e de estima”.

Outro ponto avaliado foi o local onde deveria ser instalada a nova entidade que fosse acessível e contasse com o apoio local. Teve seqüência a tradicional guarida dada as nossas instituições, repetidas em todas as principais cidades do país.. Foi escolhida com a concordância da Congregação do Carmo, que a Sociedade a teria como sede inicial à semelhança das demais entidades ali albergadas, o Liceu Provincial, atual Ginásio do Recife; o Hospital do Exército, atual Hospital Militar do Recife, numa união entre as estruturas de base de um país, a Educação, a Saúde, a Igreja, o Exército.

Decidida a fundação da Sociedade no Convento do Carmo, inicialmente marcada para o dia 1º de abril de 1841, mas remarcada para o dia 4 de abril de 1841, segundo aviso divulgado pelo jornal.

4 de abril de 1841! Domingo, 8 horas de uma manhã chuvosa.. Convento do Carmo.

Diversificada presença de participantes em concorrida cerimônia na Sala dos Atos.

Presença do presidente substituto da Província, Manuel de Souza Teixeira, Barão de Capibaribe, revolucionário de 1817; o Bispo Resignatário; o Comandante das Armas e naturalmente o grande incentivador da iniciativa, Francisco do Rego Barros, Conde da Boa Vista; o venerando médico Felipe Nery Rodrigues de Carvalho; além de 17 sócios

da nova entidade Antonio Peregrino Maciel Monteiro; Classin; Francisco Xavier Pereira de Brito; Guilherme May; João Ferreira da Silva; João Francisco de Oliveira; João José Pinto; João Loudon; José Eustáquio Gomes; José Francisco Pinto Guimarães; José Joaquim de Moraes Sarmiento; José Maria da Costa Paiva; Manuel Pereira Teixeira;

Pedro Dornelas Pessoa; Pedro Franklin Theberge; Simplício Antonio Mavigner; Ulisses Leonesi, além dos membros da Assembléia Legislativa e pessoas da comunidade.

Organizada a Mesa Diretora da solenidade composta pelo venerando Felipe Nery de

Carvalho. Este levanta-se e declara empossado como 1º Presidente da Sociedade de

Medicina de Pernambuco, o ilustre médico Antonio Peregrino Maciel Monteiro que pronuncia o discurso de praxe. Em seguida o Secretário- perpetuo da Sociedade, José Joaquim de Moraes Sarmiento leu o elogio histórico do falecido Dr. Manuel José da Rocha Lobo, encerrando a solenidade.

Maciel Monteiro pronunciou um discurso social memorável na instalação da Sociedade do qual apenas um trecho será transcrito:

...” a Medicina é de todas as Ciências a mais Social; porque o homem é o primeiro e mais nobre elemento da Sociedade e a Medicina o considera e compreende em mais e mais amplas relações: do que acabo de ponderar deduz-se naturalmente a necessidade rigorosa de aquinhoar

largamente a Medicina na distribuição da influência social , ou seja quando se trata de estabelecer direitos, ou seja quando se tem por fim determinar deveres. Porque resultando as faculdades do homem, resultando na sua complexidade da combinação de seus órgãos, e infinitas modificações da sua maneira de ser fisiológica e as condições do exercício dos seus direitos sociais e suas obrigações dependendo destas mesmas modificações orgânicas, é evidente que todas as considerações relativas a tais direitos e obrigações entram nos fenômenos fisiológicos, que fazem o objeto do estudo da Medicina. E se descendo destas abstrações se considerar a Medicina em as suas múltiplas aplicações à Sociedade, ou antes, em as incumbências que ela é chamada a desempenhar como elemento social, inúmeras são as hipóteses em que a sua influência se releva em prodigiosa escala e amplíssimo alcance, porquanto sendo a existência do homem o primeiro e maior objeto dos seus cuidados, e a conservação dela o mais sagrado dos seus direitos, ou sendo ela, por assim dizer, o homem mesmo, palpável que ilegítimo seria o Governo que na mesma régia pública desconhecesse a obrigação de cuidar com desvelo da saúde e da vida da Sociedade.”

Comentou Octávio de Freitas sobre esse pronunciamento: “Absolutamente modernos estes conceitos de 1841.”

Esta foi uma avaliação do discurso do Presidente da Sociedade no dia de sua instalação que expressa o espírito e o objetivo da entidade no seu iniciar.

Estava fundada a mais antiga instituição médica estadual do país, seguida pela do Rio e antecedida pela Academia Nacional de Medicina.

Ao longo das atividades firam considerados sócios os profissionais: Antonio Perigrino Maciel Monteiro, Cândido José de Lima, Classin, Felipe Nery Rodrigues de Carvalho, Francisco Xavier Pereira de Brito, Januario Alexandrino Caneca, João Ferreira da Silva,

João Francisco de Oliveira, João José Pinto, João Loudon, Joaquim de Aquino Fonseca, Joaquim Jerônimo Serpa, José Eustáquio Gomes, José Francisco Pinto Guimarães, José Joaquim Morais Sarmiento, José Maria da Costa Paiva, Manuel Ferreira Teixeira, Pedro Dornelas Pessoa, Pedro

Theberge, Simplício Antonio Mavigner, Ulisses Leonesi e Ph Vitorino Pereira de Carvalho.

Vejamos diversas avaliações ao longo do seu existir.

Os Estatutos da Sociedade de Medicina, elaborados em 9 de março de 1841, baseados no ideário de Simplício Antonio Mavigner, editor em chefe (termo do galicismo) com 8 títulos e 91 artigos, foram enviados previamente a instalação da entidade ao Governante da Província para sua apreciação, o qual após avaliação encaminhou à Sociedade com seu parecer:

“ Ilustríssimos Senhores- Revertendo a V.S.as. os inclusos Estatutos, que por parte dessa Sociedade me foram apresentados tenho de comunicar-lhes que esta Presidência há por bem aprovar inteiramente os mesmos Estatutos, e que satisfazendo as intenções de V.S.as. passa a remeter deles uma cópia ao Governo de Sua Majestade, afim de obterem a Imperial Aprovação. Deus guarde a V.S.as.” Palácio do Governo de Pernambuco. 27 de Março de 1842-(a) FRANCISCO DO RÊGO BARROS.

Ainda em 1842, o Conde da Boa Vista fez o seguinte pronunciamento à Assembléia Legislativa:”Uma Sociedade composta dos mais hábeis Facultativos desta Cidade instalou-se o ano passado, com o fim de melhorar a saúde de seus habitantes, estendendo, por seus esforços reunidos, o domínio da ciência benéfica de curar, as enfermidades do corpo humano.”

E em 1843, o eminente Governante voltou a comentar sobre a nova Sociedade:

“A SOCIEDADE DE MEDICINA não cessa de empregar o mais generoso esforço para melhorar a saúde pública, investigando as causas das moléstias endêmicas e o meio de extirpá-las, e propondo medidas e remédios mais para fazerem parar algumas, ocasionadas por incidentes que se podem remover.”

Vários exemplos de iniciativas em prol da Saúde Pública devem ser mencionados.

Numa determinada fase da década de 1840, surgiu uma droga LE ROY de uso comum e vendida sem controle médico vetada pela entidade médica e acatada pelo poder público. Outra questão debatida foi o da mudança dos estabelecimentos que empregavam fogos ativos nos centros urbanos, como exemplo as padarias pelo risco de incêndio, vetada pela Sociedade e acatada. Outra avaliação ocorreu com o rapé Vinagrinho acusado de ser tóxico para os consumidores e reabilitado após análise química rigorosa por comissão de farmacêuticos e médicos presidida por Mavigner.

Cuidou da aprovação pelo crivo crítico da autoridade pública e do exercício do controle sanitário de produtos de uso da comunidade.

Exerceu ainda um papel incentivador do médico estipulando prêmios por trabalhos científicos de pesquisa sobre temas de saúde pública, terapêutica, higiene pela Sociedade em 1842 para serem outorgados a partir de 1843.

Os temas selecionados para os próximos anos foram:

1843-“Indicar todas causas de insalubridade nesta cidade e os meios de as combater”.

1844- “Determinar quais, neste país, podem ser as causas da grande frequência dos cancros e ulcerações cancerosas do útero, os meios higiênicos que devem ser postos em execução para obstar a propagação ou para fazer de todo desaparecer esse mal, o tratamento especial contra essa enfermidade”;

1845-“ Fazer a análise química do suco da gameleira, e mostrar quais os princípios ativos, e os terapêuticos contidos nessa substância. Determinar, por uma série de observações exatas, a ação e modo de operar nesses medicamento sobre os hidronemicos; as diversas preparações que dele se podem fazer, e o melhor de o administrar.”

1846-“ Fazer a maior coleção possível das plantas e remédios indígenas, que tem sido ou podem ser aplicados às enfermidades já do homem, já dos animais. Determinar, por experiências terapêuticas, quais os efeitos desses remédios indígenas; e quais os remédios exóticos que podem substituir com vantagem.”

Os prêmios estabelecidos foram para:

1º colocado- Medalha de ouro no valor de 100 reis e 200 reis em dinheiro;

2º colocado- Medalha de prata no valor de 25 reis e 80 reis em dinheiro

Posteriormente melhoradas as dotações, para o 1º prêmio pela medalha de ouro 100 reis e 200 reis em dinheiro e para o 2º pela de prata 25 reis e 80 reis em dinheiro.

No programa das festividades de aniversário em 1843 foi transcrito o relatório da Comissão Julgadora e a solene entrega do 2º premio, uma vez que não houve um com mérito para ser o 1º lugar e Sarmento refere que só um concorrente apresentou-se e era estrangeiro, lamentando esse torpor para esse tipo de escritos.

Mais uma vez a iniciativa reflete o pioneirismo local promovendo a produção científica e instituindo prêmios estimulando esse desiderato.

Outras iniciativas devem ser relatadas traduzindo a qualificação da nova entidade. Antes de seu nascimento, a Sociedade de Medicina foi a pioneira em assistência social, prestando atendimento à população de parques recursos à rua do Cabugá, na casa D 12, às terças, quintas e sábados das 10h, anunciado nos jornais da época.

Ciente da necessidade da medicação para essa população carente, decidiu dar além da consulta sem ônus, fornecer gratuitamente a medicação . Nesse sentido convocou os gerentes de laboratórios para fazer concorrência de praxe prestando assistência completa e pagando com a dotação mensal dado pelo Governo Provincial à Sociedade.

A Sociedade de Medicina tinha como norma que o sócio efetivo pagaria 40\$000 de jóia e 3\$00 de mensalidade e o sócio correspondente a jóia de 60\$000.

Para ingressar como sócio efetivo, o candidato deveria apresentar um trabalho original, Manuscrito ou impresso, de recente data sobre qualquer ponto das Ciências Médicas ou que seja de importância para a ciência e que o autor mostre ter sólida e vasta instrução. O sócio com 20

anos de serviço à Sociedade ou que atingisse a idade de 75 anos seria se assim quisesse, ser considerado sócio honorário.

Previsto, quando a entidade passasse a ter condições favoráveis, a criação de um montepio para socorrer seus membros em dificuldades.

A Sociedade possuía um selo, cujo timbre tinha a efígie de Hipócrates e uma cobra onde lia-se na parte inferior a palavra HIPOCRATES e em torno a legenda SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO.

Possuía também uma medalha de ouro ou de prata para premiar autores de memórias postas a prêmio anualmente pela Sociedade, em que numa das faces tinha a efígie de Hipócrates e da outra uma cobra formando um círculo no centro de uma taça e em torno a legenda, SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO.

ANNAES DA MEDICINA PERNAMBUCANA

Os trabalhos feitos e apresentados em suas reuniões foram reunidos em um livro que continha os 6 números publicados e vendidos a população. Tinha 345 páginas sem anúncios e impresso nas oficinas gráficas de Santos & Cia. À rua da Cruz nº 36 e que tinha abaixo do seu título, versos dos Lusíadas de Camões:

“ Desta arte se esclarece o entendimento
Que experiências fazem repousando...”
Camões- Lus. Canto VI

A comissão de redação era composta dos seguintes médicos: Simplício Antonio Mavigner, Antonio Pirigrino Maciel Monteiro, Pedro Dornelas Pessoa, José Joaquim de Moraes Sarmento, João Loudon, João Ferreira da Silva, José Eustáquio Gomes e Joaquim de Aquino Fonseca, sendo redator em chefe Simplício Mavigner.

Os mais assíduos colaboradores com suas publicações foram Aquino Fonseca, Joaquim Sarmento e Simplício Mavigner,

...

Os Annaes começaram a circular no Recife em 1842, um ano após a fundação da Sociedade e seu ressurgimento com Prefácio do historiador Leduar de Assis Rocha, se deveu a outro historiador, Leonardo Dantas Silva, Diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação de Pernambuco, sendo a mesma a benemérita pela republicação desta importante obra.

O livro dos Annaes reúne os seis números das publicações feitas entre 1842 e 1844, onde estão as atas, discursos, pronunciamentos, estatutos, tudo que foi apresentado, atendendo o que preceitua seus Estatutos, artigo 46,

Outra das atribuições previstas nos Estatutos como atividade fim da Sociedade, o de zelar pela ética da profissão médica em seu artigo 86 e ainda mais de promover e manter a harmonia, a confraternização assegurando independência entre os membros que a compõem e sem detrimento e prejuízo de sua profissão, conforme o artigo 85.

De grande valor esta publicação pois revela a História médica da época, sua realidade e permitir entender a evolução técnico-científica a ocorrer aprimorando o exercício da assistência à população. É preciso lembrar que retrata a realidade de 170 anos atrás, antes do advento das conquistas dos anos posteriores.

Os Annaes retratam em seus seis números (I,II,III,IV,V e VI) assuntos diversos em vários setores como o básico e técnico-administrativo; o médico preventivo e casuística clínica; o de apoio e assessoria ao poder público nos seus números.

SETOR BÁSICO E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO:

NUMERO I

- Inseridos os eventos básicos do início da entidade, como o discurso inaugural do lançamento da Sociedade em 1841 do seu Presidente,

Maciel Monteiro onde encontram-se os propósitos propostos para a nova entidade e seu compromisso, eminentemente social.

- Os Estatutos com as regras a serem observadas para o devido exercício dos atos da Sociedade.

- A instituição do prêmio e tema dos trabalhos a serem apresentados e julgados no ano de 1843 sobre as causas da insalubridade nesta cidade e os meios de combater .

- Anuncio aos indigentes de consultas gratuitas nas 3^a, 5^a e sábados às 10h na casa D2 da Rua do Cabugá a partir de 31 de maio.

- No Proêmio (texto preliminar ou prefácio) pelo redator Mavigner é justificado o aparecimento dos Annaes por ser o canal de transmissão das idéias dos trabalhos da Sociedade para ciência da população do progresso da ciência em seu beneficio. Refere ser melhor a Higiene que a Terapêutica. e assinala que doenças antes raras, agora tem acometido grande parte da população como as erisipelas, as hidroceles, tísicas pulmonares, elefantíases arábica e grega, as febres intermitentes e remitentes com um tipo gravíssimo e sintomas adinâmicos. Importante determinar as suas causas e ao que parece não decorre do excelente clima local, mas da má higiene da cidade com suas ruas enlameadas, rios empestados de lixo, despejos das casas, animais mortos cadáveres insepultos, açougues e matadouros imundos, as sepulturas entulhadas de cadáveres ou seja a ausência da ação do homem para sua correção.

NUMERO II

- Discurso do vice- Presidente da Sociedade, José Eustáquio Gomes na sessão solene do seu 1º aniversario de instalação na ausência do Presidente Maciel Monteiro; programa dos prêmios dos anos 1844 e 1845;

- Anúncios aos indigentes que serão iniciadas as consultas gratuitas aos indigentes na casa D. 2 da rua do Cabugá nas 3^a, 5^a e sábados das 10 às 12h e que serão fornecidos gratuitamente pela Casa a partir de 1º de janeiro de 1843.

NUMERO III

- Relatório Dos trabalhos da Sociedade de Medicina no amo de 1841 á 1842 por José Joaquim de Moraes Sarmento;
- Denuncia em sessão da Sociedade de Medicina em abril de 1842 sobre a inundação da cidade ocorrida e suas conseqüências para a população e nesse sentido encaminha Representação ao Presidente da Província solicitando providencias.
- Programa dos prêmios dos anos de 1844 e 45

NUMERO IV

- Noticia necrológica do sócio correspondente Joaquim Jerônimo Serpa nascido no Recife em 1773 e aqui falecido em 1843 pelo Secretario perpetuo, Moraes Sarmento.
- Discurso de José Eustáquio Gomes na sessão solene de aniversário da instalação da Sociedade acerca das varias epidemias de bexigas

NUMERO V

- Noticia Necrológica do senhor Joaquim Jerônimo Serpa pelo Secretário perpetuo. o Sr. J.J.de Moraes Sarmento

NUMERO VI

- RELATÓRIO- Dos trabalhos da Sociedade de Medicina de Pernambuco no anno de 1842 para 1843 segundo as disposições do\$ 1º e 2º do art. 34 dos Estatutos pelo Secretário perpetuo Dr. José Joaquim de Moraes Sarmento.
- Programa dos prêmios para os anos de 1842 a 1843, 1844, 1845
- Advertencia- Pela morte do Sr.Dr. Loudom ficarão interrompidas as observações meteorológicas até que se preste a fazer o serviço- Redator em chefe
- Programa para o ano de 1846- Dr. Sarmento.

NUMERO VII

- Reflexões às reflexões sobre dois parágrafos do ultimo relatório dos trabalhos da Sociedade de Medicina pelo Sr. Dr. Joaquim d'Aquino Fonseca

SETOR MÉDICO- PREVENTIVO- CASOS CLÍNICOS:

NUMERO I

- As 7 questões do Programa das Boubas por Pedro Dornellas Pessoa

NUMERO II

- Constituição médica ou moléstias reinantes- Dr Mavigner
- Causas da hydrocele pelo Sr. Manoel Pereira Teixeira

NUMERO III

- Constituição médica ou moléstias reinantes- Dr. Mavigner

NUMERO IV

- Constituição médica ou moléstias reinantes- Dr. Mavigner
- De um caso de tracheostomia pela primeira vez praticado nesra cidade do Recife, no dia 21 de março de 1843 pelo dr. José d'Aquino Fonseca lido na sessão de 24 de abril na presença do individuo.
- Fitoterapia- História natural e médica do Agrião do Pará pelo dr. J. F. Sigaud

NUMERO V

- Constituição médica ou moléstias reinantes- Dr. Mavigner
- Das afecções uterinas e de sua freqüência em Pernambuco pelo Sr. Dr. Joaquim de Aquino Fonseca.
- Nota- Acerca de um casal que procriou alternadamente mudos e com fala. pelo Sr. Januário Alexandrino Caneca.

- Dois casos –Da operação de tenotomia pelo Sr Dr J.J. de Moraes Sarmiento.

- Breve noticia- Acerca da do Desembargador José Libanio de Souza pelo Sr. Dr. J.d'Aquino Fonseca.

SETOR DE APOIO E ASSESSORIA AO PODER PUBLICO

NUMERO I

- Meio ambiente- Observações meteorológicas de bairros do Recife por dr.João Loudon de janeiro a junho de 1842

NUMERO II

- Topographia da cidade do Recife pelo dr Joaquim Jerônimo Serpa.
- Resposta da Sociedade de Medicina à consulta que lhe dirigiu a Camara Municipal desta cidade acerca da venda do remédio Le Roy.

- Meio ambiente- Observações meteorológicas de barros do Recife pelo dr. João Loudon de julho a setembro de 1842

NUMERO III

- Ofício da Câmara municipal do Recife solicitando consulta à Sociedade de Medicina sobre o problema do desejo de remover da capital os estabelecimentos que empregam fogos ativos como as padarias e oficinas sempre solicita em coadjuvar as autoridades.

- Memória acerca do Jardim Botânico a ser fundado nas vizinhanças do Recife oferecido à Assembléia Legislativa da Província em 1841 pelo Sr. Filippe Mena Callado da Fonseca;

- Uso caseiro de vegetais pelos habitantes da Província pelo dr Joaquim Jerônimo Serpa

- Meio ambiente- Observações meteorológicas de bairros do Recife por dr.João Loudon de outubro a dezembro de 1842.

NUMERO IV

- Meio ambiente- Observações meteorológicas de bairros do Recife por João Loudon

De janeiro a março de 1843

- Meio ambiente- Seis meses de observações meteorológicas em Pernambuco- agosto a dezembro de 1842 pelo Sr.Dr. J.J.de M. Sarmento.

O INSTITUTO MÉDICO PERNAMBUCANO

Após a fase do promissor surgimento da Sociedade de Medicina de Pernambuco em 1841 e seu adormecimento em 1845 por 28 anos, seguiu-se uma fase quiescente quando médicos e farmacêuticos do Recife se reuniram desejando o acordar de uma sociedade médica.

Promoveram varias reuniões preparatórias congregando ilustres profissionais de saúde e resolveram o despertar da antiga Sociedade sob a denominação de Instituto Médico Pernambucano liderados por Cosme de Sá Pereira, Inácio Alcebíades Veloso, Antonio de Siqueira Carneiro, Augusto Coelho Leite, Constancio Pontual, Ermírio Coutinho, João da Silva Ramos, Joaquim Israel Cisneiros, Martins Costa, Rodolfo Galvão, Santa Rosa e outros, entre novembro de 1873 a 12 de fevereiro de 1874

Foi instalada a entidade às 20h de 18 de fevereiro de 1874 na sede da Sociedade Luso- Brasileira à rua do Imperador, 3, no antigo Gabinete Português de Leitura e para Octavio de Freitas em 1872,

Aprovados seus Estatutos e sua sede passou a ser esta, mediante um aluguel de quatrocentos mil reis ao ano por contrato.

Esse valor somado às outras despesas administrativas para o bom funcionamento da entidade era pesado para a pouca receita. O tema foi discutido pelos sócios , surgindo varias propostas.

Foi acordada a cobrança de uma jóia de vinte mil reis no ingresso do sócio e uma quota mensal de cinco mil reis, alem de uma taxa de dois mil reis por atestado de óbito firmado pelo associado como estímulo a cura dos pacientes e ainda uma quota extra para criação e manutenção de um posto de vacinação.

Eleito Presidente, Cosme de Sá Pereira e no seu período foi publicado um numero dos Anais do Instituto Médico Pernambucano em 1874 e a entidade manteve-se até 1876 para um novo adormecer por 10 anos

ASSOCIAÇÃO MÉDICO-PHARMACEUTICA PERNAMBUCANA

Em 1887, novo ressurgimento da Sociedade sob o nome de Associação Médico-Pharmacêutica Pernambucana sob a Presidência de Alcebíades Veloso e secretariada por Miranda Curio. Iniciada em 29 de maio de 1887 em sala da Inspetoria de Higiene de Pernambuco com o aval do Presidente da Província. A idéia inicial era de fundar uma entidade exclusivamente beneficente, sendo combatida por Cosme de Sé Pereira, cujos argumentos convenceram os presentes, passando a entidade a ter também um caráter médico- farmacêutico científico.

ATA DA ELEIÇÃO DE DIRETORIA.-SESSÃO DE 1.7.1817 Inspetoria de Higiene Publica de Pernambuco.

Eleitos pela Assembléia Geral

Diretoria Administrativa:Presidente- Ignácio Alcebiades Velloso
Vice-Presidente- Praxedes Pitanga.1º Secretário- Miranda Curio
2º secretário- Manoel Clementino Barros Carneiro

Comissão Econômica:

Thesoureiro- Ermírio Coutinho Procurador- Antonio Barros Sobrº

Comissão de Ciências Médicas:Antonio Carneiro da Cunha, Manoel Ferrão,Santa Rosa, Adolpho Simões Barbosa,Joaquim Loureiro

Comissão de Ciências Cirúrgicas: Constancio Pontual, Malaquias Gonçalves, Manoel Sá Barreto Sampaio, João Paulo Brito, Raymundo Bandeira

Comissão de Ciências Assessoras:Pharm. José Francisco Bittencourt, Augusto Seixas, João Castro Menezes,Matheus Oliveira, Alfredo Ferreira

Comissão de Redação:Rodolpho de Paula Lopes, Malaquias Gonçalves,Coelho Leite

A Associação teve uma evolução brilhante de suas sessões graças a participação de Cosme de Sá Pereira , Ermírio Coutinho e Miranda

Cúrio. Em 1887 as reuniões eram feitas na rua Nova onde depois instalou-se o Cine Royal.

Nessa fase, Octavio de Freitas entrou como sócio, Em 1892 foi publicado apenas um numero dos Anais do Instituto Médico- Pharmacêutica. Sobreviveu até 1889.

SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO

Seguiu-se uma fase obscura em relação a antiga denominação e a tradicional de Sociedade de Medicina

Novo despertar em 1891/92 com Ermírio Coutinho, seguindo-se Malaquias Gonçalves em 1892, Barros Sobrinho em 1894/96, Martins Costa em 1897, Carneiro da Cunha em 1898, Constancio Pontual em 1899/00, encerrando finalmente o século XIX

Segundo Octavio de Freitas em 1898 a entidade voltou a sua antiga denominação de Sociedade de Medicina de Pernambuco graças a Ermírio Coutinho com a reforma de seus Estatutos quando transferiu sua sede para a rua do Hospício,3, numa sala do Instituto Pasteur e também foi publicado em 1898 só um numero trimestral dos Anais da Sociedade de Pernambuco. Em 2001 teve inicio o século XX com novas histórias .

Durante o existir da Sociedade ela funcionou em vários locais: Convento do Carmo, rua Nova, Largo do Paraíso, rua do Hospício, rua da Imperatriz, Largo de Sto. Antonio para finalmente ir para sua sede definitiva na rua Osvaldo Cruz no século XX até hoje.

A Sociedade de Medicina atingiu seu apogeu no século XX sob a supervisão de Octavio de Freitas e suas diversas administrações subsequentes aos dias de hoje.



TEXTO 03



3. HISTÓRIA DOS CONGRESSOS PROMOVIDOS PELA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO

CLAUDIO JOSÉ PINA MOREIRA

No dia 26 de março de 1903, em reunião realizada no prédio do Instituto Pasteur, na Rua do Hospício, no Recife, um grupo de médicos, sentindo a necessidade voltarem a ter um órgão onde se pudessem trocar idéias e apresentar os casos clínicos interessantes, constituiu definitivamente a Sociedade de Medicina de Pernambuco, e elegeu como seu presidente o dr José Octávio de Freitas que, nestas funções, permaneceu até 16 de abril do mês seguinte. Logo, a nova entidade se fortaleceu e as reuniões mensais se sucederam. Poucos anos depois, estes mesmos médicos, preocupados em congregar a classe e interligá-la com as diversas atividades correlatas (direito, agronomia, engenharia, odontologia, farmácia e veterinária), lançaram a idéia da realização de um congresso que tratasse dos problemas comuns e oferecesse soluções às autoridades.

Não era a primeira vez que um congresso médico se realizava no Brasil. Após três tentativas frustrantes, no Rio de Janeiro (1849), na Bahia (1868) e em São Paulo, ocorreu no Rio de Janeiro em 1888 o primeiro congresso médico em nossas terras por iniciativa de Oscar Bulhões e Azevedo Sodré, seguido de outro, na mesma cidade, em 1889, na Bahia em 1890, novamente no Rio de Janeiro em 1897 e, em 1903, e. em São Paulo, em 1907.

O 1º Congresso Médico em Pernambuco aconteceu em 1909, seguido por outro em 1916. Diversos motivos, provavelmente dificuldades financeiras ou desinteresse, fizeram com que um 3º congresso pre-

visto não se realizasse. Só em 1923, por iniciativa de Antônio Austregé-silo, médico pernambucano radicado no Rio de Janeiro, ocorreu uma reunião no Recife, seguida, no ano seguinte, por uma semana médica. Já em 1931, quando estava à frente dos destinos da Sociedade de Medicina o dr Barros Lima, tiveram início as Reuniões Anuais, um tipo de congresso local, no Recife, onde os médicos tinham a oportunidade de apresentar e discutir os casos, além de se atualizarem. Ressalte-se o grande número de professores da Faculdade de Medicina do Recife que procuravam mostrar seus casos clínicos curiosos ou observações pessoais. Só em 1949, quando era presidente o dr Joaquim Cavalcanti, os congressos voltaram a ocorrer, desta vez com objetivos estaduais, levando os encontros para as cidades do interior. Durante um período, existiram as reuniões e os congressos no mesmo ano, cada um com apresentação de temas livres inéditos. Hoje, ficou apenas o congresso. Grandes decisões e resoluções foram tomadas em reuniões que ocorreram por iniciativa da Sociedade de Medicina durante os encontros: necessidade de união da classe médica, honorários profissionais, planos de saúde, cooperativismo, direito médico. No entanto, verifica-se hoje que, apesar do enorme trabalho desenvolvido pela diretoria da Associação Médica de Pernambuco para a realização de eventos de grande porte, houve um desinteresse dos médicos de um modo geral, com progressiva redução do número de trabalhos apresentados nas sessões de temas livres e a quase ausência dos professores universitários. Vários fatores podem ser considerados, mas um deles, certamente, é o grande número de congressos das especialidades, com exigência de pontuação para a atualização dos títulos de especialistas.

Uma das grandes dificuldades em se resgatar o passado, como foi neste caso, é a falta de vários documentos que deveriam fazer parte do arquivo da instituição. Alguns livros de ata não foram encontrados, bem como não fazem parte do acervo muitas das programações que foi distribuída aos congressistas. Tivemos que recorrer, além dos documentos que fazem parte da Secretaria e da Biblioteca da Associação Médica de Pernambuco, aos jornais micro-filmados do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, e ao arquivo pessoal de alguns profissionais, para

que a história dos congressos e parte da história da Associação Médica de Pernambuco pudessem ser contadas.

1º CONGRESSO MÉDICO DE PERNAMBUCO, 1909.

Em 1º de outubro de 1907, quando estava à frente dos destinos da Sociedade o dr Leopoldo de Araújo, o dr José Octávio de Freitas, mais uma vez levantando a bandeira da modernidade e das novidades, juntamente com Arnóbio Marques, Joaquim Loureiro, Vicente Gomes e Augusto Chacon, lançou a idéia da realização de um congresso médico em Pernambuco, proposta que logo foi aprovada. Uma comissão foi nomeada para tratar do assunto, tendo como presidente o dr Joaquim Loureiro, como vice-presidente o dr Arnóbio Marques e como secretário o dr Octávio de Freitas. O 1º Congresso Médico de Pernambuco estava previsto para ocorrer na primeira quinzena de dezembro de 1908, mas “circunstâncias diversas que não vem a pelo memorar neste momento”, conforme se acha escrito nos anais do congresso, adiaram por duas vezes o evento. Foram escolhidos como membros da Comissão Executiva: Herculano Bandeira de Melo, governador do Estado – presidente de honra; Joaquim Loureiro – presidente: Arnóbio Marques – vice-presidente; José Octávio de Freitas – secretário geral; Costa Ribeiro – tesoureiro; Augusto Chacon e Vicente Gomes, secretários adjuntos. Presidente das sessões plenas: Barreto Sampaio; presidente da secção de Medicina: Alfredo Gaspar; presidente da secção de Cirurgia: Vieira de Melo; presidente da secção de Higiene: Fernandes Barros; presidente da secção de Terapêutica: Martins Costa.

O 1º Congresso Médico Pernambuco teve sua sessão inaugural no Teatro de Santa Isabel, no Recife, no dia 25 de abril de 1909, constituindo-se uma grande festa com a presença das altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. A cerimônia foi aberta pelo dr Joaquim Loureiro, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco, que logo passou a presidência do congresso ao dr Barreto Sampaio. Estavam inscritos sessenta e três médicos, nove farmacêuticos, dois dentistas, dois

bacharéis em Direito e cinco engenheiros. Quarenta e quatro trabalhos das mais diversas especialidades foram apresentados e discutidos em sessões realizadas no Liceu de Artes e Ofícios, na Praça da República, além de exposição de produtos farmacêuticos e de visitas a diversos estabelecimentos médicos e hospitalares. Entre as propostas apresentadas estava a da criação de uma escola livre de medicina no Recife, idéia de Octávio de Freitas e defendida pelo bacharel Durval de Brito, já que aquele fora obrigado a se ausentar das sessões devido ao falecimento de seus dois únicos filhos em menos de 24 horas logo após a abertura do congresso; a idéia foi rejeitada devido ao parecer contrário dos drs Arnóbio Marques e Joaquim Loureiro. Mas foram aprovadas, entre outras: a necessidade de ser feito o saneamento do Recife pela confecção de uma nova rede de esgotos; de se restabelecer a escola de enfermeiros mantida no Hospital Pedro II; de se criar uma colônia para alcoólatras; de se construir uma maternidade anexa ao Hospital Pedro II; de se instituir o registro sanitário das habitações do Recife; e de se decretar o exame médico obrigatório dos nubentes. O encerramento das sessões científicas ocorreu no dia 02 de maio; e um grande banquete realizou-se no dia 06 seguinte nos salões do Clube Internacional do Recife, na Rua da Aurora. Todos os trabalhos apresentados, bem como os comentários e as discussões, foram publicados no ano seguinte em um grosso volume com mais de 700 páginas.

2º CONGRESSO MÉDICO DE PERNAMBUCO, 1916.

Estava prevista a realização de um novo congresso em 1912, tendo como presidente da comissão executiva o dr Octávio de Freitas. Motivos que desconhecemos fizeram com que a idéia não vingasse de imediato. Só em fins de 1915 foi que Octávio de Freitas relançou a proposta, que foi aceita pela maioria da classe. E o 2º Congresso ocorreu entre os dias 15 e 24 de outubro de 1916.

O Governo do Estado prestigiou a comissão organizadora tanto do ponto de vista “material como moral”. Faziam parte da comissão: Octá-

vio de Freitas, presidente; Leopoldo Araújo, vice-presidente; João Amorim, secretário geral; bacharel Antônio Ignácio, secretário adjunto; Francisco Clementino, tesoureiro; e Edgar Altino, orador. A última sessão preparatória ocorreu em 13 de outubro de 1916, na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, localizada na Praça Saldanha Marinho, quando foram eleitos os membros da mesa efetiva: Presidente efetivo – Arnóbio Marques; presidente de honra – Manoel Borba, governador do Estado; presidentes honorários – Constâncio Pontual, Barreto Sampaio, Clementino Fraga e João Garcia Frota (os dois últimos professores da Faculdade de Medicina da Bahia); vices-presidentes – engenheiro Pierre Collier, bacharel Octávio Tavares, professor da Faculdade de Direito do Recife, cirurgião dentista Antônio Fraga Rocha, farmacêutico Braga Guimarães, agrônomo Feliciano Rocha e o abade Pedro Roeser, do Mosteiro de São Bento; secretários – Cruz Ribeiro, Costa Pinto, bacharel Adauto Acton e engenheiro Eugênio Ozório.

Pelo menos 130 pessoas estavam inscritas, entre médicos (a maioria), dentistas, advogados, farmacêuticos, engenheiros e veterinários de várias cidades de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, Alagoas e Bahia, inclusive uma médica de Salvador. A sessão inaugural ocorreu às 13 horas do dia 15 de outubro no Teatro do Parque, no Recife, sob a presidência do governador Manoel Borba; na ocasião, o dr Edgar Altino pronunciou uma conferência sobre “Doutrinas médicas contemporâneas”.

Além da parte social com visitas às obras de Gurjaú, a Camaragibe (onde ocorreu um piquenique), ao hospício de alienados da Tamarineira, aos Dispensários Octávio de Freitas e Lino Braga, às obras do Porto do Recife, ao Matadouro Modelo de Peixinhos, ao Instituto Pasteur, ao Instituto dos Cegos e ao Hospital Pedro II, foi inaugurada uma exposição de produtos médicos e engenharia sanitária no edifício da Faculdade de Direito, onde ocorreram as sessões durante o expediente da tarde. Estavam inscritas para serem apresentadas: 14 memórias de Clínica Médica, 06 de Cirurgia Geral e especial, 16 de higiene, medicina judiciária e engenharia sanitária, e 06 de microbiologia, veterinária e zootecnia.

Foram aprovadas, entre outras, as seguintes propostas: que os poderes públicos municipais estendessem cada vez mais a área calçada da cidade do Recife, reconhecendo o valor nocivo das poeiras; que os poderes públicos estadual e municipal consignassem dotação orçamentária suficiente para a manutenção e funcionamento do Instituto de Proteção e Assistência à Infância e do Dispensário Lino Braga; e que os poderes públicos fiscalizassem e até proibissem estábulos dentro do perímetro urbano da capital.

A última sessão se deu em 22 de outubro, no salão nobre da Faculdade de Direito, sendo aclamada a comissão do 3º Congresso presidida pelo dr Pereira de Lyra; no entanto, este congresso não ocorreu, provavelmente por desinteresse da classe. Houve, ainda, um Te Deum na Matriz da Boa Vista, como parte das cerimônias. O banquete de encerramento realizou-se no Clube Internacional do Recife, na Rua da Aurora, onde discursou o dr Lins e Silva.

1ª REUNIÃO MÉDICA PERNAMBUCANA, 1923.

Durante quase sete anos não se ouviu falar de outro congresso médico em Pernambuco, mesmo já existindo em funcionamento a Faculdade de Medicina do Recife desde 1920. Foi então que o professor Antônio Austregésilo, pernambucano radicado no Rio de Janeiro, “lembrou” à Sociedade de Medicina de Pernambuco a realização de uma reunião médica, evento que “vinha fazendo o maior sucesso nos grandes centros de civilização”.

Organizado pela Sociedade de Medicina de Pernambuco, o ato inaugural ocorreu na sede da mesma, no Recife, sob a presidência do professor Arnóbio Marques em 21 de fevereiro de 1923, com a presença do dr Amaury de Medeiros, diretor do Departamento de Saúde e Assistência.

Quarenta e três trabalhos médicos foram apresentados e discutidos durante os sete dias da reunião, cujas sessões ocorreram na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, entre eles: “Assistência hospitalar”, pelo dr Octávio de Freitas; “Da conduta do parteiro na pla-

centação baixa”, pelo professor Selva Junior; “Causas da mortalidade infantil; meios de combatê-las”, pelo dr Armando Tavares; “Choques traumáticos”, pelo professor Arnóbio Marques; “Toxifilias; meios profiláticos individuais e coletivos”, pelo professor Alcides Codeceira, que fez comentários sobre as desgraças físicas e morais produzidas por tóxicos, principalmente pelo álcool, cocaína, morfina e éter.

A sétima e última sessão ocorreu no dia 01º de fevereiro, quando o professor Antônio Austregésilo pronunciou uma conferência sobre “Encefalite letárgica”, sendo saudado pelo dr Fernando Simões Barbosa e pelo dr Amaury de Medeiros.

SEMANA MÉDICA, 1924.

Com grande concorrência e grande brilhantismo, de acordo com o que descreveu a imprensa, a Sociedade de Medicina de Pernambuco promoveu a Semana Médica entre os dias 27 de outubro e 1º de novembro de 1924. As sessões ocorreram no salão de conferências do Departamento de Saúde e Assistência do Estado, com a presença de médicos, farmacêuticos, estudantes de medicina e de direito, funcionários da repartição, homens de letras e outras pessoas.

Os trabalhos foram abertos pelo dr Amaury de Medeiros, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco e diretor do DAS, que falou sobre a finalidade do certame científico e elogiou a personalidade do professor Prado Valadares, ali presente, convidando-o para presidente de honra. O professor Octávio de Freitas fez uma palestra sobre “As águas de alimentação no Recife sob o ponto de vista higiênico”. As sessões seguintes ocorrem à noite no mesmo local da cerimônia de abertura. Entre os vinte e quatro trabalhos apresentados estavam: “Relações das profissões com as ectasias e afecções cardíacas”, do dr João Marques; “Assistência e higiene pré-natal”, pelo dr Selva Junior; “Perigo social das altas intoxicações digestivas”, pelo estudante de medicina Mateus de Lima.

Os participantes da reunião fizeram uma excursão à Gurjaú, tendo à frente o dr Amaury de Medeiros e o professor Prado Valadares. Ao grupo foi oferecido um almoço no engenho Santo Estevão, em Prazeres.

Durante os debates, o dr Amaury de Medeiros solicitou aos membros da reunião que fomentassem e auxiliassem em todos os Estados a criação de cursos de enfermeiras e visitadoras. E o dr Lins e Silva fez votos pela nacionalização dos estudos médico judiciários como o primeiro passo para a realização necessária e imprescindível de uma medicina legal brasileira. Já o dr Edgar Altino declarou em seu trabalho que “o criminoso é um indivíduo anormal cujo crime, ato anti-social, é o resultado do conflito entre a anomalia antro-po-psicológica do agente e as condições de existência social, em dado meio telúrico”.

A cerimônia de encerramento da reunião ocorreu no dia 1º de novembro, ocasião em que o dr Amaury de Medeiros ofereceu ao dr Prado Valadares uma estatueta representando a “Glória”. Foi prestada uma homenagem ao visitante com um almoço no Restaurante da Exposição de Pernambuco (no bairro do Derby).

1º CONGRESSO INTERNO DE MÉDICOS DE PERNAMBUCO, 1931.

Sob a presidência do dr Barros Lima, a Sociedade de Medicina de Pernambuco teve a iniciativa de realizar o 1º Congresso Interno de Médicos de Pernambuco (que no ano seguinte passou a denominar-se Reunião Anual). A sessão inaugural ocorreu às 20 horas do dia 16 de setembro de 1931 no salão de conferência do Departamento de Saúde Pública, com a presença de médicos da capital e do interior, e a presidência do dr Barros Lima, que convidou o dr Jansen de Melo, diretor dos serviços sanitários do Estado, a presidir os trabalhos da sessão científica. Estava presente o dr Octávio de Freitas, diretor da Faculdade de Medicina do Recife. Discursou o professor Fernando Simões Barbosa, que chamou a atenção para a necessidade de coesão da classe, já que medicina não

tinha como finalidade a ação isolada dos seus representantes; o indivíduo deveria ser substituído pela idéia de grupo.

O Congresso foi dividido em cinco reuniões, com apresentação de trabalhos de temas escolhidos e de temas livres, com sessões diurnas no Hospital Pedro II e no Hospital de Santo Amaro e, noturnas, no Departamento de Saúde Pública.

Entre os diversos trabalhos apresentados, salientaram-se: “Mensuração geométrica da aorta”, pelo radiologista Aguinaldo Lins; “Anestesia retal pelo éter óleo” quando não fosse possível a anestesia local nos casos de intervenção na cabeça e no pescoço, pelos drs Romero Marques e Pessoa de Campos; “Cardiopatia e trabalho industrial”, pelo dr Geraldo de Andrade; “Blastomicose produzida por nova espécie descoberta no Recife”, pelo dr Jorge Lobo.

O congresso foi encerrado com um “lauto almoço” no parque do Hospital de Alienados, no bairro da Tamarineira, no dia 19 de setembro, durante o qual discursaram o professor Edgar Altino e o dr Costa Pinto. Foi aprovada a proposta do dr Valdemir Miranda solicitando que se fizesse uma representação ao ministro da Educação e Saúde pedindo para Pernambuco uma filial do Instituto Osvaldo Cruz, idéia lançada anos antes pelo dr Amaury de Medeiros. Encerrou a solenidade o professor Fernando Simões Barbosa.

2ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1932.

Teve início no dia 19 de dezembro de 1932, obedecendo à deliberação da diretoria da Sociedade de festejar a passagem do jubileu de ouro profissional do professor Adolpho Simões Barbosa, “esse certame que tem por escopo o conagraçamento dos membros de nossa classe médica da capital e do interior com o fim de serem estudadas questões de ordem científica”. A solenidade se realizou no salão nobre do Departamento de Saúde Pública, presidida pelo professor Edgar Altino, que convocou o

dr Décio Parreiras para presidir os trabalhos. O dr Geraldo de Andrade pronunciou uma palestra sobre os modernos problemas da medicina.

As sessões diurnas foram realizadas no Hospital Pedro II e as noturnas, no DSP. E os trabalhos científicos foram apresentados até o dia 21. No dia seguinte, feriado médico em homenagem ao dr Adolpho Simões Barbosa, não houve expediente nos consultórios da capital. Ocorreu, às 12h30min, um almoço de encerramento da 2ª Reunião Anual realizado no parque de diversões do Hotel de Beberibe, ao ar livre. O dr Edgar Altino leu um plano de interesse da classe organizado pelo Sindicato Médico Brasileiro. E o professor Monteiro de Moraes ocupou-se da personalidade do homenageado.

3ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1933.

A sessão de abertura ocorreu às 20 horas do dia 16 de setembro de 1933, no salão nobre do Departamento de Saúde Pública, sob a presidência do dr Octávio de Freitas, diretor da Faculdade de Medicina do Recife. Foi orador oficial o dr João Amorim, presidente da Sociedade de Medicina.

Temas oficiais discutidos e que foram aprovados na reunião do ano anterior: “Tratamento cirúrgico das seqüelas da paralisia infantil”, pelo professor Barros Lima; e “Doenças mentais e sinusites”, pelos drs Arthur de Sá e Gildo Neto. As sessões ocorreram na sede do DSP e no Hospital Pedro II, sendo apresentados 23 trabalhos, em sua maioria de comunicação de casos observados nos consultórios e nos hospitais, como “um caso de monstro rinocéfalo”, pelo dr Aggeu Magalhães. O almoço de encerramento da reunião anual foi realizado no Parque de Dois Irmãos no dia 23 de setembro, quando foram homenageados os professores João Amorim e João Marques, e foi ressaltada a importância do certame.

4ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1934.

No dia 17 de setembro de 1934 ocorreu a sessão inaugural no salão nobre do Departamento de Saúde Pública, sob a presidência do dr Décio Parreiras, diretor dos serviços sanitários. Discursou o dr Waldemir Miranda que falou sobre a importância da atividade médica no Recife, especialmente depois da fundação da Faculdade de Medicina. As sessões científicas, em número de cinco, ocorreram na sede do DSP, no Hospital Pedro II, no Hospital de Doenças Nervosas e Mentais, e em cada uma foram apresentados e discutidos cerca de dez trabalhos.

Temas oficiais: “Fígado e metabolismo glicoregulador”, pelo dr Nelson Chaves, e “Da educação sexual. Sua exequibilidade em Pernambuco”, pelo professor Fernando Simões Barbosa. Na sessão de encerramento foi feita uma homenagem ao professor Francisco Clementino, que deixara as atividades profissionais. O almoço de cordialidade médica, presidido por Octávio de Freitas, ocorreu no Hotel Central.

5ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1935.

No salão de conferências do Departamento de Saúde Pública teve início às 20 horas do dia 16 de setembro de 1935 a 5ª Reunião Anual da Sociedade de Medicina de Pernambuco, sob a direção do dr Amílcar Barca Pellon, diretor do DSP, e com grande presença dos estudantes de medicina. A sessão foi aberta pelo dr José Médicis, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. O dr Edgar Altino, orador oficial, fez um discurso, falando sobre um estudo histórico da medicina. Temas oficiais: “Incidência das doenças mentais em relação às raças em Pernambuco”, por Ulisses Pernambucano, e “Indicações de esplenectomia”, por Barros Lima. As sessões ocorreram no DSP, no Hospital Pedro II e no Hospital de Santo Amaro, com apresentações de diversos trabalhos (estavam ins-

critos 43). A sessão de encerramento foi realizada no Departamento de Saúde Pública, no dia 18 seguinte.

6ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1936.

Temas oficiais: “Arteriografias”, por João Alfredo; e “Como precisar o diagnóstico de aortite sífilítica”, por Luciano de Oliveira. A sessão de abertura, presidida pelo professor Mário Ramos, ocorreu no Departamento de Saúde Pública, sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, no dia 27 de outubro de 1936. O dr Aluisio Bezerra Coutinho fez a oração principal, analisando detidamente as características da produção científica de Pernambuco. A imprensa registrou a apresentação de 36 trabalhos ou relatos de casos. A sessão de encerramento realizou-se no dia 29 seguinte sob a presidência do dr Barros Lima, diretor da Faculdade de Medicina.

7ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1937.

Em sessão pública realizada no salão de conferências do Departamento de Saúde Pública, com o comparecimento de sócios, médicos e estudantes de medicina, teve início no dia 16 de setembro de 1937 o ato inaugural da 7ª reunião, sob a presidência do dr Barros Lima. Foi orador oficial o dr Arnaldo Marques, fazendo um histórico das reuniões e comentando sobre o papel do médico. Em seguida, o dr Aguinaldo Lins apresentou seu relatório sobre “Sombras arredondadas intra-torácicas”, utilizando-se de “projeções iluminadas de chapas radiográficas”; outro relatório foi discutido no dia 17, sob o tema “Fraturas do ante-braço”, pelo dr Barros Lima. 34 trabalhos inscritos foram apresentados em sessões ocorridas no DSP, no Hospital Pedro II e no Hospital de Santo Amaro. No dia 18 de setembro realizou-se a sessão de encerramento.

8ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1938.

Temas oficiais escolhidos no ano anterior: “Etio-patogenia das elefâncias da perna”, pelo dr Rinaldo Azevedo, e “Estado atual das vesiculites e seu tratamento”, pelo dr Pessoa de Campos (trabalho lido pelo dr Edson Victor). A sessão solene de abertura ocorreu no dia 21 de setembro de 1938, no salão nobre do Departamento de Saúde e Assistência, sob a presidência do dr Aguinaldo Lins, e com a presença de diretores de hospitais, de médicos da capital e do interior e de representantes da imprensa. Orador oficial: dr Geraldo de Andrade. As sessões científicas ocorreram no DSP e nos hospitais Pedro II e Santo Amaro e prosseguiram até o dia 23, com apresentação de 37 trabalhos ou comunicações. Durante os trabalhos o dr Fernando Livramento, em colaboração João Asfora, pioneiro da introdução do B.C.G. em Pernambuco, leu um trabalho sobre a história desta vacina no Recife. E o dr Álvaro de Figueiredo comunicou a descoberta de um novo triatomídeo em Pernambuco, o *Triatoma evandroi*.

A Sociedade de Medicina de Pernambuco, em “harmonia” com o Clube Internacional do Recife, realizou no dia 24 uma grande festa de encerramento no “palacete do Benfica”, intitulada “Festa das Esmeraldas”, com o comparecimento de sócios do clube e dos médicos e que teve início às 20 horas.

9ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1939.

Os trabalhos da 9ª Reunião Anual tiveram início às 09 horas do dia 21 de setembro de 1939 com uma romaria ao túmulo do conselheiro Antônio Peregrino Maciel Monteiro, 2º Barão de Itamaracá e primeiro presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco em 1841. Foi orador da solenidade o professor Galvão Raposo. A sessão inaugural ocorreu às 20 horas no salão de honra do Departamento de Saúde Pública, sob

a presidência do professor Octávio de Freitas, tendo o professor Aggeu Magalhães discursado; e o dr Aníbal Bruno pronunciou uma conferência sobre “Biologia e Direito”. Era presidente da Sociedade o dr Geraldo de Andrade. Relatório (ou Tema) Oficial: “Semiologia do pâncreas”, pelo dr Aníbal Bruno. A imprensa registrou apenas dezesseis trabalhos apresentados durante os dias da reunião no Hospital de Santo Amaro e no DSP. As sessões científicas foram encerradas no dia 23. No dia seguinte houve um almoço de confraternização no Restaurante Leite, sendo orador oficial o dr Waldemar de Oliveira.

10^A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1940.

A instalação dos trabalhos se deu solenemente no dia 19 de setembro de 1940, no salão de honra do Departamento de Saúde Pública, sob a presidência do dr Octávio de Freitas. Pronunciou o discurso oficial o dr Waldemar de Oliveira. E o professor Bezerra Coutinho fez uma conferência sobre “A medicina e os feitos da civilização”. Temas (ou Relatórios) Oficiais: “Problemas clínicos da insuficiência supra-renal”, pelo dr José Octávio Cavalcanti; e “Modificações humorais no post-operatório”, pelo dr Pedro Carneiro Leão. Foram apresentados vinte e outros trabalhos (ou comunicações) em sessões no Hospital Pedro II, Hospital de Santo Amaro e na sede do DSP, sendo a última no dia 21. No dia 22 seguinte houve um almoço de confraternização da classe médica, sendo orador o dr Monteiro de Moraes.

11^A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1941.

Teve início no dia 29 de setembro, estendendo-se até o dia 02 de outubro. Em cada hospital do Recife foi designada uma comissão incumbida de estimular a produção e receber adesões e inscrições dos trabalhos. Constou de seis sessões, sendo três noturnas, no Departamento de

Saúde Pública, Hospitais de Santo Amaro, Pronto Socorro e Pedro II. Durante a sessão de instalação, presidida pelo dr Oscar Coutinho, fez o discurso oficial o dr Geraldo de Andrade.

12ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1944.

Era presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco o dr José Octávio de Freitas quando, no dia 10 de agosto de 1944, foi inaugurada a nova sede da entidade na Rua Osvaldo Cruz, junto ao Departamento de Saúde Pública. A benção do prédio foi realizada por dom Miguel Valverde, arcebispo metropolitano, seguida da sessão inaugural da 12ª Reunião, presidida por Octávio de Freitas, às 20 horas, na qual falaram os professores Edgar Atino, pela Faculdade de Medicina, e o dr Lalor Mota, pelo Sindicato dos Médicos de Pernambuco; este último disse em seu discurso: “A classe médica é vítima da socialização da Medicina e, como desse círculo de ferro não poderemos jamais sair, constituirá obra inteligente e meritória o nosso reajustamento econômico dentro dessa socialização (...) Como obrigar os meus assistentes que são dos melhores a uma maior assiduidade e assistência aos doentes se, como ocorre nas demais atividades, eles precisam ganhar a vida na clínica em prol do pão nosso de cada dia?” No dia 11 teve início, à tarde, a primeira sessão científica da 12ª Reunião Anual, com a leitura de diversos trabalhos. Em cinco sessões foram apresentados pelo menos 42 observações dos médicos inscritos. A reunião foi encerrada no dia 14 seguinte.

13ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1945.

A sessão inaugural teve início às 20 horas do dia 24 de outubro de 1945 no auditório da Sociedade de Medicina de Pernambuco, na Rua Osvaldo Cruz, “em Fernandes Vieira”, sob a presidência do dr Octávio de Freitas, tendo o professor Edgar Altino pronunciado uma conferência

sob o tema “Sentido biológico da democracia”, e o dr Jamesson Ferreira Lima falado sobre “A ração protéica na alimentação infantil”. Era presidente da Sociedade o dr Jorge Lobo. As sessões científicas ocorreram nos hospitais Pedro II e Santo Amaro, sendo apresentados 22 trabalhos ou comunicações pessoais de casos clínicos, além de dois filmes: um da Coordenação dos Negócios Inter-Americanos sobre a cirurgia craniana no tratamento da Doença de Parkinson, e outro de autoria de Luiz Tavares sobre a “Luta contra a esquistossomose”. Os trabalhos prosseguiram até o dia 26. No dia seguinte houve um almoço da confraternização da classe médica, sendo orador o dr Lalor Mota, catedrático de Urologia da Faculdade de Medicina do Recife.

14ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1946.

Os trabalhos da 14ª Reunião tiveram início às 20 horas do dia 24 de setembro de 1946, dirigidos pelo professor Romero Marques, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco, na sede da entidade na Rua Oswaldo Cruz, e se estenderam até o dia 27 seguinte. A imprensa registra a apresentação de dezenove trabalhos, entre eles: “Organização de uma biblioteca cirúrgica. Tentativa de classificação”, pelo dr Eduardo Wanderley; “Tratamento do coto apendicular”, pelo dr José Henrique, ressaltando que todos os métodos utilizados pelos cirurgiões para tratar a apendicite davam bons resultados; “Sobre um caso de sopro de Graham-Steel”, pelos drs Newton de Souza e Ovídio Montenegro, primeiros médicos em Pernambuco a se dedicarem exclusivamente à cardiologia, e que haviam chegado de São Paulo pouco antes; “Estudo clínico e anatômico da Tetralogia de Fallot, pelo professor Arnaldo Marques, que relatou um caso que acompanhava desde 1937; “Tratamento das menometrorragias pela insulina”, pelo dr Lauro Wanderley, médico de João Pessoa, na Paraíba.

15ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1947.

A 15ª Reunião Anual foi instalada às 20 horas do dia 14 de outubro de 1947, sob a presidência do professor José Octávio de Freitas, com a presença de representantes da classe médica e de alunos da Faculdade de Medicina. Discursou o dr José Octávio de Freitas Junior. Era presidente da Sociedade de Medicina o dr Arthur Moura. Na ocasião, os Laboratórios Winthrop, representados pelo seu gerente W. T. Criswell e por auxiliares, homenagearam os participantes. A reunião constou de quatro sessões noturnas e duas diurnas na sede da Sociedade, no Pronto Socorro e no Hospital Pedro II, com apresentação de 35 trabalhos de médicos do Recife. Os trabalhos científicos foram encerrados no dia 17 de outubro.

16ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1948.

O ato solene de instalação da 16ª Reunião Anual ocorreu às 20 horas, do dia 14 de outubro de 1948, na sede social da Sociedade de Medicina, na Rua Osvaldo Cruz, com a presença de autoridades, representantes de classe médica e universitários. Para participar da reunião, estava no Recife, a convite da Sociedade de Medicina e sob os auspícios do Governo do Estado e do magnífico reitor da Universidade do Recife, o professor João de Lourenza, catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. A sessão foi aberta pelo dr José Henriques, presidente da entidade promotora, que transmitiu a presidência da reunião ao professor Octávio de Freitas. Estava presente o dr Barbosa Lima Sobrinho, governador do Estado.

O professor João de Lourenza pronunciou uma conferência sobre “O emprego da mostarda azotada no tratamento da moléstia de Hodgkin, linfossarcoma, leucemias e moléstias aliadas”, sendo saudado pelo dr Ferreira dos Santos. O certame médico constou de cinco sessões para

apresentação de trabalhos, sendo a última no dia 16, quando foram escolhidos os dois temas para a reunião seguinte. No sábado seguinte houve um almoço de confraternização como parte do programa social.

17ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1949.

Teve início no dia 22 de setembro de 1949, na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, às 20 horas, com um discurso do professor Jarbas Pernambucano, quatro meses após o 1º Congresso Médico Estadual. Temas oficiais: “Tratamento médico da esquistossomíase”, pelos drs Djalma Vasconcelos e Jamesson Ferreira Lima; e “Tratamento cirúrgico da esquistossomíase”, pelo dr Luiz Tavares. As sessões foram realizadas na sede da Sociedade, no Hospital Pedro II e no Hospital do Centenário, estando inscritos 29 trabalhos ou comunicações. A reunião foi encerrada no dia 24 seguinte.

18ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1950.

Em sua sede social, na Rua Osvaldo Cruz, às 20 horas do dia 25 de outubro de 1950, a Sociedade de Medicina de Pernambuco realizou a sessão de instalação da 18ª Reunião Anual, encerrando as atividades científicas do ano. “Embora denominada Reunião Anual, constitui-se de uma série de sessões, durante três dias consecutivos”. Abertura pelo dr Bruno Maia, presidente da Sociedade; o dr Edgar Altino fez o discurso de saudação. Temas oficiais: “Litíase do hepato-colédoco”, pelo dr José Henriques; e “Tratamento médico das hepato-cirroses”, pelo dr Gonçalo de Melo. Pelo menos 42 trabalhos ou comunicações foram registradas pela imprensa, apresentadas em quatro sessões que ocorreram na sede da Sociedade de Medicina. “As discussões, que estiveram muito animadas, alcançaram um alto nível científico”. Os trabalhos foram encerrados no dia 27 seguinte.

19^A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1951.

Ocorreu de 25 a 27 de junho de 1951, na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, no Recife, sob a presidência do professor Jarbas Pernambucano, que estava à frente da entidade, tendo como presidente de honra o dr Orlando Parahym, secretário de Saúde do Estado. A oração oficial foi feita pelo professor Coelho de Almeida, que comentou, entre outros: “Não esqueçamos que ao recebermos o grau hipocrático e aos nos dedicarmos ao progresso científico, vestimos o burel de peregrino, cobrimos com cinzas a cabeça para abafar os arroubos do orgulho e fizemos um juramento de servir sem tibiezas e sem vaidades ao nosso deus terreno – a Ciência”. Temas oficiais: “Discinesias biliares”, pelo dr Cesário de Melo; e “Abscessos de pulmão”, pelo dr Joaquim Cavalcanti. Além das contribuições aos temas oficiais, foram apresentados 32 trabalhos ou observações pessoais. O dr Darcy Lima apresentou um filme sobre o Banco de Sangue do Instituto de Cirurgia Haedo, de Buenos Aires, e o dr Joaquim Cavalcanti um sobre “Via de acesso lombo abdominal nas esplenectomias”.

Em 29 de junho, ocorreu o almoço de conagraçamento da classe médica promovido pela Sociedade de Medicina, encerrando o encontro.

20^A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO – I CONGRESSO MÉDICO DO NORDESTE BRASILEIRO, 1952.

Os dois certames foram instalados simultaneamente às 20 horas do dia 17 de julho de 1952, na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, tendo discursado o dr Francisco Montenegro, presidente da entidade, além do dr Ferreira dos Santos, saudando os congressistas. Temas oficiais: “Hepatites amebianas”, tendo como relator o professor Ruy João Marques, e “Tumores de Mama”, pelo dr Rosaldo Cavalcanti; ambos relatórios tiveram trabalhos que os complementavam. As seis sessões

científicas ocorreram na sede da entidade promotora, na Praça Osvaldo Cruz, no Recife. Pelo menos 41 trabalhos foram apresentados e discutidos, além de sessões operatórias em hospitais do Recife. Foram exibidos os filmes: “Estudo sobre a fertilidade humana”, oferecido pela Casa Jabuson, e “Mastectomia radical”, pelo dr Thomé Dias. Estiveram presentes médicos de Fortaleza e do Rio Grande do Norte. No dia 19 houve uma reunião do Conselho Deliberativo da Associação Médica Brasileira e da Comissão Organizadora dos Congressos Médicos do Nordeste Brasileiro. Ainda na mesma data, como parte social do encerramento dos certames, houve um almoço no Jardim Zoo-Botânico de Dois Irmãos, oferecido pela Prefeitura do Recife; e, à noite, um baile no Clube Internacional, sendo exigido traje rigor.

21ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1953.

Teve início às 20h30min do dia 22 de setembro de 1953, na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco. A sessão solene foi presidida pelo dr Bruno Maia, presidente da entidade. Fez o discurso oficial o professor Jarbas Pernambucano de Mello. Em seguida, o dr Emanuel Teixeira fez uma saudação aos novos membros da sociedade, após a qual foram entregues os diplomas a estes últimos. Temas oficiais: “Trombose”, apresentado pelo dr Valdir Pessoa; e “Fraturas expostas dos membros”, pelo dr Bruno Maia. Especialmente convidado, o professor Fernando Paulino, do Rio de Janeiro, fez uma conferência sobre “Aspectos básicos do pré e pós-operatório – volemia, balanço nitrogenado e eletrolítico”. Também estavam como convidados os drs Rui Goiana, que fez uma conferência sobre “Nefrose do néfron inferior” e Aguinaldo Xavier, que falou sobre “Orientação moderna no tratamento cirúrgico do carcinoma de colo”. Durante todos os dias, além das diversas comunicações, foram apresentados filmes científicos de intervenções cirúrgicas realizadas pelo professor Fernando Paulino. A reunião foi encerrada no dia 25.

No dia seguinte houve um almoço de confraternização no Restaurante Suíço, no Recife.

22^A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1954.

A sessão de abertura ocorreu no dia 08 de setembro de 1954, na sede da Sociedade de Medicina. Tema oficial: “Hipertensão arterial”, relatado pelo dr Paulo Borba. Houve a apresentação do filme “Histerectomia vaginal no prolapso genital”, além do simpósio “Pré operatório em cirurgia abdominal”, tema desenvolvido pelo dr Joaquim Cavalcanti. Diversos trabalhos foram apresentados nas sessões científicas que foram encerradas no dia 10 seguinte. Um almoço de confraternização foi oferecido aos médicos no dia 12 pela Sociedade de Medicina de Pernambuco no Horto de Dois Irmãos, encerrando a reunião.

23^A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO – III CONGRESSO MÉDICO DO NORDESTE BRASILEIRO, 1955.

Foram instalados no dia 31 de outubro de 1955, às 20 horas, no auditório da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, na Avenida Guararapes, pelo dr Altino Ventura, presidente em exercício da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Estava presente o dr Arthur Coutinho, secretário de Saúde e Assistência Social do Estado. Orador oficial: Jarbas Pernambucano. Falou em nome dos visitantes o dr Lineu Costa Araújo, da Associação Piauiense de Medicina. Sessões realizadas no Hospital Oswaldo Cruz, no Hospital do Centenário, na sede da Sociedade de Medicina e no auditório Arlindo de Assis da Delegacia Federal de Saúde da 5^a Região. Temas oficiais: “Cirurgia da litíase biliar”, por Frederico Carvalheira e Antônio Almeida; e “Hipertireoidismo”, pelo dr Luiz Ignácio de Andrade Lima, Hélio Bezerra Coutinho, Aggeu Maga-

lhães e Antônio Jucá. Além dos diversos temas livres, houve simpósios sobre “Tratamento da tuberculose pulmonar”, “Amebíase”, “Problemas de organização e de funcionamento de Bancos de Sangue”, “Esplenomegalia”, “Pelagra”, “Estrondiloidíase”. Houve uma visita dos congressistas às obras da Cidade Universitária, tendo a reitoria oferecido um aperitivo; também uma visita à Fábrica de Itapessoca e à Usina Santa Tereza, onde o industrial João Santos ofereceu um almoço. Na Faculdade de Medicina os professores Hilton Rocha, de Minas Gerais, e Alípio Correia Neto, de São Paulo, pronunciaram conferências. A Reunião foi encerrada no dia 05 de novembro. Em seguida houve a Assembléia dos Delegados da Associação Médica Brasileira, quando foi empossada a nova diretoria presidida pelo professor Hilton Rocha.

24ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1957.

De 28 a 30 de agosto de 1957, com sessões realizadas na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, no Recife. Presidente da Sociedade: Ruy João Marques. Presidente da sessão de instalação: professor Arthur Coutinho, secretário de Saúde e Assistência Social. O professor Mário Ramos pronunciou uma conferência sobre “A gripe asiática”, fazendo um apelo ao Governo do Estado e a Universidade do Recife para a instalação de um laboratório de vírus. Temas oficiais: “Oftalmopatias de interesse em clínica geral”, pelo dr Clóvis Paiva; e “Diagnóstico e tratamento dos tumores do mediastino”, pelo dr Fernando Pinto Pessoa.. Entre as conferências, ressaltou-se a da dra Françoise Monier sobre “Quelques aspects de la allergie respiratorie a le Candide albicans”, e a do dr Antônio Figueira sobre “Reforma do ensino médico”, durante a qual protestou contra a diferença dispensada a Pernambuco, em relação ao Rio de Janeiro e São Paulo pelo Governo Federal; afirmou que “nenhum professor de Pernambuco foi convidado para representar o Brasil no exterior, enquanto que muito idiota do sul tem sido nomeado para essa representação”. Vários temas livres foram apresentados.

25^A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1958.

Foi instalada às 20 horas do dia 08 de outubro de 1958, marcando a reabertura da sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco após completa reforma. O ato foi solene com a presença de autoridades, médicos e estudantes de medicina, presidido pelo dr Ruy João Marques, presidente da Sociedade. Fez o discurso de saudação o dr Barros Lima. Em seguida o dr Ernani Graville Costa fez uma conferência sobre “Aspectos atuais das síndromes coronarianas” No dia seguinte o dr Edvaldo Telles pronunciou uma conferência sobre “Cirurgia da hipertensão porta no serviço do professor Santy (França)”. Cerca de trinta trabalhos foram apresentados. Além de conferências, vários simpósios chamaram a atenção dos presentes. O dr Antônio Prudente, da Escola Paulista de Medicina e presidente da Campanha Nacional de Combate ao Câncer proferiu uma conferência.

O evento foi encerrado no dia 10 de outubro, em ato sob a presidência do dr Ruy João Marques e com a presença do secretário de Saúde, que determinou a ida para a sede da Sociedade de Medicina do Clino-móvel, um dos hospitais-móveis que as Pioneiras Sociais enviaram ao Recife, com a finalidade de mostrá-lo aos congressistas.

26^A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1961.

Realizada na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco entre os dias 30 de novembro e 02 de dezembro de 1961. Sessão de abertura presidida pelo dr Frederico Carvalheira. O dr Waldemir Miranda fez o discurso de saudação, concitando a classe médica para a luta, no sentido do Governo tratar com mais carinho as questões de saúde para o Brasil, lembrando que, neste aspecto, “temos regredido”. Durante a reunião anual houve mesas redondas sobre “Úlcera péptica” e “Epilepsia”; conferência sobre “Câncer de mama”, pronunciada pelo professor Fernando

Carvalho Luz, da Bahia. Vinte e nove trabalhos foram apresentados em cinco sessões.

27^A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1963.

Ocorreu no Recife, na sala de reuniões da Clínica Oftalmológica do Hospital Pedro II, entre os dias 21 e 22 de novembro de 1963. Dezenove trabalhos ou comunicações foram apresentados como temas livres. Houve uma Mesa Redonda sobre “Patologia das vias biliares”, coordenada pelo professor Romero Marques; e outra sobre “Hipertensão porta”, coordenada por Djalma Vasconcelos.

REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO – 1^A JORNADA PERNAMBUCANA DE MEDICINA SOCIAL E ÉTICA MÉDICA, 1970.

Tiveram início no dia 27 de maio de 1970, no auditório da Sociedade de Medicina de Pernambuco, com uma homenagem à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, com uma palestra do dr Leduar de Assis Rocha sobre “Ensino médico no Brasil”. A reunião e a jornada constaram de quatro mesas redondas: “Ensino médico no Brasil – Novas escolas médicas”, coordenado pelo professor Fernando Figueira; “Medicina previdenciária e responsabilidade profissional médica”, coordenada pelo dr José Falcão; “Planejamento de saúde”, coordenado pelo dr Odacy Varejão; e “Publicidade Médica”, coordenada pelo dr Darcy Lima. O evento foi encerrado no dia 30 seguinte.

HISTÓRIA DOS CONGRESSOS PROMOVIDOS PELA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO (2^A PARTE)

CLAUDIO RENATO PINA MOREIRA

1º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1949.

Quando estava à frente dos destinos da Sociedade de Medicina de Pernambuco o dr Joaquim Cavalcanti, foi mais uma vez lançada a idéia da realização de um Congresso Médico Estadual, na realidade, o 3º promovido pela instituição, só que não mais chamado como Congresso Médico de Pernambuco, 40 anos após o de 1909. “Iniciativa das mais felizes e dignas de louvores e coroada do mais absoluto êxito, marcando uma etapa nova no progresso da medicina de Pernambuco, fugindo da rotina centralizadora das capitais e do litoral, permitindo uma aproximação entre médicos, pesquisadores e clínicos, do interior e do Recife, aproximação por todos os motivos desejável, e cujos resultados positivos é desnecessário insistir em salientar”, escreveu o editor do Jornal de Medicina de Pernambuco.

O congresso realizou-se no Sanatório Tavares Correia, na cidade de Garanhuns, onde ficaram hospedados os congressistas, obedecendo à seguinte programação: Dia 12 de maio de 1949 – chegada àquela cidade pelo trem do horário, seguida de uma sessão de filmes científicos cedidos pela Coordenação Americana. Dia 13, às 07 horas – missa solene celebrada por dom Juvêncio, bispo de Garanhuns, seguida de um desfile dos alunos do Colégio Diocesano de Garanhuns, Colégio XV de Novembro e Colégio Santa Sofia; 09 horas – abertura do Congresso e 1ª sessão científica. Discurso do dr Joaquim Cavalcanti, presidente da Sociedade de Medicina, do dr Francisco Montenegro, representante dos médicos da capital e delegado do Sindicato dos Médicos de Pernambuco, e do dr Tavares Correia, representante dos médicos do interior.

Em um trecho de seu discurso, disse o dr Francisco Montenegro: “Sempre defendo o princípio de que a medicina é um sacerdócio. Ninguém é médico, ou, pelo menos, não deve ser médico para ganhar a vida, mas para distribuir a vida. E o médico não pode dar as costas àqueles que encontram à margem da estrada da vida, ferido por uma doença, porque não tem dinheiro para pagar.”

Em seguida tiveram início as sessões científicas, que se prolongaram até o domingo, dia 15. Durante a tarde do último dia os congressistas foram homenageados com um “garden-party” em Pau Pombo, seguido de uma parada escolar (homenagem dos colegas de Garanhuns ao 1º Congresso); à noite houve um banquete de confraternização, durante o qual discursaram os drs Valdemir Miranda e Pedro de Goes. 41 trabalhos foram apresentados por médicos de todo o Estado. As fases do Congresso foram filmadas pelo cinegrafista Firmo Neto, da E. T. C.

Foram aprovadas as seguintes propostas: Apoio à Escola de Enfermeiras Medalha Milagrosa, que funcionava no Hospital Pedro II, Recife; apelo aos representantes do Estado no Congresso Nacional para que dessem andamento o mais rápido possível ao projeto de lei que integrava os institutos de previdência social no combate à tuberculose no Brasil; que a Sociedade de Medicina de Pernambuco propagasse por todos os meios as relações permanentes entre os médicos da capital e do interior; que o Congresso Nacional fizesse chegar aos meios competentes o protesto da classe contra o charlatanismo; e que os hospitais regionais fossem abertos ao exercício profissional dos médicos da cidade a que serviam.

2º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1950.

Foi realizado em Caruaru entre os dias 14 e 16 de julho de 1950, com a presença de 65 médicos da capital e de delegações de dez municípios, além de grande número de estudantes. Destacaram-se as presenças de Nelson Chaves, secretário de Saúde do Estado e representante do governador, e de Waldemir Miranda, diretor da Faculdade de Ciências

Médicas. Fez-se também representar a Escola de Enfermagem pela sua diretora professora Cecília Sanioto.

O congresso teve início com uma missa solene oficiada pelo cônego Adalberto Damasceno, pró-vigário geral da Diocese de Caruaru, às 07 horas do dia 14 na Catedral de Nossa Senhora das Dores, seguida pela cerimônia oficial realizada no Clube Intermunicipal, na Praça da Bandeira, durante a qual discursaram: Bruno Maia, presidente da Sociedade, Ferreira dos Santos, representante dos médicos da capital, e Silva Filho, representante dos médicos do interior. Em seu discurso, o dr Bruno Maia comentou “a multiplicidade de reuniões que a classe médica do país vem promovendo em todos os setores de suas atividades, e que bem traduzem a ânsia pelo esforço de organizar a marcha, enfim, de uma medicina melhor.”

Paralela do Congresso houve uma exposição sobre os trabalhos do Serviço Médico Rural. Sete sessões ordinárias foram realizadas, durante as quais foram lidas e discutidas 70 comunicações. Temas oficiais: “Esquistossomose Mansonii”, pelos drs Durval Lucena e Djalma Vasconcelos; e “Osteomielite (tratamento médico-cirúrgico)”, pelo dr Frederico Carvalheira. Houve sessão operatória no Hospital São Sebastião e exibição de filmes científicos estrangeiros e dois locais: um do dr Luiz Tavares, sobre aspectos epidemiológicos e anatomopatológicos da esquistossomose; e outro do dr Gilson Machado, sobre a cirurgia do lábio leporino e da divisão palatina.

3º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1951.

Ocorreu na cidade de Pesqueira, entre os dias 20 e 22 de dezembro de 1951, com a solenidade inaugural no auditório da rádio emissora local. A sessão magna de abertura foi presidida pelo dr Orlando Parahym, secretário de Saúde e Assistência Social, que pronunciou uma conferência sobre “Deficiências nutritivas”; falou o professor Jarbas Pernambucano, presidente da Sociedade de Medicina, além do dr Francisco Mon-

tenegro, em nome dos médicos da capital, e do dr Lídio Parahyba, que representou os médicos do interior. Temas oficiais: “Terapêutica pelos antibióticos”, pelo dr Hoel Sette, e “Tratamento cirúrgico das varizes”, pelos dr Hindernburg Lemos e Salomão Kelner. Em sete sessões realizadas na sede da Ação Católica e na sede da Juventude Esportiva Feminina foram apresentados 54 trabalhos ou comunicações. Em seu discurso, o dr Jarbas Pernambucano declarou: “Conscientes ainda de que os problemas da classe médica brasileira só poderão ser resolvidos por um organismo que congrace a classe sem os males de instituições oficiais ou oficiosas, é que nos pusemos decididamente contra a criação pelo Congresso Nacional da chamada Ordem dos Médicos do Brasil”.

4ª CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1952.

Garanhuns voltou a sediar um Congresso Médico Estadual, que teve início no dia 11 de dezembro de 1952. A Sociedade de Medicina de Pernambuco recebeu valiosa colaboração do dr Celso Galvão, prefeito da cidade, bem como da Câmara de Vereadores, que puseram à disposição da comissão organizadora todos os meios necessários para o brilho do evento. Também a Rede Ferroviária do Nordeste, através do dr Gercino de Pontes, seu superintendente, pôs dois vagões atrelados ao trem do horário para transporte dos congressistas. O Congresso teve início às 08 horas com uma missa celebrada por dom Juvêncio de Brito, bispo de Garanhuns, seguida da instalação oficial no Sanatório Tavares Correia. Discursou o dr Jarbas Pernambucano, presidente da Sociedade de Medicina, além do dr Waldemir Miranda, em saudação aos médicos do interior, que falou: “Aqui, mais do que no bulício das cidades onde a pressa leva a imperfeição, pois desta é amiga inseparável – pode o clínico melhor acompanhar-se dos seus pensamentos, na demorada meditação de cada fim de tarefa, no reexame mental das ocorrências do dia. Pode, sem abandonar a ação, mais a fundo perscrutar o mundo interior que a cada paciente se oculta à física dos nossos sentidos.” Seguiu-se o discurso

do dr Otoniel Gueiros, em nome dos médicos do interior. Temas oficiais: “Doença de Chagas”, apresentado pelo professor Álvaro de Figueiredo, tendo comentadores os drs Ruy João Marques e Durval Lucena; e “Traumatismo craniano”, apresentado pelo dr Manoel Caetano e comentado pelo dr Amadeu Tibúrcio. 44 trabalhos foram apresentados em cinco sessões científicas. O congresso foi encerrado no dia 13.

5º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1953.

Mais uma vez, Garanhuns recebeu os médicos de Pernambuco para participarem de mais um congresso, que teve início no dia 25 de novembro de 1953. Um vagão especial foi atrelado ao trem do horário para levar cerca de cem congressistas até lá. Estavam inscritos 56 temas livres. Temas oficiais: “Constipação intestinal”, apresentado pelo dr Djalma Vasconcelos, e “Tratamento de urgência das lesões traumáticas da mão”, relatado pelo dr Barros Lima. Duas conferências foram proferidas: uma pelo dr Aluizio Bezerra Coutinho, versando sobre “Significação dos achados de laboratório em análise coprológica”; e outra pelo dr Artur Moura, sobre “Indicação da cirurgia da otoesclerose”. O congresso foi encerrado no dia 28 seguinte.

6º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1954.

Foi instalado na cidade do Limoeiro, no dia 25 de novembro de 1954, obedecendo à seguinte programação: às 08 horas – missa solene celebrada por dom Carlos Coelho, bispo de Nazaré da Mata; às 9h30min – sessão de abertura na Rádio Difusora de Limoeiro, com um discurso do dr Bruno Maia, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. O dr Ruy Neves Baptista falou em nome dos médicos da capital, e o dr Newton Pimentel, em nome dos médicos do interior. As sete sessões científicas ocorreram na sede do Colombo Esporte Clube, com apre-

sentação de 47 trabalhos, entre eles: “Mais um caso agudo (o terceiro) de Doença de Chagas em Pernambuco”, por Ruy João Marques e Durval Lucena; e “Aspectos da alimentação do agreste de Pernambuco durante a seca de 1952-1953”, por José Nivaldo Barbosa de Souza, de Surubim. Temas oficiais: “Traumatismos torácicos”, pelo dr Luiz Casado; e “Tratamento das anemias”, pelo dr Carlos Alberto Correia de Araújo. Houve um simpósio sobre Doença de Chagas, coordenado pelo dr Álvaro Figueiredo, e conferência do dr Nelson Chaves sobre “Alguns problemas de nutrição nos trópicos”. O congresso foi encerrado no dia 27 seguinte. Fruto da ação do congresso foi a inauguração do Posto de Combate à Tuberculose de Limoeiro. O dr Otaviano Heráclio ofereceu em sua residência uma recepção à classe médica.

7º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1957.

Foi instalado no dia 14 de fevereiro de 1957, na sede da Associação Garanhuense de Atletismo (AGA), com discursos do professor Nelson Chaves, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco, do dr Orlando Parahym e do dr Pompeu Luna. Cerca de 60 trabalhos sobre cardiologia, gastroenterologia, fisiologia, reumatologia, hematologia, cirurgia plástica e cirurgia geral estavam inscritos e foram apresentados em sessões realizadas na AGA. O dr Manoel Ricardo da Costa Carvalho fez uma conferência sobre “Da importância da notificação compulsória para a organização dos programas profiláticos nas zonas rurais”. Temas oficiais: “Enterocolites parasitárias”, pelo dr Luiz Tavares de Barros; e “Contusões e ferimentos do abdômen”, pelo dr Odacy Varejão. Simpósios: “Proteína e fígado”, pelo dr Nelson Chaves, e “Condições de alimentação do trabalhador rural do nordeste”, pelo dr Orlando Parahym. A sessão de encerramento ocorreu no dia 17 seguinte, na sede da AGA, com a presença de autoridades estaduais e municipais.

8º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO

Estava previsto para ocorrer em 1958, mas não encontramos registro dele; em algumas atas constam que ele fora adiado várias vezes.

9º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1959.

Congresso realizado no Recife, entre os dias 08 a 14 de novembro de 1959, comemorativo aos 50 anos do 1º Congresso Médico de Pernambuco. Às 20h30min, em cerimônia realizada na sede da Sociedade de Medicina, o dr Luiz Tavares da Silva abriu a sessão inaugural, tendo como presidente de honra do Congresso o professor Oscar Coutinho, único sobrevivente daquele congresso de 1909. Discurso oficial de saudação feito pelo professor Luiz Inácio de Barros Lima, que ressaltou o “aparente descaso reinante entre os médicos por reuniões desta natureza”. O professor Gilberto Osório de Andrade falou sobre “Primados de Pernambuco na medicina colonial do Brasil”. Sessões científicas realizadas no Hospital Pedro II e na sede da Sociedade, na Rua Osvaldo Cruz. O dr Leduar de Assis Rocha fez uma conferência sobre “O I Congresso Médico de 1909”. Temas oficiais: “Hepatite”, lido pelo dr Amaury Coutinho; e “Traumatismos da coluna lombar”, pelo dr José Rodrigues. Diversos temas livres foram apresentados e discutidos em onze reuniões científicas.

10º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1961.

Ocorreu no salão de conferência do Hotel Sanatório Tavares Correia, na cidade de Garanhuns, entre os dias 20 e 23 de abril de 1961, com a participação de mais de 200 médicos. Os congressistas viajaram em ônibus especial que saiu do Recife e hospedaram-se no hotel sede do congresso. Sessão inaugural aberta pelo dr Frederico Carvalheira, presidente da

Sociedade de Medicina. O bispo dom Adelino presidiu a reunião de abertura, na qual discursaram: O dr Orlando Parahym, em nome dos médicos da capital, e o dr José Nivaldo Barbosa, em nome dos médicos do interior. Como convidado especial, o dr Carlos Monteiro, do Rio de Janeiro, fez uma conferência sobre “Câncer do Estômago”. Temas Oficiais: “Rotura do útero”, pelo dr Martiniano Fernandes (deveria ser apresentado por Albérico Dornelas Câmara que, doente, não compareceu) e “Esquistossomose pulmonar”, pelo dr Ivan Lima Cavalcanti; e como Mesas Redondas: “Câncer do reto” e “Desidratação”. Mais de cem trabalhos foram apresentados, além de mesas redondas. Foi aprovado, como uma das propostas finais, que a Sociedade de Medicina enviasse moção ao presidente da República solicitando atender à proposta da Associação Médica Brasileira (AMB) quanto ao horário de trabalho dos médicos, e ao governador do Estado solicitando reorganização do salário do médico estadual. O congresso foi encerrado com um discurso do dr Bruno Maia.

11º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1962.

Realizado em Garanhuns, entre os dias 28 de abril a 1º de maio de 1962. Sessão inaugural presidida pelo dr Bertoldo Kruse, secretário de Saúde e Assistência Social do Estado. O dr Frederico Carvalheira, presidente da Sociedade de Medicina, abriu os trabalhos, fazendo um apelo pela melhora da assistência hospitalar no Estado. O dr Bruno Maia, orador oficial, fez uma homenagem aos médicos falecidos e apresentou um trabalho profundo sobre o problema da assistência médica no Brasil. Falou o dr Adejardo Francisco da Silva em nome dos médicos do interior. O Hotel Sanatório ofereceu um coquetel aos congressistas, seguida de uma festa na AGA com início às 23 horas. No dia seguinte houve uma visita ao Hospital Infantil Palmira Soares e um chá com hora de arte às senhoras dos congressistas na residência do dr Luiz Lessa. Mesas Redondas: “Hemorragias digestivas” e “Emergência pediátrica”. Diversos temas

livres foram apresentados nas onze sessões científicas. Na reunião de encerramento o dr Sebastião Sampaio, presidente da Associação Médica Brasileira, fez uma palestra sobre “Socialização da medicina”, propondo a livre escolha do médico pelo paciente. Fez o discurso de encerramento em nome dos congressistas o dr Perseu Lemos. No dia 1º o Hotel Sanatório ofereceu um churrasco aos médicos participantes.

12º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1963.

Mais uma vez ocorreu em Garanhuns, no Hotel Sanatório Tavares Correia, entre os dias 18 a 21 de abril de 1963. A Sociedade de Medicina de Pernambuco contratou um ônibus especial para a condução dos congressistas desde o Recife. Calculou-se a presença de 200 médicos. A sessão inaugural foi presidida pelo dr Ferreira Lima, secretário estadual de Saúde e Assistência Social. Discursou o dr Djalma Vasconcelos, presidente da Sociedade de Medicina, lembrando a figura de Joaquim Cavalcanti. O dr José Leal falou como representante das regionais do interior do Estado. Foram inscritos 53 trabalhos científicos, dos quais 45 foram apresentados. A Comissão Científica do Congresso programou quatro simpósios – Enfarte do miocárdio, coordenado pelo professor Arnaldo Marques; Asma brônquica, coordenado pelo professor Francisco Montenegro; Problema médico hospitalar em Pernambuco, coordenado pelo dr Laurênio Lima; e Mortalidade infantil em Pernambuco, coordenado pelo professor Fernando Figueira; além de três cursos de atualização (Radiologia Digestiva, Urgências Médicas e Patologia Tropical) e exibição de quatro filmes científicos. Entre as moções sugeridas pelos congressistas constou a de ser impedida a venda de drogas que contivesse metilcarbamida, que era cancerígena; de se pedir a Sociedade de Medicina interferência junto às autoridades para que se cuidasse do Hospital de Santo Amaro, “totalmente abandonado”. O congresso foi encerrado com um churrasco oferecido pelo Sanatório Tavares Correia.

13º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO E VI CONGRESSO MÉDICO DO NORDESTE, 1964.

Realizados no auditório do Hotel Sanatório Tavares Correia, na cidade de Garanhuns entre os dias 1º e 04 de outubro de 1964. Os congressos deveriam ter ocorrido entre os dias 02 e 05 de abril; porém, o golpe militar de 31 de março adiou os trabalhos. Sessão inaugural presidida pelo dr Álvaro Vieira de Melo, secretário estadual de Saúde. O dr José Costa Rocha falou em nome da Comissão Organizadora; e o dr Ivaldo Dourado Rodrigues saudou os congressistas em nome da Regional de Garanhuns. Falaram, ainda: o dr Frederico Carvalheira, o dr Djalma Vasconcelos, presidente da Sociedade de Medicina, prestando homenagem à memória do professor Eduardo Wanderley Filho, e o dr José Luiz Flores Soares, presidente da Associação Médica Brasileira. Mesa Redonda sobre “Assistência Médica Previdenciária no Nordeste”, coordenada pelo dr João de Deus Moreira Calheiros. Simpósio sobre “Hepatopatias fibrosantes no nordeste”, coordenado pelo dr Djalma Vasconcelos. Também constaram da programação conferências e cursos. Cento e um trabalhos ou observações foram apresentados nas doze sessões de temas livres. Entre as moções apresentadas: solicitava-se ao Conselho Regional de Medicina de Pernambuco que fiscalizasse e aplicasse punições cabíveis aos hospitais e casas de saúde do Recife que funcionassem sem os mínimos requisitos necessários; e o dr Geraldo Fonseca Lima solicitou que os congressistas pedissem às autoridades competentes que fosse posta em liberdade a médica e professora Naíde Teodósio, “sem prejuízo do inquérito policial militar” ao qual a mesma estava respondendo, detida que fora logo após 1º de abril daquele ano.

14º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1965.

Foi instalado às 17 horas do dia 16 de setembro de 1965, em cerimônia realizada no Hotel Monte Sinai, em Garanhuns, sob a presidência do dr

Álvaro Vieira de Melo, secretário de Saúde. A Prefeitura da cidade ofereceu às 18 horas uma recepção aos congressistas, às autoridades e aos convidados. Era presidente da SMP o dr Rosaldo Cavalcanti. O evento foi promovido pela Sociedade de Medicina de Pernambuco em colaboração com a Prefeitura daquela cidade e o LAFI S.A. Presidente da Comissão Executiva do Congresso: Arlindo Vieira. Atrelado ao trem do horário, a Rede Ferroviária do Nordeste cedeu à Sociedade um vagão especial, no qual seguiu no dia 15 uma caravana de médicos sob a chefia do dr Rosaldo Cavalcanti. 187 trabalhos foram inscritos para as sessões de temas livres. Temas oficiais: Doença de Chagas, coordenado pelo professor Ruy João Marques; “Cardiopatas na infância”, coordenador pelo professor Fernando Figueira; “Câncer do colo do útero”, coordenado pelo professor Rosaldo Cavalcanti e “Tétano neonatorum”, coordenado pelo professor Martiniano Fernandes. Houve diversos cursos, entre eles, o de Hematologia Clínica, o Diabete Mellitus e o Quimioterapia Antineoplásica. Como parte do programa social foi realizada uma tarde esportiva no Sanatório Tavares Correia, e, no dia 18, às 22 horas, um baile de confraternização no Hotel Monte Sinai. O congresso foi encerrado com um churrasco oferecido aos participantes no Hotel Sanatório, às 12 horas do dia 19.

15º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1966.

Realizado em Garanhuns entre os dias 19 a 22 de maio de 1966, quando foi comemorado o 125º aniversário da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Era presidente da Comissão Executiva o sanitarista Arlindo Vieira. A abertura do Congresso ocorreu às 17 horas do dia 19 de maio de 1966, no Hotel Tavares Correia, discursando, além do presidente da comissão executiva, o médico Jurandir Pessoa, presidente da Regional de Garanhuns, e o professor Rosaldo Cavalcanti, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Logo em seguida, o professor Martiniano Fernandes pronunciou uma conferência sobre “Planejamento da

família nos países subdesenvolvidos”. Para melhor atender aos congressistas, a SMP adquiriu um projetor de slides e cinematográfico e um mimeógrafo, além de outros materiais necessários. Temas oficiais: “Tratamento das fraturas dos membros superiores”, relatado pelo professor Bruno Maia; e “Insuficiência renal”, relatado pelo professor Paulo Borba. Houve mesas redondas sobre “Tratamento das parasitoses intestinais na infância” e “Hemorragias digestivas”. Os pontos altos do certame foram as conferências pronunciadas pelos professores Valdéz Hurtado, técnico da OPAS/OMS e Pedro Kassab, secretário geral da Associação Médica Brasileira, que versaram sobre, respectivamente, “Programação de saúde” e “Medicina Previdenciária”. No dia 21 foi oferecido um baile oficial às 21 horas na Associação Garanhunense de Atletismo, que cedeu os seus salões. O Congresso foi oficialmente encerrado no dia 22 com uma missa congratulatória celebrada por dom José Adelino Dantas, bispo diocesano, seguida de uma sessão solene.

16º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1967.

Foi instalado em Garanhuns, no dia 07 de setembro de 1967, às 20 horas, em ato presidido pelo governador Nilo Coelho, que destacou o papel importante da Previdência Social na interiorização dos médicos e a articulação do órgão com a Secretaria de Saúde para melhorar a assistência médica ao povo pernambucano; frisou o governador que a colaboração do INPS com o Estado colocou o Governo local em posição invejável em relação aos demais. O evento foi patrocinado pela Associação Médica Brasileira, Sociedade de Medicina de Pernambuco e Sindicato Médico de Pernambuco. Como convidados especiais: Alcides Ferreira Lima, secretário estadual de Saúde, João Crisóstomo da Silva, superintendente regional do INPS, e Alcedo Gomes, coordenador de Assistência Médica do INPS. Houve uma mesa redonda sobre “Previdência Social”. Foram realizadas conferências sobre “Icterícias” e “Úlcera Péptica”, além de serem promovidos cursos sobre “Atualização

Pediátrica”, “Eletrocardiografia” e “Nefrologia”. Da Guanabara, participou o dr Pedro Kassab, secretário geral da Associação Médica Brasileira. O congresso foi encerrado no dia 10 seguinte com a entrega do certificado aos duzentos médicos que dele participaram.

17º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO E VIII CONGRESSO MÉDICO DO NORDESTE, 1968.

Instalado solenemente às 17 horas, do dia 25 de setembro de 1969, em Garanhuns, sob a presidência do governador Nilo Coelho. Também estavam presentes: o secretário de Saúde, os diretores das duas faculdades de medicina e representantes do INPS. Os professores Mário Ramos de Oliveira e Pedro Janini pronunciaram conferências, seguidas da exibição do filme “Transplante de coração”, focalizando a intervenção realizada pelo dr Zerbini, de São Paulo. Na mesma ocasião também foi realizada a I Jornada Norte-Nordeste de Hematologia. Os encontros foram encerrados no dia 29 seguinte.

18º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1969.

A cidade de Garanhuns recebeu, mais uma vez, os médicos de Pernambuco para um congresso que ocorreu entre os dias 03 e 07 de setembro de 1969. A Sociedade de Medicina de Pernambuco, então presidida pelo dr Fernando Figueira, chamava a atenção que era através de congressos, jornadas, reuniões e simpósios que ele prestava conta do que fazia, porque fazia e para quem fazia. A Comissão Executiva tinha como presidente o dr José Falcão. Foram homenageados os médicos: Oscar Coutinho, Geminiano Campos, Barros Lima, Tavares Correia (póstuma) e Bruno Maia. A conferência inaugural foi sobre “Câncer do colo do útero”, pronunciada pelo dr Adair Eiras Araújo, diretor do Serviço Nacional de Câncer. Temas oficiais: “Nutrição”, pelos drs Fernando Figueira, Emanuel Teixeira e Fernando Almeida; e “Traumatismos do tórax”, pelo dr

Edvaldo Telles, tema este sugerido pela Regional de Caruaru. A Mesa Redonda teve como título “Iatrogenia na prática médica”. E o simpósio ocorreu sob o tema “Hérnias inguinais”, coordenado pelo dr Salomão Kelner. Cursos de Atualização em número de quatro, entre eles um de “Psicologia Infantil para leigos”, ministrado pelo dr Zaldo Rocha. Valiosos brindes foram sorteados durante o evento.

19º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1970.

O 19º Congresso foi instalado na Universidade do Agreste, na cidade de Caruaru, no dia 07 de outubro de 1970, sob a presidência do dr Fernando Figueira, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Entre os diversos presidentes de honra estava Nilo de Souza Coelho, governador do Estado. Era presidente da Comissão Executiva do Congresso o dr José Falcão. O dr Pedro Kassab, presidente da Associação Médica Brasileira pronunciou uma conferência sobre “Análise crítica dos serviços previdenciários do Brasil”. Foram homenageados: professor Romero Marques e os drs Gilberto da Costa Carvalho, Waldemiro Ferreira, Severino Oscar Barreto Coutinho e Berilo Pernambucano. Homenageado especial: Luiz Souto Dourado, prefeito de Garanhuns. Temas oficiais: “Dor precordial”, apresentado pelos drs Rostand Paraiso e Ciro de Andrade Lima; e “Avaliação do risco cirúrgico”, pelo sr Ayrton Ponce de Souza e José Costa Rocha. Noventa e três trabalhos ou comunicações estavam inscritos para as sessões de temas livres. Além dos cursos intensivos, houve mesas redondas, conferências e exibição de filmes científicos. O Congresso foi encerrado no dia 10.

20° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO E VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA, 1971.

De 14 a 19 de novembro de 1971 na cidade de Garanhuns. A sessão de abertura, realizada à noite no Centro de Convenções do Hotel Tavares Correia, foi presidida pelo governador Eraldo Gueiros Leite. O dr Bruno Maia, vice-presidente da Associação Médica Brasileira falou sobre a importância da realização simultânea dos dois congressos; o professor Waldemir Miranda fez o discurso de saudação, ressaltando a nobreza da classe médica. A solenidade de instalação foi encerrada com a conferência do nutricionista Osvaldo Ballarin, sob o tema “Simbiose, empresa particular – Estado, solução para o problema alimentar”. Em seu discurso, o dr João Geraldo Machado, diretor da Faculdade de Medicina de Montes Claros, Minas Gerais, declarou que “a implantação gradual das cooperativas médicas no Brasil constitui o único caminho para o restabelecimento da independência da profissão e do direito do paciente escolher o seu médico, hospitais e centro de saúde”. Também falou sobre o tema o dr Paulo Rabelo, presidente da Sociedade da Cooperativa de Integração Médica de Arcoverde. O dr Fernando Figueira, secretário estadual de Saúde, destacou a responsabilidade da Universidade e dos órgãos técnicos das Secretarias de Saúde de todo país para que se levasse a bom termo a tarefa nacional para interiorização da Medicina, beneficiando as grandes massas rurais. O dr Oscar César Leite, do Hospital das Clínicas de São Paulo, defendeu a implantação acelerada em todo o Brasil do sistema cooperativista; e o dr Assaf Habda, de Bauru, São Paulo, afirmou que as cooperativas médicas eram um determinismo histórico, inadiável e imprescindível. O mesmo dr Oscar César falou sobre “Conceitos modernos de organização e administração hospitalar”. Mais de 300 médicos estiveram presentes às sessões científicas. Os congressos foram encerrados com uma conferência pronunciada pelo coronel Jarbas Passarinho, ministro da Educação, subordinada ao tema “Prioridade natural da Educação nos Programas do Governo”. Em

seguida, tomou posse como presidente da AMB o dr Pedro Kassab. O prefeito Souto Dourado ofereceu à noite um coquetel aos congressistas.

21° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1972.

Era presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco o dr Hindenburg Tavares de Lemos, quando foi realizado o 21° Congresso Médico Estadual na cidade de Garanhuns entre os dias 04 e 07 de outubro de 1972. Presidente de honra: Eraldo Gueiros Leite, governador de Pernambuco. As sessões foram realizadas no Centro de Convenções Mercês Tavares de Melo, do Hotel Tavares Correia. Atuou como presidente da Comissão Executiva do Congresso o dr Everaldo Ramos de Andrade Lima. Durante a sessão solene de instalação o professor Adib Jatene, de São Paulo, pronunciou uma conferência magistral sobre “Estado atual da cirurgia das coronárias”. 129 trabalhos ou comunicações estavam inscritos nas diversas sessões científicas de temas livres. Houve conferências, mesas redondas (uma delas sobre planejamento familiar) e cursos de atualização. No sábado, dia 07 de outubro, ocorreu às 22h30min um banquete de confraternização dos congressistas.

22° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1973.

Realizou-se na cidade de Garanhuns, entre os dias 17 e 20 de outubro de 1973, tendo como presidente de honra o general Garrastazu Médici, presidente da República. Era presidente da Sociedade de Medicina o dr Hindenburg Lemos. Presidente da Comissão Executiva do Congresso: dr Everaldo Ramos de Andrade Lima. As sessões foram realizadas no Centro de Convenções Mercês Tavares Correia, do Hotel Tavares Correia. Durante a sessão solene de abertura pronunciou uma conferência magistral o dr Schlioma Zaterka, de São Paulo, sobre “Hemorragias

digestivas. Conceito atual”. 86 trabalhos estavam inscritos para as sessões de temas livres. Houve cursos de ginecologia e de obstetrícia, além de palestras proferidas pelos drs Schlioma Zaterka e Carlos de Barros Mott, ambos de São Paulo. Como parte do programa social de encerramento, ocorreu um churrasco oferecido pela Prefeitura Municipal de Garanhuns no Aprendizado Agrícola Santa Rosa.

23º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1974.

Mais uma vez a cidade de Garanhuns recebeu os congressistas entre os dias 19 e 21 de setembro de 1974. No Centro de Convenções Mercês Tavares Correia, do Hotel Tavares Correia ocorreram as sessões solenes e científicas. Era presidente da Sociedade de Medicina o dr Antônio Bruno da Silva Maia. Presidente da Comissão Executiva do Congresso: dr Carlos Roberto Ribeiro de Moraes. O dr Marcionilo de Barros Lins, reitor da UFPE, pronunciou a conferência inicial sob o tema “O ensino médico em Pernambuco”. 54 trabalhos estavam inscritos; e, pela primeira vez, do programa distribuído previamente constou um resumo dos temas livres. O dr José Falcão, presidente do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, fez uma conferência sobre “A conjuntura médica atual e a ética”; e o dr Pedro Kassab, presidente da Associação Médica Brasileira, pronunciou a conferência de encerramento sobre “Saúde. Previdência e Assistência”.

24º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1978.

De 18 a 21 de outubro de 1978, em Garanhuns, coordenado pelo dr Waldemy Silva. Houve duas mesas redondas: uma sobre “Relação médico-paciente”, coordenada pelo dr Margarido Múcio Pereira de Souto, e outra sobre “Hipertensão arterial”. Dois cursos: um de Pediatria

(Neonatologia e Assistência ao Recém Nascido e de Pediatria Social) e outro de Ginecologia e Obstetrícia. No dia 18, às 20 horas foi entregue a Medalha do Mérito São Lucas aos drs Martiniano Fernandes, Fernando Figueira e Arnaldo Cavalcanti Marques. Diversos trabalhos foram apresentados nas sessões de temas livres.

25° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1979

Era presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco o dr Djalma Cavalcanti Lauro de Vasconcelos, quando ocorreu o 25° Congresso na cidade de Caruaru entre os dias 18 e 22 de setembro de 1979. A sessão de abertura foi presidida pelo dr Djalma Vasconcelos, tendo discursado o dr Aurimenes Dias, presidente da Regional de Caruaru da Sociedade de Medicina. O professor Genival Veloso de França pronunciou uma conferência sobre “Medicina, ética e política”. Estavam inscritos 154 trabalhos, sendo apresentados 131 no Centro de Convenções do Hotel do Sol. Houve mesas redondas, uma delas sobre “Meios diagnósticos – atualização”, com a participação do dr José Fernandes Pontes, de São Paulo, e mesas redondas (uma delas sobre “Atualização Terapêutica”, coordenada por Djalma Vasconcelos). O evento foi encerrado com um almoço de confraternização.

26° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1980

Realizou-se na cidade do Recife entre os dias 15 e 18 de outubro de 1980, quando era presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco o dr Djalma Vasconcelos. Presidente da Comissão Científica: João Sabino de Lima Pinho Neto. As sessões solenes e científicas foram realizadas na sede da Sociedade. A sessão de instalação ocorreu às 20 horas, tendo o dr Djalma Oliveira, secretário de Saúde do Estado, feito uma

conferência sobre “A Secretaria de Saúde no Governo Marco Maciel”. 112 trabalhos foram inscritos para as sessões de temas livres. Entre as Mesas Redondas houve uma coordenada pelo dr Galdino Loreto sobre “Política nacional de saúde mental”, além de debates com temas de psiquiatria, neurologia, toco-ginecologia, angiologia. O dr Luiz Gonzaga dos Santos pronunciou uma conferência sobre “A hemoterapia em Pernambuco”. A sessão solene de encerramento realizou-se no Auditório Octávio de Freitas, com um ato em homenagem ao Dia do Médico e a entrega da Medalha do Mérito São Lucas aos drs Edvaldo da Silva Telles e Raimundo de Barros Coelho.

27º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1981.

Foi instalado às 20 horas do dia 18 de outubro de 1981 no auditório Octávio de Freitas da Sociedade de Medicina de Pernambuco, no Recife, sob a presidência do dr Djalma Vasconcellos, quando também foi realizada a cerimônia comemorativa ao Dia do Médico com a entrega das Medalhas do Mérito São Lucas aos professores Aluízio Bezerra Coutinho, Jamesson Ângelo Ferreira Lima e Torlande Fraga. Foi orador oficial o dr Pedro Veloso da Costa. Além das sessões de temas livres, nas quais estavam inscritos 97 trabalhos, houve: painéis sobre “Doenças iatrogênicas”, “Febre de origem indeterminada” e “Medicina física e reabilitação”, e cursos de gastroenterologia e eletromiografia. O congresso foi encerrado no dia 21 seguinte.

28º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1982.

A cidade de Caruaru foi a sede do 28º Congresso, realizado no Hotel do Sol. Era presidente da Sociedade de Medicina o dr Fernando Cordeiro. A cerimônia de abertura ocorreu às 20 horas do dia 16 de setembro,

tendo o dr Bruno Maia pronunciado uma conferência sobre “História dos congressos médicos em Pernambuco” e o dr Antônio Frederico Magalhães, de São Paulo, sobre “Tratamento clínico da úlcera péptica”, Apresentou-se a Bandinha de Pífano Cultural de Caruaru. Cursos, mesas redondas e sessões de debate foram realizadas, bem como uma programação comunitária na sede da Associação Comercial. 95 trabalhos estavam inscritos para as sessões de temas livres. O congresso foi encerrado no domingo, dia 19, com um almoço de confraternização.

29º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1983.

Realizado no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda, organizado pela Prisma Congressos e Feiras Limitada. Era presidente da Sociedade o dr Fernando Cordeiro. A sessão de abertura ocorreu no dia 17 de outubro de 1983. Diversos cursos compactos foram programados, inclusive um sobre “Uso de computadores em medicina”, bem como uma sessão de debates sobre “Defesa profissional”, moderada pelo dr Celso Brandt. 84 trabalhos estavam inscritos nas sessões de temas livres. No dia 18, no auditório Beberibe, realizou-se a homenagem ao Dia dos Médicos, com a entrega da Medalha do Mérito São Lucas. O congresso foi encerrado no dia 19 seguinte.

30º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1984.

Garanhuns mais uma vez recebeu os congressistas e a Sociedade Pernambucana de Medicina, quando era presidente o dr Gildo Benício de Mello. Presidente do Congresso: Adriano Ernesto de Oliveira. A sessão de abertura ocorreu no dia 14 de novembro de 1984 no Centro de Convenções do Hotel Tavares Correia, com uma conferência pronunciada pelo dr José Weydson de Barros Leal sobre “Aspectos médico-sociais da

reprodução humana”. 136 trabalhos estavam inscritos para as sessões de temas livres. Cursos sobre “Diagnóstico por imagem”, “Endocrinologia ginecológica” e “Afecções respiratórias do recém-nascido”, bem como diversas mesas redondas foram realizadas. A programação social foi bem variada, com shows folclóricos e visitas a diversos pontos turísticos, fazendas, fábricas e igrejas. O congresso encerrou-se no dia 17 seguinte.

31º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1987.

Realizou-se, no Recife, entre os dias 18 e 22 de outubro de 1987. A sessão de instalação ocorreu no Auditório Octávio de Freitas, da Sociedade de Medicina de Pernambuco, quando foi comemorado o Dia do Médico e entregue a Medalha do Mérito São Lucas. A Sociedade era presidida pela dra Darcy Gonçalves de Freitas. Presidente do Congresso: Gilson Edmar Gonçalves da Silva. As sessões ocorreram na sede da Sociedade e no Auditório Alfredo de Oliveira, do Teatro Waldemar de Oliveira, também na Praça Osvaldo Cruz. Durante o evento houve: Painéis sobre Hipertensão arterial, convulsões (coordenado pelo dr Jolyon Oxlev, de Londres), diabetes, hemorragia digestiva, doenças auto-imunes, entre outros, além de cursos de atualização. O dr Aaron Hutz, do Rio de Janeiro, fez uma conferência sobre Sexualidade, e o dr Antônio Franco Montoro. De São Paulo, falou sobre patologia mamária. Encerrando o congresso, o professor Galdino Loreto fez uma conferência sobre “Relação médico-paciente”, seguida de um espetáculo teatral no Teatro Waldemar de Oliveira.

32° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO E II CONGRESSO MÉDICO DO MÉDIO SÃO FRANCISCO, 1989.

De 13 a 16 de setembro de 1989. A sessão solene de abertura ocorreu no Auditório Grande da Biblioteca Pública de Petrolina, com uma mesa redonda sobre “Mercado de Trabalho do Médico”, presidida por Antônio Carlos Caldas Machado, presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Estava à frente da comissão científica geral o dr Paulo Almeida, e da comissão da regional de Petrolina Maria Aparecida Moura. 114 trabalhos estavam inscritos para as sessões de temas livres. Diversas mesas redondas (entre elas: “Ações básicas de saúde” e “Contribuição da ideologia psicossomática na medicina”), conferências, sessões “como eu trato”, aulas de atualização e cursos fizeram parte da programação. Nas atividades sociais houve passeio até o Lago de Sobradinho, show folclórico no Iate Clube de Petrolina, City Tour, retreta em comemoração ao aniversário de Petrolina e, encerrando, um passeio na barca Rosé com feijoada a bordo no último dia do congresso.

33° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO OU CONGRESSO DO SESQUICENTENÁRIO DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1991.

Ocorreu no Hotel Tavares Correia, em Garanhuns, entre os dias 23 e 26 de outubro de 1991, servindo de logotipo um modelo alusivo. Era presidente da Sociedade de Medicina o dr Antônio Carlos Machado que, em seu discurso de abertura no Centro de Convenções do hotel, lembrou a importância do médico José Alves Tavares Correia, homenageado do congresso. O prefeito Ivo Amaral fez os discursos de boas vindas e entregou aos promotores a chave da cidade. Cerca de 300 médicos e estudantes estiveram reunidos. As sessões de tema livre verificaram-se em sete salas da Faculdade de Administração de Garanhuns (FAGA).

Houve um painel sobre “Informática em medicina”, apresentado por Gustavo Lopes de Carvalho. Setenta e oito trabalhos estavam inscritos como tema livre; para cada um foi designado um médico para comentá-lo. A situação do cólera em Pernambuco foi um dos destaques. Comentava-se: “A medicina está mais preocupada em interferir nos problemas econômicos e sociais na busca do ser humano, ao contrário dos anos anteriores”. Foram apresentados 129 trabalhos científicos, conferências e 24 mesas redondas. Entre os assuntos tratados estavam: a situação da AIDS no Brasil, erro médico, infecção hospitalar, diabetes, drogas na adolescência e gravidez de alto risco. Na parte social houve um city tour com seresta, retreta e show na Associação dos Profissionais de Saúde do Agreste Meridional.

34º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO E IV CONGRESSO MÉDICO DO SÃO FRANCISCO, 1993.

A cidade de Petrolina foi a sede de ambos, que tiveram como presidente de honra o dr Fernando Bezerra Coelho, prefeito do município. Presidente da Sociedade de Medicina: José Carlos Souto. Presidente do Congresso: Sílvio Romero de Barros Marques. Antes do ato inaugural foram realizados cursos pré-congresso na Biblioteca Municipal de Petrolina. A sessão de abertura ocorreu no Teatro do SESC no dia 15 de setembro de 1993, com a conferência “Política nacional dos médicos”, pronunciada pelo dr Mário Cardoso Filho. As demais sessões aconteceram na Biblioteca Municipal de Petrolina. Foram realizadas 14 mesas redondas, entre as quais: “Gravidez de alto risco”, “Pediatria – Problemas de consultório”, “Cólera”, “Osteoporose”. 83 trabalhos foram apresentados como temas-livre em onze sessões, cada uma com um comentador das comunicações. O Congresso foi encerrado no dia 18 seguinte.

35° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1996.

Realizou-se no Recife entre os dias 24 e 27 de novembro de 1996, quando era presidente da Sociedade de Medicina o dr Miguel Doherty. Presidente do Congresso: dra Ester Azoubel Sales, secretária-geral da Sociedade. A sessão inaugural foi presidida pelo sr Marco Antônio Maciel, vice-presidente da República e, naquele momento, no exercício da Presidência, na qual estiveram presentes: Jarbas Barbosa, secretário estadual de Saúde, Guilherme Robalinho, secretário municipal de Saúde, Enilton Tabosa do Egito, vice-presidente da Associação Médica Brasileira, Lorimilda Gualberto, da Comissão Nacional de Residência Médica, Gilson Edmar Gonçalves, diretor do Centro de Ciências da Saúde da UFPE, e Guido Araújo, diretor da Faculdade de Ciências Médicas. Trechos do discurso do dr Miguel Doherty: “Renovamos hoje, o ideário atual da Sociedade de Medicina de Pernambuco, o Pólo Médico Público de Pernambuco (...) O médico adquire sua experiência profissional na esfera pública de saúde dada a variabilidade e multiplicidade de casos, e aplica esse saber adquirido no exercício diário. É de conhecimento geral a atual situação caótica dos serviços assistenciais de saúde, diversa do passado. É primordial o investimento nos serviços básicos de saúde por várias razões”. Durante o Congresso foram realizadas conferências, mesas redondas e simpósios com temas marcantes; mas, a audiência foi abaixo do esperado. O professor Carlos Moraes falou sobre “Transplante do coração”; Alexandre Sittar, de São Paulo, sobre “Dermatose pré-cancerosa”; Alberto Barros, “Nutrição ao paciente grave”; Loreimilda Gualberto, “Rumos da Residência Médica no Brasil”; Luiz Ataíde Junior, “Aids em Neurologia”, entre outras conferências e temas apresentados, além da sessão de temas livres.

36° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 1998.

Realizado no Mar Hotel, Recife, de 27 a 30 de outubro de 1998. A presidência e coordenação do congresso couberam à médica Edite Cordeiro. Presidente da Sociedade de Medicina: Miguel Doherty. O temário do encontro, de acordo com o que escreveu Bertoldo Kruse, oportunizou a reciclagem sobre os transplantes de órgãos, as urgências e emergências, os acidentes e as violências, em especial na criança e no adolescente; as doenças emergentes e as estratégias da Organização Pan americana de Saúde para atenção integrada às doenças prevalentes na infância, a mortalidade infantil e o atendimento à saúde da família, e a biossegurança. Houve reuniões mais específicas, organizadas com a participação direta das associações científicas especializadas e filiadas à Sociedade de Medicina. Foi anunciado pelo dr Antônio Nassif, presidente da Associação Médica Brasileira um novo sistema de assistência médica ou novo plano alternativo de saúde, o SINAM (Sistema Nacional de Assistência Médica). Mozart de Abreu e Lima, membro do Conselho Nacional de Saúde, expôs os problemas dos cortes de verbas para o setor de saúde. Em uma conferência, o urologista Luiz Pinto falou sobre as técnicas para o diagnóstico da prevenção da disfunção erétil, e apresentou como novidade o supositório Muse; também foi discutido o uso de Viagra.

36° CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 2002.

Realizado no Hotel Tavares Correia, em Garanhuns, entre os dias 10 e 12 de outubro de 2002, tendo como presidente da Comissão Executiva o dr Mário Fernando Lins; presidente da comissão organizadora de Garanhuns: Marta Júdice. O congresso (com a mesma numeração do realizado em 1998) teve início com uma conferência magna pronunciada pelo dr Gustavo Trindade Henriques, sob o tema “Considerações sobre políticas médicas”; e com a conferência “Transplantes cardíacos no

início do terceiro milênio”, pelo dr Pedro Rafael Salerno. No dia 11 foi lembrado o Dia Internacional de Combate à Obesidade. Houve mesas redondas sobre “Alternativas terapêuticas no diabetes tipo 2” e “meningites”, além de conferências (entre elas, “Últimos avanços em imagem”), mini-conferências, colóquios (“DST em Ginecologia” e “Febre Reumática”), simpósios (“Síndrome coronariana aguda” e “Arritmias”) e painéis (entre eles, “Movimento pela dignidade médica – A história dos planos de saúde no Brasil, o médico e o paciente, uma relação de vida”). Foram salientados temas de importância para o desenvolvimento e a saúde no Estado e problemas envolvendo políticas médicas, cooperativismo e fortalecimento da classe. O evento foi encerrado com um discurso do dr Múcio Souto, vice-presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Erroneamente, a imprensa comentava que o congresso estava inativo há nove anos; provavelmente, a falta de informações e documentação fez com que fosse repetida a numeração do congresso.

37º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO E VIII CONGRESSO MÉDICO DO VALE DO SÃO FRANCISCO, 2004.

Realizados em Petrolina, entre os dias 04 e 06 de novembro de 2004. Presidente do Congresso Médico Estadual: Mário Fernando Lins. Presidente do Congresso Médico do Vale do São Francisco: Luiz Antônio de Vasconcelos. Presidente da Sociedade de Medicina: Jane Lemos. Antes da solenidade de abertura foram realizados: o I Simpósio de Cardiologia do Sertão, promovido pela Sociedade Brasileira de Cardiologia, Regional de Pernambuco; mesas redondas sobre endocrinologia, programa de saúde da família e geriatria; e mini-conferências. A cerimônia de abertura ocorreu no Centro de Convenções de Petrolina, tendo o dr Flávio Pabst pronunciado uma conferência sobre “A luta pela implantação da CBHPM”, e o dr Carlos Vital outra sobre “Humanização na prática médica”. O congresso prosseguiu nos dias seguintes com colóquios, conferências, mini-conferências e sessões intituladas “Como eu trato”.

Apenas doze trabalhos estavam inscritos para as sessões de temas livres, escritos por médicos dos hospitais Osvaldo Cruz, da Restauração e Barão de Lucena. O evento foi encerrado com um discurso da dra Jane Lemos.

38º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 2007.

Gravatá foi a cidade sede do 38º Congresso que ocorreu entre os dias 23 e 25 de agosto de 2007 no Hotel Portal. Presidente da Associação Médica de Pernambuco: Jane Lemos. Presidente do Congresso: Mário Fernando Lins; vice-presidente do congresso: Silvia Costa Carvalho. Registrados apenas dois trabalhos para serem apresentados na sessão de pôsteres: um do Centro de Estudos Dermatológicos do Recife, e outro do Grupo de Estudos Gerontológicos da Casa dos Pobres São Francisco, em Caruaru. Antes da cerimônia de abertura, a dra Ana Elizabeth A. Lima Molina apresentou o tema “Política nacional de atenção básica”, e o bacharel em direito Nilzardo Carneiro Leão e o médico Carlos Vital falaram sobre “Responsabilidade civil, ética e penal dos médicos”. Nos dias seguintes houve módulos de saúde da mulher, de clínica médica, geriatria, urgências e emergências e atualizações terapêuticas.

39º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO, 2009.

Ocorreu no Hotel Recife Palace, no Recife, entre os dias 21 e 23 de outubro de 2009, comemorando o 1º centenário do I Congresso Médico de Pernambuco e o sexagésimo aniversário do I Congresso Médico Estadual, tendo como presidente a médica Helena Maria Carneiro Leão, que fez o discurso de saudação na cerimônia de abertura, comentando: “Os enormes avanços que estão sendo construídos pela ciência médica, os novos horizontes que estão sendo trazidos a cada dia, trazem o drama da indagação: até onde podem ir as conquistas científicas frente à Ética,

a Ética Profissional e, acima de tudo, ser garantida a dignidade da pessoa humana? Como conciliar os avanços da ciência frente a padrões do viver humano, que se posta acima da própria ciência, por pertencer ao homem integral?”. Vice-presidente do Congresso: Sílvia da Costa Carvalho Rodrigues. Presidente da Associação Médica de Pernambuco: Jane Lemos. Durante a solenidade de abertura foi realizada a cerimônia da entrega da Medalha do Mérito São Lucas. No dia seguinte o dr Aurélio Molina pronunciou uma conferência sobre “A medicina de ontem, de hoje e de amanhã – uma trajetória pernambucana”. Houve mesas redondas sobre saúde da mulher, saúde do homem, atualização em pediatria, perícias médicas, tratamento cirúrgico da obesidade, enfoques terapêuticos – atualização, entre outras. O dr José Eduardo Siqueira pronunciou uma conferência sobre “Código de Ética Médica – de sua criação aos dias atuais”. O advogado, Nilzardo Carneiro Leão, coordenou um fórum sobre Bioética. Vinte trabalhos estavam inscritos para as sessões de temas livres.

Em resumo: Desde 1909 a Sociedade de Medicina de Pernambuco / Associação Médica de Pernambuco realizou: dois congressos, que podemos chamar de primitivos, uma sessão e uma semana, 28 sessões anuais e 39 congressos, totalizando 71 eventos científicos de grande porte. Durante um grande período as reuniões e os congressos ocorrerem em um mesmo ano. Os congressos estavam programados para serem anuais; mas, a partir da década de 80 tornaram-se mais espaçados, com o maior intervalo sem atividade entre 1999 e 2001. O período com maior número de atividades anuais foi entre 1961 e 1974. Atualmente tenta-se projetar um congresso a cada dois anos.

Em Garanhuns, ocorreram 21 congressos; no Recife, aconteceram 7 congressos; em Caruaru; 4, em Petrolina, 3. E, em Pesqueira, Limoeiro, Olinda e Gravatá, um congresso cada um daqueles municípios.

O que fazer para atrair os médicos pernambucanos para os próximos congressos deve ser um das mais difíceis tarefas da diretoria da Associação Médica de Pernambuco. Certamente não deve abandonar a idéia de reunir com regularidade a classe.



TEXTO 04



4. MEDALHA MACIEL MONTEIRO

GILDO BENÍCIO

“E aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando...” (Camões).

É claro que o reconhecimento que a então Sociedade de Medicina (hoje Associação Médica) de Pernambuco presta a alguns médicos não se refere, como o poema épico do notável bardo português, a batalhas e conquistas, mas a um outro tipo de luta, que é diuturno combate à doença à falta de bem estar psicossocial, pela dedicação àquele que é a razão de ser da Medicina, ou seja o paciente.

Por sua competência, seu desvelo e seu comportamento ético, o médico alcança a gratidão daqueles a quem ele serve, e isso inclui, além dos pacientes, os seus colegas e a própria comunidade. Suas tarefas são da mais elevada importância. Que seria da humanidade sem os médicos?

Tal entendimento levou a Sociedade de Medicina a estabelecer critérios para o reconhecimento dos médicos que o mereçam, e assim nasceu a idéia de assinalar-lhes as trajetórias, concedendo-lhes o prêmio, dando aos seus nomes uma marca definitiva. Assim, os profissionais da Medicina teriam, através do seu antigo órgão de classe, o registro de seus méritos. E foi criada a Medalha Maciel Monteiro. Não poderia haver decisão mais oportuna que a de batizar a comenda com o nome de Maciel Monteiro.

Antonio Peregrino de Maciel Monteiro, médico e diplomata, cidadão de grande destaque social e dotado de elevado espírito de classe fôra o fundador e o primeiro Presidente da entidade representativa dos médicos de Pernambuco. O seu nome só engrandece a Medalha. Os seus

detentores, pessoas providas do ideal médico é integrantes de um segmento social de prestígio na comunidade, conservam-na com orgulho.

A cada vez que a Medalha é concedida, a entidade médica tem os seus salões repletos, com a presença de colegas dos homenageados, de familiares dos mesmos, de amigos, de pacientes e ex-pacientes, enfim, é a sociedade pernambucana prestigiando o grande evento da concessão da Medalha Maciel Monteiro.

Nos idos de 1973, a direção da Sociedade lançou a medalha, concedendo-a a diversos profissionais da Medicina. Entretanto, aconteceu um fato surpreendente: parte dos médicos agraciados, entre eles, homens de grande reputação profissional e social, recusaram-se a receber a medalha, cuja concessão ficou suspensa até que fosse resolvido o “imbroglio”. Durante o interregno que ocorreu, diversas tentativas foram feitas para contornar o problema. Surgiu uma idéia salvadora: A Assembléia de Delegados, reuniu-se e legitimou as medalhas já concedidas, e o dilema foi contornado com aceitação geral dos então envolvidos. Ainda assim passaram-se alguns anos sem que a Medalha Maciel Monteiro fosse concedida.

Foi em 1984 que ela reapareceu, com toda a força e repercussão no meio médico e social, com casa cheia no dia da entrega. Era a velha sociedade a seguir os seus passos, prestigiando os médicos que por suas virtudes recebiam a honraria. Estabeleceu-se o critério de três agraciados por ano e a medalha seguiu, cumprindo a sua finalidade através dos anos.

Em 1991, a rotina foi modificada, porque aquele era o ano do Sesquicentenário da Sociedade. Tratava-se de uma circunstância especial e a AMB (Associação Médica Brasileira) à qual a Sociedade era filiada, trouxe toda a sua Diretoria a Recife e foi realizado, nos salões do Clube Internacional do Recife um evento magno. Na ocasião, a Medalha foi também concedida a médicos ilustres já falecidos, “in memoriam”. Era a recapitulação da História da Medicina de Pernambuco, com a homenagem a médicos então definitivamente ausentes, mas que marcaram o seu desempenho de forma esplendorosa. Na ocasião, eles foram representados por seus emocionados familiares. A repercussão foi notável.

No evento, inesquecível para quem dele participou: os presentes foram recebidos a toques de clarim, por homens usando um fardamento de época. Após a concessão das medalhas, ouve um belíssimo concerto da Orquestra Sinfônica do Recife.

A Sociedade, cujo nome mudou, por exigência do Código Civil, para Associação Médica de Pernambuco segue concedendo a honraria tornando-se, a cada ano, mais respeitada e bem situada na comunidade pernambucana. Anualmente ocorre a solenidade, sempre que possível no dia 04 de abril, data da fundação da entidade.

Não é fácil montar essas solenidades. Para tal muito esforço é despendido. Mas o resultado é compensador. Louvando a quem bem merece, os seguidores de Maciel Monteiro dignificam a categoria médica. E mais: a Medalha Maciel Monteiro tem um alcance maior que o próprio universo dos médicos. Ela pode ser concedida também a personalidades outras que tenham prestado relevantes serviços à Associação Médica e a Medicina geral, concorrendo para o bem da humanidade.

LISTA DOS AGRACIADOS COM A MEDALHA MACIEL MONTEIRO

1973

Antonio Bruno da Silva Maia
Antonio Simão dos Santos Figueira
Arthur Barreto Coutinho
Arthur Ferreira Tavares Filho
Djalma Cavalcanti Lauro de Vasconcelos
Enio Laprovitera
Everaldo Ramos de Andrade Lima
Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira
Fernando Silveira Carneiro Leão
Frederico Cavalcanti da Cavalheira
Frederico Simões Barbosa

Gilberto Hanois Falbo
Gustavo Antonio da Trindade Meira Henriques
Hindenburg Tavares de Lemos
Jorge de Oliveira Lobo
José Augusto Silva
José Falcão
José Henriques
José de Ribamar Rodrigues
Leduar de Assis Rocha
Luiz Carvalho Tavares da Silva
Luiz Ignácio de Barros Lima
Manoel Caetano Escobar de Barros
Manoel Sávio Fernandes Vieira
Marcionilo de Barros Lins
Mário Degni
Nelson Ferreira de Castro Chaves
Ovídio Borges Montenegro
Romero da Gama e Marques
Ruy João Marques

1984

Alcides Benício Correia de Mello
Galdino Loreto
Martiniano José Fernandes

1985

Luiz Ataíde
Samuel Amorim Pontual
Zaldo Antonio Barbosa Rocha

1986

Ageu de Godoy Magalhães Filho
Cyro de Andrade Lima
Milton Salgado Medeiros de Moraes

1987

Alcides Codeceira Júnior
Jayme Cesar de Figueiredo
José Costa Rocha

1988

Florivaldo dos Santos Moura
Guilherme Montenegro Abath
Henrique Mattos de Oliveira

1989

Altino Rafael Torres Ventura
Maria Madalena Cavalcanti de Oliveira
Netário Braz de Almeida

1990

Glauce Cacho de Andrade
Humberto Carlos Guimarães Pereira
Salustiano Gomes Lins

1991

Aluizio Bezerra Coutinho
Amaury de Medeiros *
Amaury Domingues Coutinho
Antonio Peregrino de Maciel Monteiro *
Francisco Xavier Pereira de Brito *
George Marcgrave *
Guilherme Piso *
Jaldemar de Melo Serpa
João London *
João Pereira Rosa *
Joaquim Jerônimo Serpa
José Cavalcanti Lucena da Mota Silveira
José Eustáquio Gomes *

José Joaquim de Moraes Sarmiento *
Miguel Dias Pimenta *
Naide Regueira Teodósio
Oswaldo Gonçalves de Lima *
Otávio de Freitas *
Pedro Franklin Theberge *
Piso de Magalhães Gandalvo *
Salomão Kelner
Simão Pinheiro Romão
Ulisses Leonesi *
Ulysses Pernambucano de Melo *

In Memoriam

1992

Edvaldo da Silva Telles
João Marques de Sá
Rinaldo José Soares de Azevedo

1993

José Laércio do Egito
José Lins de Almeida
Nelson da Rocha Falcão

1994

Eridan Medeiros Coutinho
José Weydson Carvalho de Barros Leal
Miguel John Zumaeta Doherty

1995

Cícero Ferreira Costa
Geraldo José Marques Pereira
Paulo de Queiroz Borba

1996

Adônis Reis Lira de Carvalho
Lucilo Simoni de Albuquerque Maranhão
Sylvio Campos Paes Barreto

1997

Jaime de Queiroz Lima
Euclides de Oliveira Leite
Geraldo Gomes de Freitas

1998

Gildo Benício de Mello
José Maria Schuler
Severino Ferreira de Omena

1999

Edmar José Guimarães Victor
Francisco Genário Sales
Ruy dos Santos Pereira

2000

Jane Maria Cordeiro Lemos
Fernando Tarciso Miranda Cordeiro
João Sabino Pinho

2001

José da Silva Rodrigues
Newbe Maria Liberal Victor
Paulo Almeida Neto

2002

Jennecy Ramos
Marcio Lobo Jardim
Victorino Spinelli

2003

Fernando Maurício de Melo Travassos
Jurandy Pessoa de Araújo
Waldemir Soares de Miranda

2004

Ana Maria Van Der Linden
Emanoel Alírio Nunes Brandão
Mauro Barbosa Arruda

2005

Alcides Ferreira Lima
Maria Helena Kovacs
Salvador Vilar Correia Lima

2006

Francisco Trindade Barreto
Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque
Reinaldo da Rosa Borges de Oliveira

2007

Afonso Ligório de Medeiros
Edgar Guimarães Victor
Mário Vasconcelos Guimarães

2008

Jacitara D'Almeida Lins Beltrão
Margarido Múcio Pereira de Souto
Moacir de Novaes Lima Ferreira

2009

Angelina Farias Maia
Otávio Damázio Filho
Silvio Cavalcanti de Albuquerque

2010

Ângela Luzia Branco Pinto Duarte
Fernando José Rodrigues Soares de Azevedo
Luiz Antonio Wanderley Domingues

ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO

Rua Oswaldo Cruz, 393 – Boa Vista – Recife/PE – CEP: 50050-220

Fone: 3423.5473 - E-mail: somepe.ampe@hotmail.com

REGULAMENTO PARA CONCESSÃO DA MEDALHA DO MÉRITO “MACIEL MONTEIRO”

Art. 1º - Fica criada, nesta data, pela AMPE - Associação Médica de Pernambuco, a MEDALHA DO MÉRITO “MACIEL MONTEIRO”

Art. 2º - Ao mesmo tempo que a Medalha constitui uma homenagem à memória de um dos seus fundadores e primeiro Presidente, é criada para galardoar médicos que tenham sido distinguido pela cultura, pela capacidade profissional, pelos bons serviços prestados à classe e pela fiel observância dos preceitos éticos em vigor.

Parágrafo 1º - A medalha será concedida anualmente a três médicos.

Parágrafo 2º - A medalha poderá ser também, conferida a personalidades outras, que hajam prestado relevantes serviços à Associação Médica de Pernambuco ou à Medicina em geral, concorrendo para o bem da Humanidade.

Parágrafo 3º - Personalidades médicas estrangeiras poderão ser igualmente, agraciadas com a Medalha do Mérito “Maciel Monteiro”.

Art. 3º - A Medalha do Mérito “Maciel Monteiro”, em prata (ou em outro metal nobre) apresentará: numa face o brasão, esmaltado, da Associação, circulando-o o nome “Associação Médica de Pernambuco – 04 de Abril de 1841”, e na outra a efígie de Maciel Monteiro, circulando-a a legenda: “Mérito Maciel Monteiro”.

Art. 4º - A Medalha penderá de uma fita de gorgorão, com as cores do brasão – vermelho e ouro.

Art. 5º - A Medalha se acompanhará de um diploma, que será assinado pelo Presidente da Associação.

Art. 6º - O Conselho da Medalha do Mérito “Maciel Monteiro” é constituído pela Diretoria da Associação Médica de Pernambuco, sob a coordenação do Presidente.

Art. 7º - A medalha terá um livro, no qual serão inscritos os nomes dos agraciados, assim como funcionará como um livro de atas.

Art. 8º - A Medalha será conferida uma vez ao ano no dia 04 de Abril, data de fundação da Associação, sempre que possível. Se houver outra data, será definida pela Diretoria da AMPE.

Art. 9º - As reuniões da Diretoria, para escolha das pessoas que serão agraciadas, terão caráter secreto, mas, em seguida à escolha, a entidade fará a devida divulgação, pelos meios habituais de comunicação (imprensa falada, escrita, televisionada e eletrônica), dando sempre caráter solene ao ato de entrega da condecoração aos agraciados.

Art. 10º - Os casos omissos no presente Regulamento serão resolvidos pela Diretoria da Associação.

Aprovado em reunião da Diretoria realizada em 17/08/1972 e atualizado em Assembléia Ordinária de Delegados da Associação Médica de Pernambuco, em 16 de Dezembro d



TEXTO 05



5. SOCIEDADE PERNAMBUCANA DE MEDICINA

WALDENIO PORTO

Pertencente à Academia Pernambucana de Medicina, ao Colégio Brasileiro de Cirurgiões e à Academia Brasileira de Medicina Militar

Já Manuel Bandeira, nesta cidade das pontes, dos rios, dos manguezais, das revoluções libertárias e dos poetas, onde cada esquina e cada praça ressumam História, recita, num grito de saudade, rua da União, da Saudade, da Aurora, das Ninfas. E reclama no célebre poema *Evocação do Recife*:

“Rua do Sol. Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância: tenho medo que hoje se chame do dr. Fulano de Tal”.

Uma cidade conta a sua crônica através dos nomes que vão surgindo espontaneamente, da boca do povo ao sabor dos acontecimentos. E prossegue:

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/Vinha da boca do povo na língua errada do povo/Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil”.

Acrescenta no seu devaneio:

“E o vendedor de roletas de cana/O de amendoim que se chamava midubim e não era torrado era cozido/Me lembro de todos os pregões: ovos frescos e baratos/ Dez ovos por uma pataca/Foi há muito tempo...”.

Por isso o Recife é tão autêntico. É um livro aberto no qual caminhamos dentro da História, de páginas ilustradas por feitos e fatos, o pitoresco e o trágico. Ali encontramos Castro Alves, que entre sobrados magros e pisando o lajeado da Rua do Imperador, num arroubo de emoção, em comício em prol da Abolição, relampejou o verso: “A praça é do povo como o céu é do condor!”

Mais adiante, em frente à Igreja do Terço, avistamos Frei Caneca sendo desvestido dos seus paramentos religiosos e ordens eclesiásticas, degradado, antes de caminhar para o Forte de Cinco Pontas e ser fuzilado. Ainda ouvimos a sua voz chamejante: “Quem bebe da minha caneca tem sede de liberdade”.

Foi há muito tempo... Pois a Sociedade Pernambucana de Medicina, em 1840, se insere na História do Recife, com precisamente este nome e designação, escolhido por Antônio Peregrino Maciel Monteiro e tantos outros. Refundiu, refez e concentrou toda a arte de curar de Pernambuco. Que vem desde os tempos da fundação da primeira Santa Casa de Misericórdia do Brasil, em Olinda, passando pelos físicos judeus dos primeiros tempos, depois Guilherme Piso e George Marcgraf, do Brasil Holandês e continuado, mais próximo, pelo Hospital Militar da Revolução de 1817, para socorrer as vítimas dos conflitos. O Dr. José Eustáquio Gomes, formado no Rio de Janeiro e Edinburgo, criou uma Escola de Cirurgia Prática neste estabelecimento. No mesmo ano da fundação da Sociedade Pernambucana de Medicina, em 1840, por lei provincial, foi criada uma cadeira de arte obstétrica, privativa das mulheres, que teve como responsável o Dr. Simplicio Antônio Mavigner.

Foi há muito tempo... Acontece que, recentemente, pouco tempo atrás, um funcionário burocrático ignorante da História destes muitos Brasis, enfasiado pelo tédio de Brasília, resolve sair do seu anonimato e renomear esta nossa instituição centenária. Que se confunde com a própria existência e crônica de Pernambuco. Desconhecendo esta desrespeitosa e estapafúrdia providência o povo, na sua sabedoria, continuará a chamá-la sempre Sociedade Pernambucana de Medicina, como já o fez em numerosos outros casos. A chancela das gentes é que sempre

prevalece. Quando eu cheguei ao Recife na década de cinquenta para estudar Medicina era esta a denominação.

Outro fato semelhante ocorreu quando trocaram o nome da avenida Imbiribeira pelo de Mascarenhas de Moraes. Um nome tradicional permutado por um alienígena. Mas o povo continuou a chamá-la de Imbiribeira e ignorou a sua nova denominação. O bairro também continuou a ser Imbiribeira. A tradicional Faculdade de Direito do Recife, casa de Tobias, fez finca-pé e não se mudou para a Cidade Universitária, quando todas as escolas superiores foram compelidas por um decreto federal a trocar de domicílio, conservando ainda o nome com que foi sempre conhecida. Pois a Sociedade Pernambucana de Medicina, assim chamada desde o início, reconfirmada em 1903, tem raízes fundas na História de Pernambuco e com ela se mescla. Não deveria, no cartório do tempo, ter-se curvado a uma simples portaria de repartição enfezada de Brasília.

Mas, antes de outras considerações, permita-nos fazer uma digressão. No que diz respeito à assistência médica em Pernambuco, a qual esta instituição está intimamente ligada, teremos que nos reportarmos a alguns episódios precedentes. Como alguns fatos aparentemente desimportantes, sem chamarem a atenção no momento, modificam o curso da História! E repercutem no desenvolvimento médico-científico e social dos povos. Foi o que ocorreu e poderia ter sido evitado em Pernambuco. Senão vejamos. Se Dom João VI, em 1808, ao invés de haver se dirigido à Bahia, tivesse aportado no Recife, o pernambucano José Correia Picanço, futuro Barão de Goiana, Primeiro Cirurgião da Real Câmara, conselheiro de sua alteza, teria naturalmente diligenciado para que a Escola de Medicina, criada por sua inspiração, fosse sediada aqui e não na Cidade de São Salvador. A propósito José Correia Picanço foi uma personalidade notável, que fez inclusive o parto da Imperatriz Leopoldina, dando nascimento a Dona Maria da Glória, que seria Rainha de Portugal. Voltando à viagem, a simples alteração da rota marítima teria impedido conseqüências desastrosas para o nosso povo, que viu retardados em 112 anos a fundação da nossa primeira Faculdade de Medi-

cina. No caso de ter ficado em Pernambuco encurtaria mil quilômetros na longa viagem.

Leve-se em consideração o desconforto e privações que sofreu na viagem a multidão de nobres, clérigos, comerciantes, empresários e a família real. A esquadra, ao invés de abreviar a travessia tocando no Recife passou ao largo de Pernambuco e bordejou a nossa costa que ia até a foz do Rio São Francisco, sem se deter ao menos para uma aguada. Um navio mandado para socorrê-la pelo presidente da nossa Província, com víveres frescos e água, chegou a se encontrar com os navios escoltados pela marinha real inglesa. Nem assim estes se desviaram do traçado previamente traçado nas cartas náuticas.

Outra oportunidade mais adiante foi desperdiçada de novo. Em 1895 o Presidente da Província, Alexandre José Barbosa Lima, enviou ao Senado, que fazia parte do Poder Legislativo de então, um projeto para criação de uma Escola de Medicina. Os senadores médicos manobram e a proposição foi rejeitada. Defenderam como corporação o oligopólio que tinham da Medicina, Isto vem a propósito de a Sociedade Pernambucana de Medicina ter, desde o início, por sua própria estrutura, condições mais que suficientes para criar uma escola de artes médicas. E não aconteceu. Seus membros eram médicos, farmacêuticos e dentistas diplomados pelas faculdades de Medicina do país. Compunham quatro categorias: efetivos, correspondentes, honorários e beneméritos. A Sociedade era dividida por Comissões, espécie de departamentos, que constituíam o arcabouço da entidade. Encontramos uma Comissão de Medicina, encarregada de dar parecer e estudar assuntos relativos à patologia médica em geral; uma de Anatomia e Fisiologia, uma outra Comissão de Higiene, Bacteriologia, Demografia e Epidemiologia; uma Comissão de Psiquiatria, Antropometria e Medicina Legal; Comissão de Cirurgia Geral; Comissão de Obstetrícia e Ginecologia; Comissão de Oftalmologia, Otologia, Rinologia, Laringologia e Odontologia; Comissão de Farmacologia, Ciências Físico-Químicas e História Natural; Comissão de Redação.

As cadeiras básicas de um curso médico estão contempladas na estruturação da nova entidade bem como as diversas especializações

que complementam o currículo de uma faculdade de Medicina. No dia a dia havia interação da Sociedade com a classe médica, apresentação de trabalhos científicos, prêmios, publicações, congressos. A nata dos médicos estava ali. Não foi à-toa que a primeira operação cesárea do Brasil foi realizada no Recife, pelo Dr. José Correia Picanço, em 1817, numa mulher negra. O que demonstra o nível da Medicina praticada em Pernambuco em 1840. Encontramos na fundação da Sociedade Pernambucana de Medicina, ao lado de Antônio Peregrino Maciel Monteiro, o mesmo Dr. José Eustáquio Gomes, que havia criado a Escola de Cirurgia Prática no Hospital Militar, em 1817. Achamos estranho que, agora, com mais condições, não houvesse ele providenciado pelo menos a reativação da sua iniciativa anterior. Talvez as circunstâncias de relacionamento pessoal não hajam permitido. Talvez. Tanta coisa pode ter acontecido... Doenças, depressão, que naquela época se chamava de melancolia, intrigas, falta de prestígio. Nunca se saberá. Mas, que se esperava do Dr. José Eustáquio Gomes outra atitude, é verdade. Vejam agora; a esta altura, estamos cobrando ao respeitável mestre iniciativas que se esperavam dele, em face da sua atuação anterior! Conjecturas e indagações do historiador na posteridade, num esforço para reconstituir o passado.

Século XIX. 1840. Época das grandes epidemias que assolaram Pernambuco. A nossa Sociedade Pernambucana de Medicina atuou como órgão consultivo do governo, apesar de não ser uma repartição provincial. Orientou e defendeu a eliminação do que eram considerados focos de moléstias endêmicas através de medidas de saneamento, como o aterro dos pântanos de Olinda, que inundavam a cidade nos períodos de chuvas, o encanamento de água potável para a população da cidade e a transferência dos enterramentos nas igrejas para os cemitérios. Preocupação e diretiva prioritárias da Sociedade, tanto que na sua constituição havia uma Comissão de Higiene, Bacteriologia, Demografia e Epidemiologia. Grassavam então as epidemias de febre amarela, varíola, cólera. Tempos dramáticos que atingiam a todos e relatei no livro *Quando se Cobrem de Verde as Baraúnas*, descrevendo o flagelo do cólera em Caruaru, ano de 1855.

Pessoas aflitas em frente à casa de Antônio Florêncio Ametista. Comentam os últimos acontecimentos. Esperam a vez de poderem falar com o Dr. Pegot (farmacêutico francês de Marselha, contratado pelo Governo Imperial para enfrentar a epidemia). A ansiedade se desenha em cada rosto. Todos se sentem ameaçados. Estão ali à procura dos pós e das beberagens do doutor francês.

- Ainda ontem estava bonzinho. Amanheceu hoje com o estômago meio embrulhado. Daqui a pouco começou a verter água. Por cima e por baixo. Mais que depressa mandei um portador aqui. Vim buscar o remédio. O homem tá se acabando! Só vendo...

A porta se abre e alguém sai apressado. Os olhares convergem. Nas mãos os frascos com as drogas salvadoras. Os olhares acompanham os passos, que se distanciam. Escravos queimam o lixo no meio da rua. As casas fechadas. Todos trancados, com medo do cólera. A fumaça do alcatrão queimado no Beco das Serventias. José Brayner (Diretor da Salubridade Pública) deixa o local com um lenço no nariz, para não se sufocar. Encontra-se no meio da rua com o Dr. João Evangelista (Promotor). Conversam . Esperam. Uns pretos terminam por sair da viela malcheirosa. Seguem o Diretor da Salubridade e o Promotor. Para repetirem a limpeza e tocarem fogo no alcatrão em outro beco. Entram na Travessa da Viração. A rua calada e deserta. Parece Sexta feira da Paixão. Afora os familiares desesperados e temerosos. As portas fechadas para o vento encanado não trazer a doença. Ninguém nas salas de visitas. Velas acesas nos oratórios, dia e noite. Os joelhos por terra. O mártir São Sebastião exposto. Olhar inexpressivo.. Homens e mulheres ajoelhados procuram descobrir na face da imagem algum sinal de salvação. Mas o santo soldado, acostumado ao sofrimento atroz das batalhas cruentas, conserva o ar distante dos estóicos. Nem parece que as setas estão espetadas no corpo dele. Dá a impressão de só enxergar alguma coisa adiante, Deus Todo Poderoso, no esplendor da glória. Fascinado e em transe, não ouve, nem vê. Os homens e mulheres, entretanto, apegados à glória terrena, tentam comovê-lo. Rezam o terço, e, no fim de cada mistério, cantam o Bendito: São Sebastião é um santo varão, Livrai-nos da peste, São Sebastião! Da Sociedade Pernambucana de

Medicina saíam a Maternidade do Hospital Pedro II, em 1880, a Liga Pernambucana contra a Tuberculose, em 1900, o Primeiro Congresso Médico Estadual, em 1909, além das Semanas Médicas de 1923 e 1924. Também surgiram ali a Escola de Farmácia de Pernambuco, em 1904, a Escola de Odontologia de Pernambuco, em 1913, e a Faculdade de Medicina do Recife, em 1920. Foram realizados diversos estudos relacionados à peste bubônica, à disenteria bacilar ou amebiana, à varíola, à febre amarela, à febre ictero-hemorrágica, à tuberculose, à sífilis, ao granuloma venéreo, à lepra e à leishmaniose. Encontramos na imprensa leiga a divulgação de temas médicos, nas décadas de 1930 e 1940, através de artigos dos membros da notável entidade. Em 1940 houve a comemoração centenária da Sociedade. Damos a palavra a Valdemar de Oliveira, no livro de memórias *Mundo Submerso*: Foi quando, uma tarde, Octávio de Freitas me veio pedir uma noite de arte que rendesse algo para o novo prédio da Sociedade de Medicina, a completar cem anos no 4 de abril de 41. Discordei da idéia. Propus um espetáculo teatral e com peça que calhava à data: *Knock* ou *O Triunfo da Medicina*, de Jules Romains, florão de glória de Louis Jouvet, em Paris. Disse mais: o elenco deveria ser de médicos e de senhoras de médicos. Octávio de Freitas que nunca havia proferido a palavra impossível, proferiu-a nessa ocasião. Onde iria eu conseguir gente assim categorizada, no Recife? Era um sonho irrealizável. Não foi. Toquei a rebate. Walter, meu irmão, trazendo consigo a sua *Lady Claire*, veio logo; Coelho de Almeida aceitou o papel de dr. Papaína, enquanto a mim coube o de *Knock* e a Diná, o de *Enfermeira-Chefe*. Do *Espinheirense*, vieram também José Carlos Cavalcanti Borges e a sua Ivone; de mais perto, do agonizante Grupo *Gente Nossa*, chegou-me o *Filgueira Filho*; Agenor Bonfim e senhora *Jacy Bonfim* não se fizeram de rogados. Logrei catequizar, ainda, *Leduar de Assis Rocha* e a senhora *José Pandolfi*.

O espetáculo foi uma beleza, tendo deixado bom saldo para o prédio da Sociedade de Medicina. Constituiu uma ?nota prévia? do Teatro de Amadores de Pernambuco, cujo nome só veio a aparecer nos cartazes com a peça seguinte *Primerose*? A Sociedade Pernambucana de Medicina, evocando Antônio Peregrino Maciel Pinheiro, que fundou

a sociedade para agregar os médicos e servir à população, criou, a partir de 1969, juntamente com o SIMEPE e o CREMEPE, a medalha de São Lucas, patrono dos médicos desde o século XV. Desde então três médicos, por seu valor profissional e participação na vida acadêmica, são escolhidos e homenageados cada ano no dia 18 de outubro, dia do médico. A Sociedade Pernambucana de Medicina mantém assim vivo o ideário dos seus fundadores de servir à humanidade, estimular o conhecimento, congregar e homenagear os que dedicam as suas vidas à arte de curar.



TEXTO 06



6. A SOCIEDADE DOS INTERNOS DOS HOSPITAIS DO RECIFE, FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA

GILSON EDMAR GONÇALVES E SILVA

Sócio Benemérito da SIHR

NAIR CRISTINA NOGUEIRA DE ALMEIDA

Sócia Honorária da SIHR

A Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife (SIHR) foi criada em 1926 pelos estudantes da Faculdade de Medicina do Recife, tendo a frente Gildo Neto que, além de idealizador e fundador, foi seu primeiro presidente. Quando da sua fundação, era denominada Sociedade Acadêmica dos Hospitais do Recife, tendo posteriormente mudado o nome para Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife. Foram também seus fundadores: Álvaro da Costa Lima, Fernando Campelo, Jorge de Sá, Armando Temporal, Abelardo Calafange, Júlio Oliveira, Abel Caldas Ferreira e José Luiz de Medeiros Brito. Vale ressaltar que a Faculdade de Medicina do Recife foi fundada por Otávio de Freitas em 1915, tendo a sua aula inaugural ocorrido cinco anos após, em 1920. Em 1925 formou a primeira turma e em 1926 foi fundada a SIHR.

De acordo com seus estatutos, no Artigo 3º, são os objetivos da Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife:

I – Estimular pesquisa de caráter científico entre os acadêmicos de medicina de Pernambuco

II – Congregar os acadêmicos de medicina, promovendo: palestras, seminários, conferências, congressos e cursos de atualização em temas médicos, além de atividades culturais de interesse ao meio acadêmico

III- Favorecer o intercâmbio científico e intelectual entre os estudantes de medicina

IV- Favorecer o intercâmbio científico e intelectual com estudantes de outros estados e países, divulgando seus programas e realizações aos diretórios acadêmicos das Faculdades de Medicina e Sociedades congêneres.

A evolução da cultura humana tem como base a transmissão do conhecimento que promove o progresso sustentável de todas as nações. A Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife manteve essa tradição atravessando décadas e vidas, transmitindo e gerando saber, unindo o estudante de medicina ao mundo da produção acadêmica. Esta missão foi sempre conduzida com sucesso, a despeito de terem ocorrido intempéries ocasionais durante várias décadas, desde 1926. A idéia do resgate da história da SIHR vem preencher uma lacuna existente na historiografia médica de Pernambuco.

“A Sociedade possui um tesouro na pessoa daqueles que viveram momentos importantes dentro dela, e é preciso que o patrimônio das suas memórias seja apropriadamente preservado, pois pertence ao futuro. A História é um eterno recriar; tais momentos preservados não de servir não apenas como fonte de pesquisa, mas também como inspiração para incentivar os atuais e futuros estudantes de medicina a continuar essa tradição” (Patrícia Dreyer e cols, 1998).

A SHIR sempre teve como critério de admissão a apresentação e a defesa de um trabalho científico por parte do estudante ou uma equipe de estudantes. O trabalho científico deveria ser obrigatoriamente apresentado no Congresso Médico-Acadêmico Estadual ou em reuniões da Diretoria. Após sua apresentação, era comentado por uma banca composta por três professores, que arguía o estudante, nos aspectos técnico e científico. Sendo aprovado o trabalho, o estudante ou o grupo era admitido como sócio da SIHR, assim permanecendo até a colação de grau, quando passava para a categoria de Sócio Honorário. Eram premiados os

melhores trabalhos nas categorias: experimental e clínica. Este modelo persistiu durante toda a existência desta sociedade de estudantes.

A SIHR, com esta formatação, exerceu um papel importante no estímulo à pesquisa científica e também na elaboração, apresentação e defesa de um trabalho científico. Foi, assim, precursora do programa de Iniciação Científica das Universidades e do CNPq, tendo deixado de ter esta participação, quando da implantação oficial do PIBIC. Durante o período que exerceu este papel pioneiro no Brasil, motivava os serviços e as disciplinas a introduzir os seus monitores ou bolsistas nos projetos de pesquisa, fazendo-os participar das atividades da SIHR. Com isto, criava-se uma saudável disputa dos serviços e em consequência, dos estudantes, para conquistar o primeiro lugar entre os trabalhos apresentados no Congresso. Esta entidade de estudantes de medicina teve o privilégio de ser a mais antiga sociedade médico-acadêmica do Brasil, tendo suas normas copiadas em vários Estados. Conquistou ao longo dos seus anos de existência grande credibilidade no meio médico, pelos seus critérios de admissão de sócios, a organização dos Congressos, que sempre contou com a participação dos expoentes da medicina pernambucana.

A SIHR, nos seus primórdios, não tinha sede própria. Os seus sócios reuniam-se aos domingos nos hospitais da cidade. Em 1934, foi cedido um espaço no Departamento de Saúde Pública, na Rua Oswaldo Cruz, para que a SIHR se instalasse. Foi sua primeira sede. Mas, a alegria dos sócios não durou muito. Em 1938, quatro anos após a SIHR foi despejada, pois necessitavam do espaço para ampliar as instalações do Pronto Socorro do Recife.

A partir daí a Diretoria transferiu a sede da Sociedade para a Casa do Estudante de Pernambuco, ficando lá até sua mudança definitiva, em 1961, para a então Sociedade de Medicina de Pernambuco, hoje denominada Associação Médica de Pernambuco. Existe ainda uma placa alusiva aos 25 anos de fundação da SIHR na sala de reuniões da Casa do Estudante de Pernambuco.

Durante uma etapa da sua existência, a SIHR recebeu dotação orçamentária da então Universidade do Recife, que perdurou durante a

década de 50, para a organização dos seus Congressos e para as suas despesas de manutenção.

De 1951 em diante, houve um aumento do número de sócios da SIHR, com a participação também dos estudantes da Faculdade de Ciências Médicas, criada naquele ano.

O 1º Congresso da SIHR foi realizado de 12 a 20 de julho de 1932, tendo como Presidente Djair Brindeiro, sendo este evento pioneiro do Brasil, com as características de apresentação e defesa de um trabalho científico por parte dos estudantes. Estes Congressos foram realizados ininterruptamente até ao 52º, sob a presidência de Guttemberg Guerra Amorim.

A SIHR organizou eventos maiores, como o I Congresso Médico-Acadêmico Interestadual, em 1933, sendo também pioneira agora na América Latina, na realização deste tipo de evento. Em nível nacional, recebeu os estudantes de medicina do Brasil na V e XII Semana Brasileira de Debates Científicos em 1951 e em 1958, respectivamente. Alguns dos seus sócios fizeram parte de uma delegação da SIHR para participar, a convite, de eventos científicos em Lima e em La Paz.

A Sociedade de Internos lançou, em 1932, o primeiro número do “Jornal dos Internos”, que não teve continuidade, por questões financeiras. Mas, o grupo não desistiu. Alguns anos depois, já na década de 40, foi lançada a “Revista Médico-Acadêmica de Pernambuco”.

Um prêmio, para ser concedido ao melhor trabalho apresentado no Congresso, foi criado em 1934, com a denominação de “Prêmio da Sociedade de Internos”, tendo sido Manoel Caetano Escobar de Barros o primeiro agraciado.

Os Congressos Médico-Acadêmicos Estaduais tiveram sua norma de funcionamento regulamentada por um regimento, aprovado pelos membros da SIHR a partir de 1961. Neste ano ocorreu o XX Congresso Médico-Acadêmico Estadual e a SIHR participou da XV Semana Brasileira de Debates Científicos na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Em 1962, foi cancelado o auxílio financeiro da Faculdade de Medicina, em virtude da redução da verba destinada àquela unidade de ensino por parte da Reitoria da então Universidade do Recife.

A SIHR também tinha uma participação no movimento estudantil, complementando-o com as suas atividades científicas e até mesmo promovendo discussões políticas. É de ressaltar um discurso feito pelo Professor Eduardo Wanderley Filho, nos idos de 1963, época de grande movimentação política do Brasil, durante a abertura do XXII Congresso Médico-Acadêmico Estadual. Este pronunciamento foi transcrito na íntegra no Livro de Atas da SIHR. No ano seguinte, 1964, após a implantação do regime militar no país, este livro de atas ficou sob a guarda sucessiva dos presidentes da SIHR, até a redemocratização do país, com a finalidade de preservar esta importante lição para os estudantes da época. Ao ser eleito, o presidente recebia do seu antecessor o livro, que foi denominado “Livro da Capa Preta” e se comprometia a guardá-lo, livre de qualquer tentativa de ser recolhido pelas autoridades da época. Tive a honra, como presidente no período 1965-1966 de ser guardião desta preciosidade da memória da SIHR, que infelizmente desapareceu junto com todos os seus arquivos.

No ano de 1966, organizamos uma festa para celebrarmos os 40 anos de fundação da SIHR. Gilson Edmar, estava na Presidência e juntamente com os colegas da Diretoria, Luiz Fernando Maciel, Marcelo Paranhos, Álvaro Duarte, Márcio José Fortuna Santiago, entre outros, prepararam dois eventos comemorativos: uma missa celebrada por Dom Hélder Câmara, na Sociedade de Medicina de Pernambuco e um almoço no Clube Internacional Recife. Os dois momentos foram prestigiados pelos estudantes e, principalmente, por ex-sócios, ex-dirigentes e ex-presidentes (médicos e professores em atividade). Conseguimos trazer o segundo presidente da SIHR, Dr. Álvaro da Costa Pereira, que sucedeu a Gildo Neto. Foram momentos emocionantes para todos nós.

Uma grande lição, proporcionada pela SIHR, foi-nos dada pelo Professor Nelson Chaves, Catedrático de Fisiologia, onde Gilson Edmar, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque e Márcio José Fortuna Santiago fizeram a iniciação científica, com o trabalho sobre a atividade

muscular da preguiça, orientado pelo Professor Paulo Saraiva (Aspectos da contração muscular do *Bradypus tridactylus*). A pesquisa foi realizada no Laboratório de Neurofisiologia. Logo em seguida, Paulo Saraiva viaja para complementar a sua formação e o Professor Nelson Chaves assumiu o papel de nos ensinar a escrever o trabalho e a nos treinar na sua apresentação e na sua defesa. No dia marcado para a nossa apresentação, qual foi a nossa surpresa de, ao chegarmos à noite na Sociedade de Medicina encontramos o Professor Nelson Chaves sentado na primeira fila, para assistir a apresentação do trabalho dos seus estudantes do 4º ano de Medicina. Foi para nós uma demonstração do seu compromisso como professor e como mestre e cuja lição nos acompanhou nas nossas vidas de médico e professor. Isto ocorreu durante o XXV Congresso Médico-Acadêmico Estadual, que organizamos em 1966.

Também ocorreram momentos alegres e pitorescos na vida desta Sociedade de Estudantes. A Diretoria reunia-se semanalmente na Sociedade de Medicina. Durante estas reuniões descobrimos uma caixa de vinho branco italiano, que tenha sido doado por um laboratório farmacêutico para os eventos da Sociedade de Medicina. A partir daí, as reuniões eram realizadas, “regadas” a vinho branco, até ser consumida toda a caixa. Nada dissemos a ninguém. Era um nosso segredo. Mas, um dia, a SMP precisou de vinho para uma festa ou jantar e D. Tereza, a secretária quando foi buscar as garrafas, encontrou-as vazias. Veio nos perguntar se nós sabíamos de algo, pois ela desconfiava que tinha sido a Diretoria da SIHR que havia consumido. Negamos peremptoriamente. Nunca confessamos. Ela nunca acreditou. Nada disse à Diretoria da SMP e ria bastante quando lembrava do fato, anos depois, ao nos encontrar.

Com a lamentável perda da documentação da SIHR ficamos sem registros a partir de 1967 até 1991, cuja memória nós tentaremos resgatar através da história oral. Sabemos que neste período a Sociedade dos Internos esteve bastante ativa, cumprindo sua missão entre os estudantes de medicina, conforme depoimentos dos presidentes da época. Faltam, entretanto, detalhes destas atividades, que enriqueceria certamente a sua memória.

No ano de 1991, a SIHR fez um intercâmbio com a UFAL, participando da Jornada Médico-Acadêmica, realizada naquela Universidade. Nesta época existia uma revista, chamada SATUS, cujo 6º número a Diretoria se empenhou em obter recursos para sua editoração. A revista iria conter um editorial sobre 65 anos da SIHB e a publicação dos trabalhos classificados nos três primeiros lugares do XLV Congresso Médico-Acadêmico Estadual (CMAE), realizado em outubro de 1990.

No segundo semestre de 1991, o então Deputado Garibaldi Gurgel, que já vinha negociando o total patrocínio da Secretaria de Saúde à Revista SATUS, propôs e foi aprovado pela Assembléia Legislativa de Pernambuco, um voto de louvor à SIHP “por sua força em se manter viva, ajudando na formação médico-acadêmica dos futuros médicos pernambucanos”.

Já em 1992, sentindo a concorrência dos programas oficiais de Iniciação Científica enviou uma solicitação à Faculdade de Ciências Médicas para que a sua “Jornada de Trabalhos Científicos” não fosse realizada no mesmo período do Congresso Médico-Acadêmico Estadual.

Em outubro de 1995, foi realizado o I *Workshop* da SIHR quando tomou posse a nova Diretoria, liderada por Thamine Hatem, que recebeu dos antecessores o patrimônio físico da Sociedade: móveis, utensílios, material de expediente e certificados, patrimônio financeiro e cultural (relatórios, trabalhos arquivados, livros e revistas), de acordo com o registro no Livro de Atas de 1990 à 1996, um dos raros documentos resgatados até o momento atual.

Neste mesmo ano, recebeu uma sala, para sua sede, no prédio da Sociedade de Medicina de Pernambuco, onde passou a ter reuniões e onde começaram as discussões para se escrever a história da SIHR e para definir normas para as publicações na SATUS.

No ano seguinte foi elaborada uma proposta de novo estatuto para a SIHR, sendo convocada uma Assembléia para discussão e aprovação do mesmo e também das normas da Revista SATUS.

Durante o Congresso Médico Acadêmico Estadual, em 1996, cujo tema foi: “SIHR: 70 anos de ciência, tradição e juventude”, o Secretário Geral, estudante Leandro Cardoso Fernandes cantou a canção que ele

compôs, letra e música, em comemoração ao setuagésimo aniversário da Sociedade, cuja denominação era: “Exaltação à SIHR”. É interesse de todos localizarem o autor e resgatar este hino, para divulgação entre os ex sócios, sócios honorários e beneméritos da SIHR. Para participar destas celebrações, um dos autores deste fragmento de memória (Gilson Edmar) propôs uma homenagem da UFPE aos 70 anos da SIHR.

Ainda neste ano, no mês de maio, ocorreu o II *Workshop* da SIHR. Entretanto, se acentuaram as dificuldades para a realização para a realização do 48º Congresso Médico-Acadêmico Estadual, pois no mês de outubro, vários eventos são realizados: CONIC, COBEM, Congresso da SMP, entre outros.

Foi ainda proposto a re-edição do Prêmio Gildo Neto, concedido ao 1º lugar entre os trabalhos apresentados no Congresso, geralmente entregue pelo Dr. Gildo Benício, sobrinho de Gildo Neto, o fundador da SIHR.

Mesmo com dificuldade a SIHR continuou a organizar os seus congressos. Estas dificuldades eram também relacionadas à manutenção de uma sociedade como a SIHR.

É interessante conhecer um pouco do pensamento dos estudantes que faziam a Sociedade de Internos. Para isto, vamos transcrever parte da Ata da 29ª Reunião da Diretoria, realizada em 5 de outubro de 1996, sob a presidência de Vitor Luna de Sampaio. Trata-se de um depoimento sobre a vida na SIHR: “Em seguida todos os membros falaram da experiência adquirida em uma das Diretorias da SIHR e do quanto profundo se tornou a nossa amizade por tudo que passamos juntos na realização de dois *workshops* e de um congresso. Foram momentos de dúvidas, tristezas, alegrias, discussões entre os membros, quando apontávamos os defeitos de cada um e crescíamos juntos. Foi unânime a conclusão de que não somos as mesmas pessoas que entraram na Diretoria em 1995. Estamos mais velhos e com a face mais cansada, mas com certeza abarrotados de experiência e de maturidade. Tudo isto sem contar com a grande amizade que nos une. O bem que queremos um ao outro foi quadruplicado juntamente com a experiência e a maturidade. Portanto,

o saldo foi positivo em um ano de Diretoria da Sociedade de Acadêmicos de Medicina mais antiga do Brasil e da América Latina!”

A SIHR é uma sociedade, como também eles disseram: “rica apenas em tradição e boa vontade, onde ninguém espera pelo outro, trabalhamos juntos pelo seu crescimento”.

Ao longo dos anos foi sempre assim a Sociedade dos Internos dos Hospitais do Recife, de todos os estudantes de medicina, de 1926 a 2000. Bom seria se os atuais estudantes a fizessem renascer, para a alegria de todos que por ela passaram.

REFERÊNCIAS

1. Carvalho, A. – *Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife* – Subsídios à sua História e à dos congressos médico acadêmicos no Brasil – Rev. Médico Acadêmica de Pernambuco, vol. II, n. 2, 47-55, 1959.
2. Dreyer, G. e cols. – *Comunicação pessoal*.
3. Livro de Atas da Sociedade dos Internos dos Hospitais do Recife, de 1990-1996.
4. Pasta de documentos da Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife, de 1954 a 1962.
5. Comunicações orais de ex-Presidentes da SIHR



TEXTO 07



7. A IMPRENSA MÉDICA EM PERNAMBUCO, AS PUBLICAÇÕES DA SOCIEDADE

GERALDO PEREIRA (*) (**)

Pernambuco, desde os tempos de começo, tem sido pródigo em antecipações e pioneirismos, no campo do humanismo em geral e na seara da ciência. Foi aqui, no lugar que Duarte Coelho ocupou e por tantos anos viveu, que Bento Teixeira concebeu o primeiro livro escrito em terras nacionais: a *Prosopopeia*. Um épico, que no dizer de Leonardo Dantas Silva é um texto erudito; livro, aliás, ainda hoje objeto de culto de bibliófilos e intelectuais em geral. O volume, que deu ao Estado a primazia na poética brasileira, é de 1601, publicado em Lisboa, mas Luzilá Gonçalves Ferreira, citando Pereira da Costa, faz referência a uma data ainda mais anterior: 1584. É de Leonardo Dantas Silva, também, a alusão ao fato de que o poeta foi, de igual forma, o primeiro a cantar as belezas do porto de Pernambuco e a simbiose da nascente povoação do Recife com o mar. O livro é dedicado ao Governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Pereira, um costume comum à época, registrando o autor o seguinte: “Que eu canto um Albuquerque soberano,/Da fé, da cara pátria firme muro/Cujo valor é ser que o céu lhe inspira,/Pode estancar a lácia e grega lira.”

Nos anos de Maurício de Nassau as artes ganharam força, no traço antropológico de Albert Eckhout e na pintura de Frans Post, verdadeiro cronista da paisagem. Mas, sobretudo, pontificaram os escritos científicos de Williem Piso e Georg Marckgrave, resultantes de argutas observações das doenças tropicais e das mezinhas dos índios. Em 1648 foi

publicada a *Historia Naturalis Brasiliae*, dividida em duas partes: a obra de Piso, *De Medicina Brasiliensi* e o volume da autoria de Georg Marckgrave, depois que o material disponível foi analisado e organizado por Joannes de Laet, intitulado *Historiae Rerum Naturalium Brasiliae*.

As observações e as anotações foram tantas que Piso desdobrou a sua contribuição em quatro livros diferentes. No primeiro desses fez uma descrição hipocrática do lugar, sob a rotulação acadêmica de *De Aere, Aqyuis et Locis*, um estudo detalhado sobre a natureza, o clima e as condições de vida no Brasil. No outro, o segundo – *De Morbis Epidemiis* –, trabalha a problemática das doenças na Colônia, destacando, como está em Carlos Alberto Miranda, o tétano, as boubas, a sífilis, o mal do bicho, as verminoses e as febres. Aborda, também, as práticas terapêuticas, fixando-se na experiência acumulada pelos índios. No próximo, o terceiro, dedica-se aos animais peçonhentos, fazendo alusão aos antídotos que conheceu: *De Venenatis et Antidotis*. Finalmente no último, intitulado *De Facultatibus Simplicium*, descreveu de forma minuciosa a ação das plantas medicinais e as respectivas virtudes, as práticas terapêuticas, fixando-se na experiência acumulada pelos índios.

Pioneirismo de Pernambuco, também, com os três primeiros livros médicos publicados em português, dando conta das doenças na Província e no Brasil. A obra *Morão, Rosa & Pimenta – Notícia dos três Primeiros Livros em Vernáculo sobre Medicina no Brasil*, cuja edição representou uma iniciativa da maior importância do Prof. Jordão Emericiano, então Diretor do Arquivo Público Estadual, em 1956; obra que reúne, como bem está no título, os três primeiros livros escritos em vernáculo sobre medicina no Brasil. Livros, aliás, que reconhecem em Simão Pinheiro Morão, em João Ferreira da Rosa e em Miguel Dias Pimenta os respectivos autores. A edição foi prefaciada pelo sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre e comentada pelo geógrafo Gilberto Osório de Andrade e pelo médico Eustáquio Duarte. Tudo depois de um trabalho apresentado por Osório de Andrade no II Congresso Brasileiro de História da Medicina, em 1953.

Gilberto Freyre, no texto introdutório, retoma a questão anterior do pioneirismo de Piso e insiste com o reconhecimento de Pernam-

buco como centro precursor de pesquisas científicas no Novo Mundo, com o zoológico, o jardim botânico, o observatório astronômico, os hospitais, os setores médicos voltados para as necropsias e as primeiras observações sobre parasitologia, toxicologia, etc. Quando o autor – Gilberto Freyre – reconhece o pioneirismo de Piso, cita Gilberto Osório de Andrade e reafirma que o médico batavo foi “... o fundador da nosologia brasileira”. Acrescenta Eustáquio Duarte “... ter sido o trópico brasileiro... pela primeira vez observado e apresentado em caráter estritamente científico.” Dos três livros, conforme defende Gilberto Osório, pelo menos dois foram escritos por médicos, com toda certeza. Livros publicados nos anos de 1683, 1694 e 1707, respectivamente.

Têm, respectivamente, os seguintes títulos: *Tratado Único das Bexigas e Sarampo*, de Romão Mõsia Reinhpo; *O Tratado Único da Constituiçam Pestilencial de Pernambuco*, de João Ferreira Rosa; e *Notícias do que he o Achaque do Bicho*, de Miguel Dias Pimenta. Este último o único que não era médico, mas comerciante. Note-se, ainda, que o nome de Morão aparece como um anagrama: Romão Mõsia Reinhpo. Isso, segundo o bibliófilo Tancredo de Barros Paiva. O livro de Rosa é considerado o mais antigo, mas, conforme Gilberto Osório, o *Tratado Único das Bexigas e Sarampo* é anterior em 11 anos ao livro de João Ferreira da Rosa. Livro que parece ter sido escrito depois de um acometimento de bexiga que sofrera o autor, a tirar pelo que refere ele mesmo no seu texto: “... ainda estando de cama, embargando todas as forças da mais cruel doença...”. O que não há concordância é na interpretação da “...mais cruel doença...”, se a bexiga realmente ou se a gota, como parece a outros. Teria D. João de Souza o exortado a escrever com um bom pretexto? Repetiria, de uma certa forma, o que fez o célebre Robert Burton, da Inglaterra, autor de um trabalho sobre melancolia, mal de que sofria? Morão baseava-se na medicina hipocrática para tratar os seus doentes e assim prescrevia o livro. O autor recomendava quatro tensões curativas. A primeira seria a de evacuar toda a quantidade dos humores que “pecam ou sobejam no corpo do enfermo”. A segunda é ajudar a natureza para que lance da bexiga para fora os humores que as veias têm. A terceira é a aplicação de benzoárticos. E finalmente, o quarto dos

procedimentos os quais se resumem no abrandamento dos sintomas ou acidentes que molestem o enfermo.

Já a contribuição de João Ferreira da Rosa foi uma conseqüência de uma mortífera pestilência que o povo de Pernambuco chamava de “epidemia dos males” e a gente baiana de “bicha venenosa”, por se parecer com os sintomas de picada de cobra. Tendo assistido à epidemia, o autor escreveu e publicou em Lisboa a sua versão, não apenas sobre as causas, mas também a propósito dos remédios e das medidas preventivas, incluindo os procedimentos com as covas e as ruas. Octávio de Freitas faz uma descrição interessante da questão, atribuindo o quadro clínico à febre amarela, que matou 2.000 pessoas no Recife. Faz parte do cortejo sintomatológico a icterícia e a anemia, sendo que esta última pode ser antecipatória da morte para breve. É interessante o comentário que faz Eustáquio Duarte, à guisa de introdução histórica, demonstrando que a febre amarela, ao contrário do sarampo e da varíola, era desconhecida do branco europeu, razão para um acometimento epidêmico, mas sendo, imunologicamente, conhecida pelo gentio e pelo negro vindo da África, o tributo pago era sempre menor. Já as outras viroses não, quase dizimam os gentios. O chamado tifo amarílico remonta às antigas civilizações, euro-afro-asiáticas, citando-se até nos aforismas de Hipócrates a icterícia e os vômitos negros, em que pese terem sido assim referidos de forma isolada. Mas, é de Gilberto Osório a ênfase de que a epidemia teve tempo para começar e tempo para terminar, numa prova inequívoca da imunidade adquirida após o contágio ou após a doença; uma resposta sorológica, como classifica o ilustre geógrafo pernambucano.

Nos primeiros séculos da colonização pouco se escreveu em Pernambuco abordando as doenças e os remédios que se indicava, além do que foi publicado na literatura geral, sobretudo histórica. É natural que assim tenha sido. As referências apareciam mais em volumes dedicados à história, como foi o caso da obra de Pero Magalhães Gandávo – *História da Província de Santa Cruz* –, na qual o autor faz alusão às virtudes da copaíba, uma árvore encontrada em abundância neste recanto tropical do globo. Eustáquio Duarte, citado por Leduar de Assis Rocha, refere que depois de Guilherme Piso e Georg Marckgraf, o que foi publicado

peca pelo desprezo à investigação, sendo textos meramente descritivos. Não é tanto assim! Tudo era muito difícil e tudo era muito diferente.

É de Octávio de Freitas, todavia, em capítulo que escreveu no *Livro do Nordeste*, a referência ao médico Manoel dos Santos, licenciado dos hospitais do Reino de Portugal, que viveu no Recife e escreveu, em 1747, uma *Narração Histórica sobre as Calamidades de Pernambuco*, entre 1707 e 1715. É nesse livro que o autor comenta que depois da epidemia dos males, caíram em muito os casos das febres malignas. Compreende-se, modernamente, que a doença causou muitas baixas, mas os que resistiram permaneceram imunes ao vírus, até que novos susceptíveis surgissem. Isso, nos anos sessenta, do século XX, ensinava o mestre Aluizio Bezerra Coutinho. É o mesmo Leduar de Assis Rocha quem faz referência às seguintes obras: *Historiologia Médica* (1733), na qual Rodrigues de Abreu anuncia algumas das doenças do Brasil e destaca certas propriedades medicinais de várias plantas. *O Erário Mineral* (1735), de Luiz Gomes Ferreira e o *Relato Cirúrgico e Médico*, de Cadoro Miranda.

Há outras referências, como já se disse, em obras voltadas à história, como *O Valeroso Lucidênio*, segundo Rocha, ainda, em cujo livro está descrita a amputação que sofreu Henrique Dias, depois de ter sido ferido à bala em combate com os holandeses. Sabendo que os batavos tinham por hábito usar toucinho em suas balas, o que dificultava, em muito, a cicatrização, optou o comandante pela ablação da mão, depois de desarticulada do punho e assim foi feito. Comentários também sobre as doenças no Brasil – em Pernambuco particularmente – estão na conhecida obra *Diálogos das Grandezas do Brasil*, de 1618, escrita por Ambrósio Fernandes Brandão. Exemplo disso segue adiante, numa parte dos diálogos:

Brandonio: Eu não disse absolutamente que no Brasil não havia doenças, porque isso seria querer encontrar a verdade; mas o que quiz dizer é que as doenças, que há neles, são tão leves e fáceis de curar, que quase se não podem reputar por tais, e senão vêde quanto gentio habita por tôda esta costa, o qual, com viver tão brutalmente, fazendo tanto excesso no

comer e beber em suas borracheiras, que só em uma noite das muitas que gastam nelas era bastante para matar a mil homens, contudo a êles lhes não faz dano, e vivem sãos e bem dispostos.

É importante notar que estudos em torno da imprensa brasileira, da pernambucana em particular, abordaram essa forma peculiar de divulgação científica – a imprensa médica –, dando conta hoje, neste século XXI, do que circulou em tempos pretéritos. Assim foi com os *Annaes da Imprensa Brasileira*, de Alfredo de Carvalho, que circularam em 1908, em cuja publicação estão diversas revistas pernambucanas, dentre as quais aquelas de cunho estritamente médicos. São poucas, na verdade – não poderia ser diferente –, quando se compara com a obra de Luiz Nascimento, jornalista e escritor no Recife, que escreveu *A História da Imprensa em Pernambuco*, em 14 volumes, hoje disponíveis em CD-ROOM e igualmente à mão na Internet. É de se comentar a alusão que faz o autor dessas linhas – Geraldo Pereira –, em Congresso da Sociedade Brasileira de História da Medicina, quando se refere a 83 publicações médicas em Pernambuco, sendo 10 desses periódicos no século XIX e o restante nos anos 1900. A bem da verdade, essas iniciativas proliferaram no Recife, sobretudo, trazendo a lume publicações de vida efêmera, restritas, tantas vezes, a um único número. Chama a atenção em Luiz Nascimento a publicação do *Jornal de Medicina de Pernambuco*, de 1905, sob a batuta de Octávio de Freitas, como tantas outras coisas no Estado. O *Jornal* circulou por 50 anos, sobrevivendo, inclusive, à morte de seu fundador, a quem deve essa manutenção duradoura. O mestre Octávio de Freitas faleceu em 26 de janeiro de 1949, depois de ter revisto as provas de sua revista, ainda no leito de morte.

Na obra de Nascimento merecem destaque, também, *os Anais da Faculdade de Medicina do Recife*, revista fundada em 1934, graças à visão de futuro do professor Aggeu Magalhães, então catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas, a cuja cadeira deveria servir. Tornou-se, em realidade, uma revista de toda a Faculdade, mas teve a circulação interrompida entre 1947 e 1953, sendo resgatada em 1954 e novamente

suspensa em 1982. No ano de 1992, sendo Diretor do Centro de Ciências da Saúde – sucedâneo da antiga Faculdade de Medicina – o autor deste capítulo (Geraldo Pereira), o periódico voltou a circular e circula até hoje. Nesse último intervalo de tempo, divulgou em suas páginas 321 artigos originais, além de 76 relatos de casos e 20 artigos de revisão. Questiona-se se revistas assim, institucionais, não seriam fomentadoras de uma endogenia desnecessária, não recomendável. Claro que sim, mas grande parte das publicações o são também. Cabe tomar medidas que possam controlar a qualidade dos textos e sobretudo promover um intercâmbio salutar com outras instituições, inclusive aquelas de outros estados e até de outros países. Outra referência na obra de Luiz Nascimento é aquela da revista de *Neurobiologia*, criada em 1938 e que ainda hoje circula nos meios científicos pernambucanos. Teve em Ulysses Pernambucano de Mello o seu primeiro Diretor e publicou o último discurso desse pernambucano ilustre, reformador da psiquiatria, quando do almoço de confraternização dos médicos brasileiros com as forças armadas americanas, divulgado na edição de março/junho de 1944. Chegou a mudar de nome, mas depois retomou a denominação anterior, como circula atualmente.

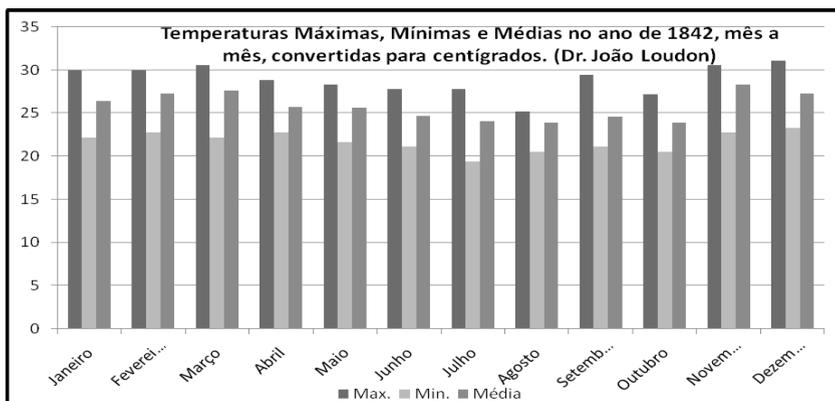
O médico pernambucano, escritor de boa pena e historiador da medicina citado Leduar de Assis Rocha, em seu livro *História da Medicina em Pernambuco*, segundo volume, lembra que a bibliografia pernambucana no século XIX, de igual forma, é pobre, quase não se escreveu nesse século. A maioria dos médicos só deixou mesmo a tese de doutoramento e poucos profissionais dedicaram-se à chamada escrita mundana, isto é, à literatura. Médicos da Bahia e do Rio de Janeiro foram mais pródigos, comenta o autor. Como não havia uma imprensa especializada – imprensa médica –, era difícil a divulgação de qualquer texto científico. Isso fez com que artigos de jornal trouxessem, com relativa frequência, informação médica, inclusive aquelas privativas do especialista na ciência de Hipócrates, o que nos tempos de hoje seria ferir a ética e desrespeitar os códigos. Nota-se essa falta de cuidado com a intimidade do doente, também, em alguns trabalhos que foram veiculados nos *Annaes da Medicina Pernambucana*, em cujo conteúdo está não

somente a descrição comentada de certos quadros clínicos, mas a citação do nome do paciente. Discutia-se, por exemplo, a doença de uma pessoa, numa quase polêmica entre médicos com posições diagnósticas diferentes. Não havia, à época, o segredo profissional. O doente, ao que parece, ficava à mercê desse debate, o qual não podia ser produtivo.

Essa publicação, que surge um ano depois da fundação da Sociedade de Medicina de Pernambuco, foi um dos periódicos mais importantes da hoje Associação Médica de Pernambuco, vindo à luz, no mês de outubro, do ano de 1842. Os números desses *Annaes*, exatamente do I ao VI, sendo este o último, cuja circulação se deu em fevereiro de 1844, foram reunidos em um volume, por iniciativa de Leonardo Dantas Silva, quando era Diretor do Departamento de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura, do Governo do Estado de Pernambuco. A iniciativa foi um resgate importante, haja vista ter promovido a reintrodução de toda obra nas bibliotecas. Uma plêiade de médicos importantes da época em que se criou a revista, constituíam a Comissão de Redação. Assim, os profissionais Simplício Antônio Mavingner, Antônio Peregrino Maciel Monteiro, Pedro Dornelas Pessoa, José Joaquim de Moraes Sarmiento, João Loudon, João Ferreira da Silva, José Eustáquio Gomes e Joaquim de Aquino Fonseca tomaram a si a missão de editores. O Redator-Chefe era o Dr. Mavingner.

Muito interessantes são as observações meteorológicas feitas pelo Dr. Loudon e pelo médico Moraes Sarmiento. Observações que permitem no hoje das coisas uma comparação com as condições que se vive, sobretudo no que toca às temperaturas. Esses profissionais, de certa forma, anteciparam estudos em tudo necessários à melhor compreensão do aquecimento global de que se fala atualmente, em particular o que ocorre na cidade do Recife. A esse propósito, como se referiu, o Dr. João Loudon fez um levantamento circunstanciado de alguns dados meteorológicos. Dados registrados no lado sul da antiga rua do aterro, atual rua da Imperatriz. As temperaturas, apresentadas em unidades Fahrenheit e Reumir, foram aqui convertidas em centígrados, para uma melhor compreensão do leitor e adiante apresentadas em traçado gráfico, apenas como forma de ilustrar o presente ensaio. Note-se que as

máximas quase nunca ultrapassam os 30°C, senão em três ocasiões distintas, nos meses de março, de novembro e de dezembro, mantendo-se, sempre, abaixo desse patamar. São informações que podem servir aos pesquisadores de hoje, com o objetivo de se comparar os registros de antes com aqueles que se tem agora, permitindo o desenvolvimento de trabalhos que tragam esses dados.



Leduar de Assis Rocha, já citado, historiador mor deste rincão, no que toca à medicina, seus vultos e suas marcas, escreve notável Prefácio como estudo introdutório aos *Annaes* que se vem comentando. Em seus destaques, chama a atenção para o *Proemio*. O *Proemio*, uma introdução também à publicação, em seu nascimento, dentre outras coisas, alude ao fato de que a Sociedade reúne sócios de várias categorias, a saber: médicos, cirurgiões e farmacêuticos. Fazendo referência, mais adiante à possibilidade de serem admitidos em seus quadros, na condição de membros honorários, aqueles que sejam respeitáveis por seu saber e instrução, em qualquer dos outros ramos dos conhecimentos humanos. Além das pessoas que tenham prestado relevantes e assinalados serviços à humanidade. O discurso de Maciel Monteiro, no entanto, é um atestado secular à cultura deste homem múltiplo. É do primeiro Presidente deste sodalício, agora mais que sesquicentenário, a referência a figuras brilhantes da cultura universal. Figuras do porte de um Pitágo-

ras, de um Arquimedes ou de um Aristóteles, este “...que foi sem duvida o mais assombroso genio daquellas épocas remotas...”. Faz alusão a esses predecessores das ciências e do saber, para justificar a criação por eles de associações nomeadas como academias, nas quais se discutiam os avanços e as descobertas recentes, exortando, então, a todos para que se congreguem e assim participem da emergente Sociedade, contribuindo, então, para o desenvolvimento científico.

A Sociedade de Medicina de Pernambuco nasceu com esse espírito científico impregnado em seu corpo funcional, de tal forma que os Estatutos, publicados no primeiro número dos *Annaes*, previam que a admissão dos sócios efetivos dependia, dentre outras exigências, da apresentação de um original manuscrito ou impresso sobre qualquer ponto das ciências médicas. Mas, o Artigo 22 do aludido diploma legal previa que o sócio efetivo passaria a sócio honorário, depois de vinte anos na Casa ou se viesse a completar 75 anos. É de se notar, ainda, nos Estatutos a recomendação de que o dia do aniversário da instituição seja assinalado com uma sessão solene, cuja pauta vem prevista no mesmo Art.49. Essa, uma tradição que se mantém até hoje, agraciando-se, atualmente, com a Medalha Maciel Monteiro, profissionais médicos que se destacaram. No próximo artigo, vem a recomendação de se realizar sessões ordinárias no primeiro dia útil da 2ª e 4ª semana de cada mês. É interessante notar no mesmo documento a preocupação com a criação de um jornal que sirva para divulgar os trabalhos, as atas, as memórias e promover o progresso das ciências médicas. As discussões que forem objeto de reuniões e encontros devem ser reduzidas a relatórios a serem publicados, como rezam os Estatutos e depois publicados. Uma dessas discussões já aparece no mesmo número em que foram divulgados o regulamento de que se vem tratando e versa justamente sobre “A’ cerca das Boubas”.

A questão da discussão e do debate da doença alheia sem guardar, sequer, o nome do paciente, está bem patente em texto que aparece nos *Annaes*, à página 162 da reedição, Ano II. Número IV, quando se expõe a doença que matou o Dr. João Loudon. No artigo intitulado *Constituição Médica, ou molestias reinantes*, está o referido texto, começando pela

expressão de lamento da Sociedade de Medicina com a morte daquele profissional. Há, no caso, uma crítica ao doente, que sendo médico, não atendeu às recomendações dos colegas e não fez uso de antiflogísticos, razão para a doença ter se tornado crônica, mais profunda e extensa, crescendo sempre em intensidade. Produziu ulcerações que entraram e supuração, as quais depois de minar toda economia, tomou um caráter pernicioso e em poucos dias lançou ao túmulo o colega. O artigo critica o Dr. João Loudon, cujo falecimento atribui ao fato de ter se encantado o profissional com as doutrinas inglesas, das quais se imbuíu e com as quais se fascinou, razão para ter lançado mão, apenas, dos calomelanos, do ópio e do ruibarbo, diversamente combinados. Não atendeu, diz o material, às modificações sugeridas, tendo persistido, teimosamente, com suas mezinhas. Não é intenção desse ensaio fazer qualquer consideração de ordem histórica sobre essa morte e essa doença, mas pode caber no futuro uma investigação mais acurada do caso, haja vista a extensão do artigo e a quase certeza, como se afirma, de não se tratar da febre tifoide.

Há outros artigos e outras discussões de casos, mas salta aos olhos a importância e a valia que se dava à meteorologia, como se comentou. O Dr. J.J. de Moraes Sarmiento fez um levantamento circunstanciado desses dados em sua residência, na rua do Aterro, hoje rua da Imperatriz Tereza Cristina, a mesma das observações do Dr. João Loudon. Essas análises foram ainda mais completas que as anteriores, haja vista incluir, além das temperaturas tomadas em intervalos regulares, a pressão atmosférica, a umidade do ar, a direção do vento, o estado do céu e até a precipitação pluviométrica nos dias de chuva, sem falar na medida, uma vez ao dia, da concentração de gas carbônico. Note o leitor que as informações por certo assumem uma valia indiscutível no tempo que corre, em função, justamente, das grandes mudanças que se verificam e que se antecipam nessas peculiaridades do clima. Fica em aberto um estudo mais aprofundado da questão, naquele século e sobretudo de forma comparativa com as atuais informações meteorológica.

As reuniões anuais da Sociedade, realizadas, de preferência, no segundo semestre do ano, estão, pelo menos três desses encontros pub-

licados em tomos que reúnem várias contribuições científicas, algumas das quais importantes nos dias atuais para a comparação com dados registrados na modernidade. Interessante descrição é feita pelo ilustre professor Jorge de Oliveira Lobo, a propósito do Ainhum – *Um caso de Ainhum* -, trabalho publicado no segundo número desses relatórios. É, como afirma o autor, o primeiro caso descrito em Pernambuco. O professor faz uma descrição de tal forma apurada do caso, que o texto poderia ser publicado hoje, com as correções naturais dos avanços nos estudos etiológicos. Mas, consultando um trabalho sobre o mesmo assunto de 2004, de Luciana Valentini de Melo Cesarini e cols., não há referência ao pioneirismo de Lobo. É que a produção científica do Nordeste do Brasil, sobretudo essa mais antiga, hoje histórica, não ultrapassava as fronteiras regionais. Lamentavelmente! Outro destaque importante está no terceiro número, o último, em trabalho escrito por Gil de Campos e Armando Macedo, abordando a *Contribuição à Antropometria do Escolar Recife*; colaboração que por certo servirá ao estudioso contemporâneo para o confronto com os dados, até porque os autores são pródigos em citações.

A Sociedade de Medicina de Pernambuco publicou, ainda, os *Annaes do Instituto Médico Pernambucano*, contemplando uma denominação nova assumida pelo sodalício; publicação que circulou em 1874, mas que teve vida efêmera, aparecendo apenas um número. Já os *Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco*, vieram à luz em 1947 e representaram uma época de produção científica pródiga; revista, aliás, que circulou até 1955, dividida em fascículos e depois em números, como é do hábito hoje. Artigos que passaram a assumir uma conotação bem diferente daquela do século XIX, quando ainda se falava em sanguesugas e outras intervenções assemelhadas. Essa foi, com toda certeza, a revista mais importante da Sociedade, não apenas pela quantidade de exemplares publicados, mas sobretudo pela contemporaneidade dos artigos ali veiculados e o nível dessas contribuições.

Dentre os trabalhos publicados nos *Anais*, chamam a atenção os artigos de Aristides de Paula Gomes e outros pesquisadores, os quais descreveram em Pernambuco a existência do megacolon e megaesôfago.

Em 1954, no exemplar do ano VI. números 1 e 2, está o seguinte registro: Paulo Borba, Aristides de Paula Gomes, Luiz Tavares da Silva e o acad. Jayme Scherb – Megasôfago, megacolo e doença de Chagas. Mas, outra pesquisa acusa: Inquerito sobre Doença de Chagas em Nazaré da Mata, quando de 193 pessoas examinadas, 40 casos foram diagnosticados. No segundo artigo figuravam como autores os seguintes, por ordem de precedência: Aristides de Paula Gomes, Paulo de Queiroz Borba, Ivan Amorim e o acad. Geraldo Gomes.

Muitos anos depois (1994), estando o autor dessas linhas na direção do Centro de Ciências da Saúde e obtendo uma verba específica da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Governo do Estado, cujo Secretário era o Prof. José Luiz Delgado, para a publicação de uma revista, socorreu-se da Sociedade e fez vir a luz um número especial dos *Anais*. Nesse número foram inseridos trabalhos versando sobre ética médica, mas também artigos sobre personalidades médicas importantes, à semelhança de Noel Nutels, sobre quem escreveram Salomão Kelner – *Noel Nutels: Um Brasileiro nascido na Rússia* – e Geraldo Pereira: *Um judeu nordestinado*. Há outros textos importantes, como aqueles sobre Josué de Castro, assinados por José Nivaldo – *Josué de Castro vinte anos depois* – e Salomão Kelner: *Josué de Castro: o profeta da tragédia da fome mundial*. Figura ainda um relatório de conclusão dos trabalhos de uma comissão tripartite – Clube de Engenharia, Sociedade de Medicina de Pernambuco e Conselho Regional de Medicina de Pernambuco – em torno da questão do saneamento no Estado, com conclusões e recomendações.

REFERÊNCIAS

1. Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco – Ano VI. Número Especial. Dezembro de 1994.
2. Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco – Volume encadernado (Biblioteca Pública Estadual), contendo os números de 1947 a 1952.

3. Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco – Volume encadernado (Bib.Pub.Est.), contendo os números de 1953 e 1954.
4. Anais da Medicina Pernambucana (1842-1844) – Coleção Pernambucana – Volume X. Reedição. Governo de Pernambuco. Secretaria de Educação e Cultura. Recife, 1977.
5. CARVALHO, Alfredo de – Annaes da Imprensa Brasileira “in” Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo consagrado à 4ª exposição comemorativa do primeiro centenário da imprensa brasileira. Parte I. Gênese e progresso da imprensa periódica no Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1908.
6. *Diálogos das Grandezas do Brasil* “in” ABREU, Capistrano de. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Salvador. Progresso, 1956.
7. DUARTE, Eustáquio – Tratado Único das Bexigas e Sarampo “in” MORÃO, ROSA & PIMENTA - Notícia dos três Primeiros Livros em Vernáculo sôbre a Medicina no Brasil. Recife. Edição do Arquivo Público Estadual. Imprensa Oficial do Estado. 1957.
8. FERREIRA, Luzilá Gonçalves – A Prosopoea de Bento Teixeira (Apresentação) in PILOTO, Afonso Luis & TEIXIERA, Bento – Naufragio e Prosopoea. Recife. Editora Universitária da UFPE. 2001.
9. FREITAS, Octávio – Um Século de Medicina e Hygiene no Nordeste. “in” FREYRE, Gilberto et al. Livro do Nordeste – Edição Fac-Similada. Secretaria da Justiça. Arquivo Público Estadual. Recife, 1979
10. FREYRE, Gilberto – A Propósito de Morão, Rosa e Pimenta. Sugestões em Torno de uma Possível Hispanotropicologia. Prefácio à obra MORÃO, ROSA & PIMENTA - Notícia dos três Primeiros Livros em Vernáculo sôbre a Medicina no Brasil. Recife. Edição do Arquivo Público Estadual. Imprensa Oficial do Estado. 1957. Disponível em http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/proposito_mourao.htm . Acessado em 16 fev. 2007.
11. Luciana Valentini de Melo Cesarini e cols. - Ceratodermia palmo-plantar de Unna-Thost associada a pseudo-ainhum - Relato de um caso. An. Bras. Dermatol. vol.79 no.1 Rio de Janeiro Jan./Feb. 2004

12. MIRANDA, Carlos Alberto Cunha – A Arte de Curar nos Tempos da Colônia: Limites e Espaços da Cura. Recife. Fundação de Cultura da Cidade do Recife. 2004.
13. MORÃO, ROSA & PIMENTA – Notícia dos Três Primeiros Livros em Vernáculo sobre a Medicina no Brasil. Estudo Crítico de Gilberto Osório de Andrade. Introdução Históricas, Interpretações e Notas de Eustáquio Duarte. Recife. Arquivo Público. 1956.
14. NASCIMENTO, Luiz – A História da Imprensa em Pernambuco. (1821-1954). CD-ROOM.
15. PEREIRA, Geraldo – Aluizio Bezerra Coutinho – Um sábio pernambucano do século XX. Bagaço. Recife, 2010.
16. PEREIRA, Geraldo – Os anais da faculdade de medicina do Recife – A saga de um periódico. Jornal Brasileiro de História da Medicina. Vol. 12, suplemento 1. XIII Congresso Brasileiro de História da Medicina. 12 a 15 de novembro de 2008. Fortaleza, Ceará
17. ROCHA, Leduar de Assis – História da Medicina em Pernambuco. Vol. 1. Arquivo Público Estadual. Recife, 1960.
18. ROCHA, Leduar de Assis – História da Medicina em Pernambuco. Vol. 2. Arquivo Público Estadual. Recife. 1962.
19. ROCHA, Leduar de Assis – Prefácio “in” Annaes da Medicina Pernambucana (1842-1844) – Coleção Pernambucana – Volume X. Reedição. Governo de Pernambuco. Secretaria de Educação e Cultura. Recife, 1977.
20. SILVA, Leonardo Dantas – Holandeses em Pernambuco 1630-1654. Recife, RR Donnelley Moore. 2005.
21. Sociedade de Medicina de Pernambuco – 1ª Reunião Anual. Memórias e Discussões. Imprensa Industrial. Recife, 1931.
22. Sociedade de Medicina de Pernambuco – 2ª Reunião Anual. Memórias e Discussões. Imprensa Industrial. Recife, Dezembro, 1932.
23. Sociedade de Medicina de Pernambuco – 3ª Reunião Anual. Memórias e Discussões. Imprensa Industrial. Recife, Setembro, 1933.

(*) – Trabalho realizado na Academia Pernambucana de Medicina

(**) – Geraldo Pereira, médico, é Presidente da Academia Pernambucana de Medicina e Conselheiro do Conselho Estadual de Cultura.



TEXTO 08



8. O PAPEL DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO NO CENÁRIO NACIONAL

JOSÉ LUIZ GOMES DO AMARAL

Presidente da Associação Médica Brasileira - AMB

A história da Associação Médica Brasileira (AMB) e da Associação Médica de Pernambuco (AMPE) entrecortam-se em vários momentos. Entretanto, muito antes da fundação da AMB, na AMPE, os médicos pernambucanos já se faziam ouvir vanguardistas, na defesa da integridade profissional dos médicos brasileiros e do associativismo.

Em 1958, Pernambuco tinha 119 médicos na capital e 49 nos municípios. Atualmente, há 12596 médicos ativos no Estado, quatro faculdades de Medicina (Faculdade Pernambucana de Saúde, Universidade de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Vale do São Francisco) com 490 vagas disponíveis no primeiro ano.

Em razão das transformações sociais, culturais, políticas e, sobretudo, econômicas vividas pelo Brasil começo dos anos 50, tornou-se claro a necessidade de uma associação de caráter nacional. Assim, e com o apoio da AMPE, em 26 janeiro de 1951, foi criada a AMB. A iniciativa consolidou-se entre os dias 5 e 7 de outubro, em Belo Horizonte, reunida a Assembléia Geral para constituição definitiva da nova associação. Estiveram presentes dois delegados de Pernambuco, sendo o professor **Fernando Magalhães** responsável por assinar o livro de adesão.

Em 5 de novembro de 1955, a AMPE ajudou a organizar a Assembléia de Delegados realizada em Recife. Na ocasião, foi empossado o segundo presidente da AMB, Hilton Rocha. No discurso da solenidade

de posse, Rocha destacou a importância do fortalecimento das relações com as federadas: “As nossas discordâncias, que existirão como em toda coletividade, serão apenas no sentido do melhor caminho para se atingir o ideal comum. Unamo-nos mais e mais. Prestigiemos e fortifiquemos as federadas, pois o prestígio destas é que resultará a força conjunta. Mantenhamo-nos em trabalho de catequese, para convencer aos colegas descrentes, displicentes ou refratários que já não existe clima para se viver, como médico, fora da AMB. Unidos seremos força invencível; cindidos continuará a nossa derrocada”.

O primeiro pernambucano a fazer parte da diretoria da AMB foi o ortopedista **Antônio Bruno da Silva Maia**. Ele foi assessor da diretoria na Comissão Permanente de Finanças entre 1951/1953; 2º vice-presidente no biênio 1955/1957; 3º vice-presidente entre 1957/1959; ocupou o mesmo cargo em 1969/1971 e 1971/1973. Nascido em Recife, foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. Presidiu o 18º Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia, em 1971, realizado na capital pernambucana. Em 1979, apresentou à SBOT uma ampla pesquisa que havia iniciado quatro anos antes, que denominou Bibliografia Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. Com os dados coletados, ele iniciou a redação do livro História da Ortopedia Brasileira, primeiro registro histórico da especialidade. Em 1983, enquanto participava de um congresso em São Paulo, Maia, que era professor emérito da Universidade Federal do Pernambuco, faleceu aos 79 anos. Sua obra histórica foi publicada somente em 1986, contendo uma análise do desenvolvimento da ortopedia. O livro fez um registro histórico e resenha biográfica dos personagens mais importantes da SBOT, bem como transcrições de discursos e várias outras passagens da história médica brasileira. Há 30 anos, durante o congresso anual, a SBOT concede o Prêmio Prof Bruno Maia ao melhor trabalho realizado por ortopedista recém-formado.

Na década de 60, as principais frentes de atuação da AMB eram equacionar os problemas da assistência médica previdenciária; melhorar a qualidade do ensino médico e lutar por melhor distribuição de médicos no país. Enfim, fortalecer a classe e torná-la ainda mais repre-

sentativa. Nesse contexto, a AMPE novamente auxiliou a AMB. Em reunião do Conselho Deliberativo, realizada em Recife, decidiu instituir uma Comissão integrada por representantes da AMB com a incumbência de acompanhar a aplicação da tabela do Departamento Nacional de Previdência Social propor sugestões e aperfeiçoá-la.

Frederico Cavalcanti P. do Carneiro foi outro pernambucano a fazer parte da diretoria da AMB. Ele foi 4º vice-presidente entre 1963/1965; 2º. vice-presidente no biênio 1965/1967 e 4º vice-presidente em 1979/1981. Dr. Fred, como era chamado, foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Cirurgia Pediátrica (CIPE) e da Sociedade de Cirurgia Pediátrica de Pernambuco (Cipepe). Considerado um dos pioneiros da cirurgia pediátrica em Pernambuco, onde a história da especialidade está ligada à história da vida do dr. Frederico. Ele foi professor da antiga Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco, na disciplina de puericultura. Extremamente participante também na vida associativa, além de presidir a Sociedade de Medicina de Pernambuco, Frederico Carneiro presidiu a Cipepe (por mais de uma gestão), o congresso da CIPE e participou da sua diretoria; Foi membro fundador da Academia Nacional de Cirurgia Pediátrica, tendo chefiado os serviços da Casa de Saúde Maria Lucinda e do Hospital Infantil Manoel de Almeida.

Entre 1967 e 1969, **Rosaldo Carneiro Cavalcanti**, ginecologista e obstetra, foi 2º vice-presidente. Médico graduado pela Faculdade de Medicina do Recife em 1938. Foi docente-livre e professor catedrático de clínica ginecológica na mesma faculdade. Faleceu durante uma aula no Hospital Pedro II em janeiro de 1974. Recebeu o título de professor emérito *in memoriam* da Faculdade de Ciências Médicas em outubro de 1983.

Não foi apenas Recife que recebeu reuniões e foi palco de importantes fatos relacionados à história da AMB. Garanhuns também teve participação relevante no cenário médico nacional. Em 1971, Pedro Kassab foi empossado durante a realização do VI Congresso da Associação Médica Brasileira, que ocorreu em Garanhuns, Pernambuco. Nesse

Congresso a Assembléia de Delegados fixou a data de 18 de outubro para celebrar o Dia do Médico.

No começo da década de 80, a AMPE mais uma vez auxiliou a AMB na coordenação das reuniões de Diretoria e Conselho Deliberativo que foram realizadas em Recife, em 5 e 6 de março de 1981. No primeiro dia, foram feitos debates sobre ensino médico e política médica previdenciária, abordando o plano e pagamentos implantados pelo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), no Paraná, o programa do X Congresso da AMB, além de questões administrativas e políticas da entidade.

Nos momentos mais difíceis para a vida do país, a representação da AMPE também participou ativamente. Por exemplo, quando a AMB convocou a diretoria e o Conselho Deliberativo, em 7 e 8 de março de 1986, para debater as consequências do pacote econômico do governo Sarney para os médicos e divulgar um comunicado à população.

Entre 1973 e 1985, os pernambucanos que fizeram parte da diretoria da AMB foram: **Darcy Lima**, 4º vice-presidente nos biênios 1973/1975, 1975/1977 e 1977/1979, **Djalma C.L Vasconcelos**, 2º vice-presidente em 1981/1983, e **Hindenburg Tavares de Lemos**, 6º vice-presidente em 1983/1985.

Quando a AMB completou 40 anos e a AMPE 150, em 1991, programou-se um Congresso em homenagem à federada de Pernambuco, evento limitado a apenas uma reunião devido à grave e crise econômica que o país atravessava.

Em 17 de outubro de 1991, o médico pernambucano **Roberto Chabo**, ex-presidente da Federação Nacional dos Médicos, recebeu a Medalha Nacional do Mérito Médico por sua destacada luta pela defesa profissional. O prêmio foi concedido pela AMB em cerimônia realizada em São Paulo. O nome de Chabo só foi referendado após ampla consulta junto aos sócios da AMB. Diplomado em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, Recife, em 1961, o nefrologista Roberto Chabo foi membro das equipes pioneiras nos programas de transplante renal e hemodiálise periódica em paciente renal crônico no Rio de Janeiro. Presidente eleito do Sindicato dos Médicos do Rio de

Janeiro durante duas gestões (1981 a 1986), Chabo também presidiu a Federação Nacional dos Médicos de 1985 até outubro de 1991.

Na década de 90, ocuparam cargos na diretoria da AMB os seguintes pernambucanos: o neurologista **Gildo Benício de Melo**, 4º vice-presidente nos biênios 1987/1989 e 1989/1991, pioneiro nas pesquisas sobre cefaléia e a radiologista **Norma Medicis Maranhão Miranda**, conselheira suplente em 1997/1999.

Nas gestões 1999/2002 e 2002/2005, o cirurgião pediátrico pernambucano **Flávio Linck Pabst** foi vice-presidente da região Nordeste. Ele também presidiu a Associação Brasileira de Cirurgia Pediátrica entre 2003/2006, chefiou o serviço de cirurgia pediátrica do Hospital Barão de Lucena e foi presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Pediátrica.

Na virada do milênio, AMB e AMPE continuavam a trilhar o mesmo caminho. Foi publicado no Jornal da AMB na edição de setembro/outubro de 2000 que a eleição da legenda *Espaço para Todos* foi caracterizada pelo consenso e pelo alinhamento com as posições da AMB:

“SMP: trabalho é pautado pela união

A eleição da atual diretoria da Sociedade de Medicina de Pernambuco (SMP), sob a legenda “Espaço para Todos”, caracterizou-se pelo consenso. Prova disso, o pleito contou com chapa única, tendo como presidente Adriano Ernesto de Oliveira, e recebeu o apoio do Cremepe, Simepe e Unimed/Recife. Desde a posse, em setembro de 1999, a SMP vem trabalhando em conjunto com as demais entidades médicas do Estado em praticamente todos os assuntos, condição que a Federada sempre defendeu sob o título de “Ética Institucional”. A atuação da SMP visa, entre outras metas, a defesa da saúde da população como um todo, a estruturação do SUS, o funcionamento efetivo e eficaz dos hospitais, a relação dos médicos com planos e seguros-saúde, a concessão de honorários médicos dignos e a solução para problemas da área acadêmica.

A SMP considera como seu maior desafio atual a diminuição da inadimplência dos sócios, o que espera alcançar através da boa repercussão em torno das realizações da entidade. Uma recente conquista da entidade, resultado de mais de um ano de firmes negociações, é a devolução, por parte da Secretaria Estadual da Saúde, de parte do terreno

pertencente à sede da SMP. A Secretaria havia se apossado do bem há cerca de sete anos, inviabilizando o estacionamento de carros na entidade. No que diz respeito ao Sistema Único de Saúde, a SMP e as demais entidades do Estado conseguiram que o Governo do Estado concedesse aumento de R\$ 300 aos médicos pernambucanos, o que representa 55% do salário antigo, fixado em R\$ 523,00. A entidade obteve direito de ter acesso aos gastos do setor e participou de debates sobre o SUS em emissoras de rádio.

As realizações da SMP também incluem a integração da Comissão Metropolitana de Desenvolvimento Social da Fundação de Desenvolvimento Municipal (Fidem). A SMP tem discutido junto à Code missão de Saúde da Assembléia Legislativa política estadual de saúde, remuneração do médico, e regulamentação de assistência psiquiátrica visando o tratamento adequado do doente mental e a redução de internações desnecessárias.

Em relação ao Ensino Médico, a entidade tem atuado por meio de inserção na Comissão Estadual de Residência Médica de Pernambuco (Cermepe). Além disso, a SMP participa das discussões da Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa sobre a lei que regulamenta a abertura de novas escolas defendendo a mesma posição da AMB. A entidade criou ainda a Comissão de Ensino Médico para atuar junto às Universidades.

Com o lançamento da Classificação Hierarquizada de Procedimentos Médicos, em 2003, os médicos pernambucanos mais uma vez mostraram-se combativos e vanguardistas. Na edição de setembro/outubro de 2003, o JAMB publicou:

“Os médicos pernambucanos, convocados pelas entidades estaduais, reuniram-se em assembléia no dia 27 de agosto. Entre os assuntos pautados, estavam a Classificação Brasileira Hierarquizada de Procedimentos Médicos, a Comissão Estadual de Honorários Médicos, a Resolução no. 1.673/03 do CFM e uma discussão sobre o atual relacionamento com os planos de saúde.

Após explanação feita pelo presidente da Comissão Estadual de Honorários Médicos (CEHM) e vice-presidente da AMB região Nordeste, Flávio Pabst, sobre a metodologia de desenvolvimento da CBHPM, os médicos

concordaram em considerá-la como referência para remuneração dos serviços prestados às operadoras de planos de saúde.

A CEHM foi autorizada a dar início aos contatos com os diversos planos de saúde e começar as negociações tendo como base os valores sugeridos pela AMB.

Com o título de *Paciência tem limite*, o JAMB voltou a destacar a atuação dos médicos pernambucanos na liderança do movimento pela implantação da CBHPM na edição de janeiro/fevereiro de 2004.

“A classe médica está sufocada e tem pressa. O movimento pela implantação da CBHPM entra numa fase decisiva e, se não dermos uma demonstração de sua força, ficará desacreditado. Os médicos nordestinos pensaram assim, e decidiram ir à luta”.

Em 19 de abril de 2004, Pernambuco tornou-se o primeiro Estado a implantar a CBHPM por meio da lei 12562. A lei determinou que as negociações se devem iniciar a partir do dia 1º de junho de cada ano, tendo como referência a CBHPM. Expirado o prazo de 30 dias da data prevista e caso não haja consenso entre as partes, a definição dos valores será feita por uma Câmara Arbitral, formada por 12 (doze) membros: A Câmara Arbitral composta por representantes dos usuários, Defensoria Pública, Secretaria de Saúde, Assembléia Legislativa, classe médica e operadoras de saúde. Foi determinado que todas as empresas que não chegarem a acordos com os médicos passem a pagar os valores plenos da CBHPM.

Embora a aprovação da lei tenha sido muito festejada e vista como esperança de novos caminhos em direção à mudança, na edição de março/abril de 2005 o JAMB publicou alguns problemas entre as operadoras e os médicos.

“Os médicos decidiram entrar na Justiça contra as empresas de Medicina de Grupo para obrigá-las a pagar os valores da CBHPM, conforme decisão da Câmara Arbitral de setembro de 2004. No dia 9 de março, as entidades médicas já haviam dado entrada a um pedido de liminar para que as seguradoras também cumpram a mesma determinação”.

Passados seis anos, já em dezembro de 2010, o JAMB publicou:

”A categoria de médicos pernambucanos, em Assembléia Geral, decidiu por unanimidade entrar com ação coletiva contra os planos de saúde. Trata-se de uma ação em busca de um equilíbrio nas relações entre médicos e operadoras de planos de saúde.” Estavam presentes nos debates, representava na ocasião a AMPE, **Silvia Carvalho**.

Depois de muitos anos sem receber reuniões do Conselho Deliberativo, em 16 de abril, Recife foi cenário para discussões sobre a reavaliação dos principais pontos do planejamento estratégico anterior. A reunião foi coordenada por Gilberto Scarazzati e presidida por **Jane Maria Cordeiro Lemos** psiquiatra graduada pela Universidade Federal de Pernambuco, conselheira fiscal efetiva da AMB em 2005/2008 e, entre 2008 e 2011, diretora de Atendimento ao Associado.



TEXTO 09



9. HISTÓRIA DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO NOS SÉCULOS XX E XXI

JANE MARIA CORDEIRO LEMOS

JOSÉ FALCÃO

MIGUEL JOHN ZUMAETA DOHERTY

SILVIA COSTA CARVALHO RODRIGUES

À época de sua fundação, o quadro social da Sociedade de Medicina compunha-se de profissionais de diversas áreas, entre eles advogados, engenheiros, farmacêuticos, veterinários. E da própria classe médica.

Durante sua trajetória histórica, gozou de maior ou menor grau de prestígio entre os profissionais de saúde e a sociedade em geral. O início do século XX lhe foi marcante. Garantiu-lhe a sobrevivência, definiu suas características. Após longo período conturbado, seus problemas foram, então, superados graças ao idealismo e pertinácia de alguns de seus componentes, citando-se, em especial, Cosme de Sá Pereira e Alcibíades Veloso.

Após a fase de interrupção de atividades associativas, em 26 de março de 1903, um grupo de antigos sócios resolveu criar outra Associação, com a mesma denominação anterior, Sociedade de Medicina de Pernambuco.

A partir de então, todos deram sua melhor contribuição, demonstrada no êxito do I Congresso Médico de Pernambuco, promovido pela Sociedade de Medicina de Pernambuco, em 1909.

**PRESIDENTES DA ANTIGA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE
PERNAMBUCO, ATUAL SOCIEDADE DE MEDICINA
DE PERNAMBUCO, SÉCULOS XX E XXI
1901/ 2011**

Joaquim Loureiro (1903 - 1905 – 1908). Atuou como médico no Asilo de Alienados (Hospital da Tamarineira), e Professor do Ginásio Pernambucano. Foi um dos proponentes da realização do 1º Congresso Médico de Pernambuco, que foi realizado em 1909 , tendo sido Presidente da Comissão Executiva do evento. Apresentou, naquele Congresso, temas de sua preocupação relacionados às psicoses dos detentos, propondo medidas para solução dos problemas, bem como a necessidade de criação de escola de enfermagem para a comunidade. Como membro atuante desta Sociedade, em 1910, a representou no 4º Congresso Latino Americano realizado no Rio de Janeiro.

João Paulo (1904). Médico cirurgião do quadro de médicos da Santa Casa de Misericórdia no Hospital Pedro II.

Arnóbio Marques (1906 – 1911 – 1943). Graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Atuou como cirurgião nos hospitais Portugêses e Pedro II. Fez parte da Academia Nacional de Medicina do Rio e da Societé de Urologie de Paris. Publicou vários trabalhos, destacando-se o trabalho intitulado “Porque reincidentem as hérnias inguinais”. Foi um dos proponentes do Congresso Médico de Pernambuco realizado em 1909, tendo atuado como seu Vice-Presidente.

Leopoldo de Araujo (1907 – 1919). Na sua primeira gestão foi feita a proposta da realização do 1º Congresso Médico de Pernambuco, realizado em 1909 sendo Vice Presidente do evento e dele participando ativamente.

Barreto Sampaio (1909). Primeiro oftalmologista do Estado, Chefe do Serviço de Oftalmologia no Hospital Santo Amaro para atendimento à população carente. No 1º Congresso Médico de Pernambuco presidiu a sessão de abertura proferindo eloqüente e poético discurso registrado nos anais do evento.

João Paulino Marques (1910 - 1921 – 1927). Médico clínico, graduou-se na Faculdade da Bahia. Teve importante participação na atividade docente-assistencial do Estado, tendo sido médico efetivo do Hospital Pedro II cirurgião do Regimento Policial e médico do Instituto Pasteur no Recife. Foi fundador da Faculdade de Medicina do Recife e Membro da Academia Nacional de Medicina, entre outras instituições. Por sua experiência administrativa em entidades de classe, foi convocado a assumir a Presidência da Sociedade em mais de um mandato.

Alfredo Costa (1912). Primeiro Diretor do Pronto Socorro do Recife (1914), destinado a prestar assistência de urgência à população da cidade, dando combate à chamada “batalha do Recife”.

Ignácio d'Ávila (1913). Médico clínico, Chefe do 1º Serviço de Pediatria Clínico- Cirúrgico do Estado, no Hospital Pedro II, com 27 leitos, visitado em 1909 pelos integrantes do 1º Congresso Médico de Pernambuco. Ávila foi o primeiro professor designado para reger e ensinar a Clínica Pediátrica Médica da Faculdade de Medicina do Recife que estava sendo projetada para ser fundada. Por problemas de saúde, renunciou à Cadeira e a ser um dos fundadores da Faculdade, substituído por Barros Lima, falecendo logo depois.

Octávio de Freitas (1914/1915- 1941/1942 – 1944). Este foi o grande artífice da Medicina em nosso Estado. Foi graças à ele que a Sociedade teve perenidade e continuidade. Autor de inúmeras iniciativas na área da Saúde, como a fundação da Faculdade de Medicina do Recife, tendo ministrado a aula inaugural e da qual foi o Professor de Microbiologia; a construção dos prédios sedes da Faculdade de Medicina do Recife no

Derby e da Sociedade de Medicina de Pernambuco na Boa Vista à Rua Osvaldo Cruz. Várias outras iniciativas em prol da Saúde mereceram sua atenção e atuação, como a Liga Pernambucana contra a Tuberculose, a Vacinação anti-rábica, estímulo ao aleitamento materno e os bancos de leite humano, os centros de imunização, a Epidemiologia do Estado e seu Boletim, a apuração do saturnismo pelo envenenamento por contaminação da água de abastecimento do Recife pelos canos de chumbo, e tantas outras, como nas epidemias do cólera, da varíola e da febre amarela. Foi um dos autores da proposta da realização do I Congresso Médico de Pernambuco e seu Secretário Geral.

Frederico Cúrio (1917). Médico substituto da clínica cirúrgica do Hospital Pedro II e médico legista do Estado. Tocoginecologista, foi médico do Hospital Geral do Exército e Diretor da Unidade e Superintendente da higiene municipal de Olinda. Foi membro das diretorias da Sociedade em várias gestões, com destacada atuação. Participou ativamente do 1º Congresso Médico de Pernambuco, em 1909, promovido pela Sociedade de Medicina de Pernambuco.

João Amorim (1918 – 1933). Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi professor da Faculdade de Medicina do Recife e um de seus fundadores. Médico adjunto do Hospital Pedro II, participou de comissões da Inspetoria de Higiene em diversas localidades do interior do Estado.

Francisco Clementino Carneiro da Cunha (1920). Nascido na França, filho de pais pernambucanos, fez seus estudos no Brasil, graduando-se em Medicina, em 1909, na Faculdade de Medicina da Bahia. Sua primeira atuação como médico foi como Comissário de Higiene da Diretoria de Saúde Pública, depois ocupou o cargo de Inspetor do Serviço de Profilaxia da Lepra em Pernambuco. Por sua sólida formação e grande sensibilidade penalizou-se do sofrimento dos hansenianos desenvolvendo intenso trabalho preventivo e assistencial. Criou a primeira ficha clínica descrevendo as lesões com objetividade e meticulosidade além de

destacar os aspectos psicológicos dos enfermos. Organizou o Serviço de Profilaxia do Mal de Hansen introduzindo os fundamentos preventivos, Criou o Dispensário Único para Lepra e Sífilis para melhorar o acesso dos pacientes. Foi nomeado Diretor do Hospital dos Lázaros, ao lado do Asilo de Mendicidade que já dirigia, onde promoveu várias reformas na estrutura física e funcional, transformando-se depois no Hospital de Santo Amaro. Fundou a Sociedade Pernambucana de Assistência aos Lázaros que prestou relevantes trabalhos na área preventiva, assistencial e de reabilitação psicossocial. Teve importante atuação na saúde pública e na área associativa. Foi Professor de Dermatologia, nomeado em 1920, na fundação da Faculdade de Medicina do Recife e foi substituído na Cátedra pelo eminente Professor Jorge de Oliveira Lobo seu discípulo.

Ulisses Pernambucano (1922). Formado em Medicina, em 1912, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com dissertação sobre: “Manifestações nervosas da heredo – sífilis” (contribuição pessoal ao seu estudo). Demonstrou, logo, interesse pela Neuropsiquiatria. Foi estudante Interno por dois anos do Hospital Nacional de Alienados no Rio de Janeiro sob a direção de Juliano Moreira e Ulysses Viana. No início da sua carreira, atuou como clínico em cidades do interior do Pará e de Pernambuco. Logo que regressou ao Recife, Joaquim Loureiro o nomeou médico para o Hospital de Alienados, onde, de imediato, identificou as dificuldades e graves distorções apontando-as através de relatórios e propondo medidas urgentes, como abolição de calabouços e camisas de forças com substituição pela Balneoterapia e clinioterapia além de outras ações necessárias para uma assistência humanizada. Diante da passividade do dirigente, iniciou campanha memorável contra as condições precárias e os abusos buscando apoio entre pessoas influentes inclusive seus colegas da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Identificou o caso de três órfãs oriundas do Orfanato da Santa Casa, internadas, há dois anos no hospital, como castigo por insubordinação. O caso se tornou de domínio público e a Sociedade de Medicina teve relevante papel elaborando memorial onde também apontava outro caso semelhante e reiterava as propostas de Ulysses quanto as reformas no hospital.

Em 1922, Ulysses Pernambucano assumiu a Direção do Hospital onde promoveu profundas mudanças. Entre 1923/1927, ocupou a Direção do Ensino Normal do Estado desenvolvendo medidas de grande alcance psico-pedagógico e criou a figura das visitadoras escolares precursoras do Serviço Social. Ulysses Pernambucano, enquanto esteve à frente dos destinos da assistência psiquiátrica em Pernambuco, promoveu uma série de mudanças visando garantir assistência técnica de qualidade e dentro de uma visão humanística que objetivasse a reabilitação e reinserção social dos pacientes portadores de transtornos mentais. O fecundo trabalho desenvolvido extrapolou fronteiras, tornando-o conhecido como o *Pioneiro da Psiquiatria Preventiva e Social da América Latina*. Também foi responsável pela criação da Escola Pernambucana de Psiquiatria com vários seguidores entre os quais José Cavalcanti Lucena da Mota Silveira. Os princípios defendidos por Ulysses Pernambucano, hoje, servem de fundamentação para atual Política Nacional de Saúde Mental. Figura exponencial da psiquiatria pernambucana e brasileira, ele também prestou sua colaboração à Sociedade de Medicina Pernambucana.

Alexandre dos Santos Selva Júnior (1923). Toco-ginecologista, foi Professor fundador da Faculdade de Medicina do Recife. Nomeado em 1915, prestou Concurso para Professor de Química Analítica, Toxicologia, Química Industrial e Terapêutica na Escola de Farmácia do Recife, defendendo a tese “Breves considerações sobre as propriedades cardiovasculares da Digitalina”, tendo posteriormente sido promovido a Catedrático. Foi Diretor da Faculdade de Medicina do Recife; teve atuação destacada na fundação da Liga Promatre e da Cruz Vermelha, filial de Pernambuco, organizações precursoras da primeira maternidade construída em Recife

Amaury de Medeiros (1924 – 1926). Médico sanitarista, foi o equivalente à Secretário de Saúde do Estado, nomeado pelo seu sogro, Sergio Loreto, tendo introduzido importantes mudanças na assistência à saúde em Pernambuco. Na sua gestão, na Secretaria de Saúde, promoveu a

instalação da Secretaria à Rua Fernandes Vieira no prédio que estava destinado a ser a Maternidade do Estado, não completada por falta de recursos. O terreno fora cedido ao Estado por José Pessoa de Queiroz. Face aos bons resultados do seu trabalho à frente da Saúde do Estado, conseguiu o apoio e a aprovação da população. Em 1925, passou a ser o primeiro professor da Cadeira de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina de Pernambuco. Faleceu no Rio de Janeiro em desastre de avião.

José de Andrade Médicis (1925 – 1935). Foi graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1920 com a tese: “Via transmaxilar nos fibromas da nasofaringe”. Otorrinolaringologista, assumiu a chefia do Serviço no Hospital Infantil Manoel de Almeida, onde realizava pioneiramente a retirada de corpos estranhos das vias aéreas superiores. Em 1934, defendeu a tese: “Esofagoscopia e corpos estranhos no esôfago”, em concurso para Docência Livre da Cadeira de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina do Recife.

Aggeu Sérgio de Godoy Magalhães (1928). Médico Patologista. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1920. Foi médico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a tese: “Espi-roquetose icterohemorrágica”. Em 1923, defendeu a tese: “A granulação azurófila no sangue normal, e a granulação azurófila no sangue patológico”. Tornou-se Catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade de Medicina do Recife, e, em 1925, em decorrência da transferência do Professor Titular Armando Taborda de Souza Gayoso para disciplina de Clínica Propedêutica Médica. Foi Diretor da Faculdade de Medicina do Recife (1937). Foi condecorado, em 1986, com a Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro concedida pela Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Fernando Simões Barbosa (1929 –1959). Era médico conceituado e atuante, tanto na área de ensino como administrativa. Clínico e cardiologista, professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina, tendo

substituído o Prof. Luiz Tavares à frente do Instituto de Cardiologia do Recife. Também atuou na administração do Hospital Centenário e no Hospital das Clínicas. Teve papel preponderante na criação da Escola Profissional de Enfermagem em Recife. Era também reconhecido o seu comportamento cavalheiresco.

Antonio Monteiro de Moraes Nascimento (1930) Nascido em Quixeramobim, Ceará. cursou a Faculdade de Medicina na Bahia. Foi Catedrático de Fisiologia do Curso de Odontologia, em 1920, onde ingressou após apresentar a monografia: “Physiologia, Anatomia e Histologia dos dentes”. Toco- ginecologista, foi professor catedrático de Ginecologia da Faculdade de Medicina do Recife com Serviço no Hospital Pedro II; Diretor da Maternidade Bandeira Filho e Diretor do Hospital Português de Beneficência em Pernambuco.

Luiz Ignácio de Barros Lima (1931 - 1934 – 1937). Doutor pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1919, após defender a tese: “Calculose vesical dos prostáticos”. Foi inicialmente Professor de Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica com Serviços no Hospital Infantil Manoel de Almeida e no Hospital Santo Amaro. Fundador da SBOT, Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia e da Sociedade de Ortopedia e Traumatologia de Pernambuco, como órgão da Sociedade de Medicina do Estado. Face à sua competência, foi requisitado, por mais de uma vez, a assumir a direção da Sociedade de Medicina.

Edgar Altino Correia de Araújo (1932). Graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1911, defendendo tese: “Insuficiência Cardíaca”. Em 1917, prestou concurso para Professor substituto de Medicina Pública da Faculdade de Direito do Recife, defendendo a tese: “Delinqüência e Menoridade”. Foi aprovado e empossado. Médico clínico, com excelente cultura geral. Por possuir o dom da oratória, foi o orador oficial das solenidades da Sociedade. Participou ativamente da criação da Faculdade de Medicina, tendo sido nomeado professor de Clínica Médica, 3ª. Cadeira, bem como do processo de reforma do

ensino médico em 1925, integrando comissão que emitiu parecer sobre a nova legislação que implicava em ampliação e desmembramentos de cadeiras.

Mario Ramos e Silva (1936). Doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1910, defendendo a tese: “Sobre as veias colaterais sub-cutâneas da parede torácica abdominal Antero-lateral” Em Pernambuco, realizou concurso para Professor substituto da secção de Microbiologia da Escola de Farmácia do Recife com a monografia: “Reação de Wassermann e Reação de Hecht-Weinberb (algumas experiências comparativas)”, sendo nomeado e empossado em 1915. Realizou concurso para Diretoria de Higiene e Saúde Pública do Estado de Pernambuco, com a monografia: “Do Salvarsan na Profilaxia da sífilis”(1916). Em 1920, assumiu o cargo de Catedrático de Patologia e Anatomia Patológica da e Escola da Farmácia, em 1920. Foi Professor Catedrático, sem concurso, da Faculdade de Medicina do Recife, onde ocupou as seguintes disciplinas: Anatomia e Fisiologia Patológicas, Patologia Geral, e Microbiologia para onde foi transferido com a aposentadoria de José Otávio de Freitas, primeiro Catedrático da disciplina, aposentando-se em 1958.

Aguinaldo Lins (1938). Radiologista, primeiro presidente da Sociedade de Radiologia e Diagnóstico por Imagem em Pernambuco, fundada em 1963. Foi responsável pela inclusão do ensino da radiologia na graduação médica e designado seu mentor.

Geraldo de Souza Paes de Andrade (1939). Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1926, sendo discípulo do Professor Miguel Couto. Foi jornalista trabalhando em vários jornais no Rio de Janeiro e, em Pernambuco, no Diário de Pernambuco. Lecionou na Escola Normal Pinto Júnior e na Escola Normal do Estado, onde exerceu a Cátedra de Sociologia, sendo Livre Docente na Faculdade de Medicina de Pernambuco. Também exerceu o cargo de Inspetor de Higiene Social do Departamento de Saúde Pública de 1927 a 1930. Par-

tipou ativamente de política partidária, filiado à União Democrática Nacional - UDN, exercendo grande liderança, tendo sido preso várias vezes no Estado Novo. Era humanista, tinha extraordinária facilidade de expressão, pertenceu à Academia Pernambucana de Letras, à Academia Nacional de Medicina, foi fundador do Sindicato dos Médicos de Pernambuco e Presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Foi ainda membro do Instituto Arqueológico, Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco - IAGHP e da Sociedade Brasileira de Cardiologia de São Paulo. Trabalhos publicados: “Semiologia das crepitações e demais sons aneurismáticos” (1936), “Diagnóstico da Aorta torácica” e “Pulsos incongruentes”. Faleceu em pleno Congresso Internacional de Cardiologia, em Recife, do qual foi orador oficial. Desenvolveu intensa atividade associativa, onde grande liderança e acentuou o dom da oratória.

Jorge de Oliveira Lobo (1940 – 1945). Graduou-se em 1923 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo cursado o primeiro ano na Bahia. No Rio de Janeiro, trabalhou com Miguel Couto e foi Assistente do Professor Eduardo Rabelo. Defendeu a tese: “Contribuição ao estudo da Boubá”, em 1935, foi aprovado e nomeado para a Cátedra de Clínica Dermatológica e Sifilográfica na Faculdade de Medicina do Recife, na vaga aberta com a aposentadoria do Catedrático Francisco Clementino Carneiro da Cunha. Com a federalização da Faculdade de Medicina de Pernambuco, foi nomeado Catedrático em 1950. Ocupou por vários períodos o cargo de Diretor da Faculdade de Medicina. Fundada em 1940, a Sociedade de Dermatologia – Regional Pernambuco foi seu primeiro Presidente. Foi por vários anos Chefe do Serviço de Dermatologia, com funcionamento no Hospital de Santo Amaro – Santa Casa de Misericórdia do Recife. Tornou-se conhecido nacional e internacionalmente com a descrição de micose cutânea, a Blastomicose Queloideana, também chamada Lobomicose ou Doença de Jorge Lobo. A ocorrência desta doença entre os índios Caiabi (Brasil Central), constituiu um dos temas mais fascinantes da etnografia médica e da própria geografia médica, incidindo esta dermatomicose profunda em zona equatorial.

Muito respeitado entre seus pares, assumiu a presidência da Sociedade Brasileira de Dermatologia em 1969, ano em que foi aposentado pela compulsória. Em 1970, foi distinguido com o título de Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Foi condecorado com a Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro concedida pela Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Romero Marques (1946). Graduado na Faculdade da Bahia, doutorou-se defendendo a tese: “Recessão na Ancilose do cotovelo”. Em 1927, com monografia sobre “Simpatectomia Perifemural”, obteve o título de Livre Docente em Clínica Cirúrgica. Em 1937, conquista a cátedra, defendendo a tese sobre “Exploração Arteriográfica dos membros”. Foi Diretor da Faculdade de Medicina do Recife. Era conhecido por sua simplicidade nas palavras, por sua fidalguia de gestos e por seu coração magnânimo a serviço da profissão. Tornou-se especialista em Angiologia, mas tinha projeção como excelente cirurgião geral. Em suas investigações, descobriu um novo campo: o sistema linfático, e devido à grande incidência de Elefantíase em Recife, dedicou-se ao seu tratamento cirúrgico. Foi condecorado com a Medalha de Honra São Lucas pelas três entidades médicas de Pernambuco, em 1974.

Arthur Moura (1947). Graduado na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, em 1929. Era Otorrinolaringologista, defendendo a tese: “Conceito atual da cirurgia da cirurgia de otite crônica”, em 1958, com o título de Doutor em Medicina. Foi Professor fundador da Faculdade de Medicina. Exerceu ativamente a clínica privada tendo criado a Clínica Arthur Moura, na Praça Chora Menino.

José Henriques (1948). Cirurgião geral do Pronto Socorro do Recife e Chefe do Hospital do Câncer no Santo Amaro. Em sua gestão, o problema da subnutrição na população passou a constituir uma preocupação para a Sociedade, que aprovou medidas fundamentais para aplicação entre os escolares.

Joaquim de Souza Cavalcanti (1949). Cirurgião geral com Serviço de Cirurgia Torácica no Hospital de Santo.Amaro, foi professor catedrático da Clínica Cirúrgica da Faculdade de Ciências Médicas da Fundação de Ensino Superior de Pernambuco - FESP, atual Universidade Estadual de Pernambuco - UPE. Teve grande atuação na área associativa. Empregando grande esforço, promoveu o 1º Congresso Médico Estadual, em Garanhuns, de 13 a 15 de maio em 1949, com magnífico sucesso. Na realidade, esse foi o quarto evento científico promovido pela Sociedade de Medicina de Pernambuco, tendo sido o primeiro em 1909. Com igual êxito, realizou, em setembro de 1949, reunião anual da Sociedade de Medicina. Em novembro do mesmo ano, passou a presidência ao vice-presidente, por ter viajado à Inglaterra, pois fora contemplado com bolsa de estudo para Cirurgia Torácica pelo British Council. Em 1951, compartilhou do 3º Congresso Médico Estadual de Pernambuco em Pesqueira, como da 19ª. Reunião Anual da Sociedade de Medicina de Pernambuco, apresentando relatório sobre “Abscessos do pulmão”. Em 1955, tornou-se redator da Revista da Associação Médica Brasileira, como representante da federada de Pernambuco. Atuou também como redator dos Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Antonio Bruno Maia (1950 – 1953 – 1954 – 1974 – 1975). Iniciou os estudos na Faculdade de Medicina da Bahia e os concluiu no Rio de Janeiro, em 1927, na Faculdade Nacional de Medicina. Foi Diretor do antigo Pronto Socorro do Recife, onde criou e chefou por 18 anos o Serviço de Traumatologia fundando a escola onde se formaram discípulos ilustres. Com o Professor Barros Lima, outro expoente da medicina, fundou a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. Foi assistente do Prof. Barros Lima e, depois, assumiu a Cadeira de Clínica Cirúrgica Federal de Pernambuco (Traumato-Ortopedia) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco no Hospital Santo Amaro. Foi, por inúmeras vezes, Diretor do Serviço do Pronto Socorro do Recife e atuante membro da Sociedade de Medicina de Pernambuco e um dos fundadores da Associação Médica Brasileira.Faleceu aos 80 anos em plena capacidade de trabalho. Foi-lhe outorgada a Medalha

São Lucas pelas três entidades médicas de Pernambuco, em 1976, e pela Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro, em 1973, pela Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Jarbas Pernambucano de Mello (1951/1952). Médico Neurologista, graduado pela Faculdade de Medicina do Recife, em 1938. Submeteu-se a Concurso para Docência Livre da Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina do Recife, defendendo a tese: “Glioblastoma multiforme. Tumor agudo de cérebro. Estudo anátomo clínico”. Em 1946, defendeu a tese: “Estudo anátomo clínico das atrofas cerebrais”. Em 1950, com a federalização da Faculdade, tornou-se Catedrático substituindo seu genitor Ulysses Pernambucano de Mello.

Nelson Ferreira de Castro Chaves (1955/1956). Graduou-se na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, em 1930. Regressando ao Recife, foi logo convidado para ser assistente do Professor Fernando Simões Barbosa no Hospital Centenário. Desenvolveu suas atividades médicas nas áreas de Endocrinologia e Nutrição. Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Pernambuco como Professor Assistente da Cátedra de Clínica Terapêutica, abdicando da clínica privada para dedicar-se à vida universitária. Foi Diretor de Saúde Pública de Pernambuco e, mais tarde, Secretário de Saúde do Estado. Em seguida, abandonou a área pública dedicando-se à universidade e aos estudos na área de nutrição com inúmeros trabalhos científicos publicados no campo da endocrinologia, fisiologia e nutrição na perspectiva biológica e social. Defendeu as teses: “Tratamento médico do hipertireoidismo” – Docência Livre de Terapêutica da Faculdade de Medicina do Recife, em 1935, e “As adrenais na fisiologia sexual”, em 1943. Com a federalização da Faculdade de Medicina, foi nomeado Catedrático em 1950. Fundou o Instituto de Fisiologia e Nutrição da Universidade de Pernambuco sendo implantado, em 1957, o Curso de Nutrição. Entre os inúmeros trabalhos publicados, encontram-se: “A emoção e a vida moderna”, “Aterosclerose e Nutrição” “Conceitos em torno do Ensino da Fisiologia” e “Nutrição Básica e Aplicada”. Em 1975, foi transferido

para o Instituto de Nutrição da UFPE. Com toda sua experiência profissional e com reconhecido valor como docente, pesquisador e grande valor como cientista, prestou sua contribuição à Sociedade de Medicina de Pernambuco. Foi condecorado pela Medalha de Honra ao Mérito São Lucas concedido pelas três entidades médicas do Estado, em 1976.

Ruy João Marques (1957/1958). Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Recife em 1938. Filho do Professor João Marques, foi catedrático da Faculdade de Medicina do Recife, na disciplina de Doenças Tropicais, na qual foi responsável por intercâmbio e vários convênios internacionais. Defendeu tese em 1955 sobre “Alguns aspectos da Doença de Chagas em Pernambuco”. Foi um dos fundadores e professor da Faculdade de Ciências Médicas, fundador e Diretor do antigo Instituto de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da UFPE. Presidiu a Sociedade de Gastroenterologia e Nutrição de Pernambuco, da qual foi Sócio Fundador. Foi presidente da Associação Carlos Chagas.

Luiz Tavares da Silva (1960). Cirurgião geral e cardiovascular. Defendeu a tese: “Estudo Médico cirúrgico da Esquistossomíase de Manson” no Concurso para Docência Livre de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Recife, em 1946. Foi a primeira publicação sobre esplenomegalia esquistosomótica no Brasil, sem definir relação com as varizes do esôfago e hipertensão portal. Defendeu ainda a tese: “Hérnia diaphragmática, esofagite e úlcera péptica do esôfago” em 1953. Professor fundador da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco e do Instituto de Cardiologia do Recife, sede de avanços pioneiros da cirurgia cardiovascular e núcleo formador de várias gerações de profissionais da área. Exerceu também o cargo de Diretor da Faculdade de Ciências Médicas.

Frederico Carvalheira (1961/1962). Cirurgião geral e cirurgião pediátrico, um dos pioneiros da Cirurgia Pediátrica do país. Foi membro atuante da Sociedade de Medicina local e também da Associação Médica Brasileira, tendo sido seu Vice- Presidente, defendendo a livre escolha do médico pelo paciente, sendo contra a comercialização da Medicina. Foi membro de diversas sociedades médicas nacionais e internacionais, ministrou vários cursos de cirurgias e teve inúmeras participações em Congressos e eventos científicos, assim como em bancas examinadoras de Concursos na área de cirurgia geral e pediátrica. Foi-lhe outorgada a Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro pela Sociedade de Medicina, em 1976, e a Medalha São Lucas, concedida pelas três entidades médicas de Pernambuco, em 1986.

Djalma Cavalcanti Lauro de Vasconcelos (1963/1964 -1978/1879 e 1980/1981). Graduado pela Faculdade de Medicina do Recife, em 1940, tendo sido orador da turma. Foi acadêmico interno da Clínica Propedêutica Cirurgia, serviço do Professor Romero Marques e, no quinto ano médico, Interno da Clínica Propedêutica Médica do Professor Arnaldo Marques onde permaneceu até a formatura. Também foi Interno do Hospital Oswaldo Cruz sob a orientação do Professor Edgar Altino, Catedrático de Doenças Tropicais e Infeciosas. Na Sociedade dos Internos dos Hospitais de Recife, apresentou diversos trabalhos científicos baseados em observações clínicas e com rigorosa metodologia científica. Era grande sua capacidade de planejamento, organização e execução, com objetivos definidos visando metas definidas. Submeteu-se a Concurso para médico do Exército, no Rio de Janeiro, aprovado e empossado trabalhava e mantinha os estudos de clínica médica. Transferido para Pernambuco, trabalhou ao lado do coronel médico, César Montezuma, no Hospital Geral do Recife. Aperfeiçoou os conhecimentos em Clínica médica e radiologia gastroenterológica. Realizou Pós Graduação em Buenos Aires com dedicação à radiologia, gastroscopia e Laparoscopia do Instituto de Semiologia do Instituto de Semiologia da Faculdade de Medicina de Buenos Aires e posteriormente em Montevideu e na Europa, sempre em serviços de Gastroenterologia. Participou

ativamente de inúmeros congressos e outros eventos científicos com inúmeros trabalhos apresentados e publicados. Foi membro de diversas sociedades científicas e na Sociedade de Medicina, além de presidente por três períodos, foi Secretário e Membro do Conselho Consultivo. Foi sócio fundador da Sociedade Pernambucana de Gastroenterologia e Nutrição, onde foi secretário, Vice Presidente e Presidente por dois biênios. Participou também de sociedades científicas da Espanha e da França. Foi agraciado com a Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro. Nomeado Assistente de Ensino da 2ª Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Recife, conquistou o Título de Docência Livre na mesma Cátedra, por títulos e provas em 1956. Exerceu atividades de ensino na Paraíba e foi Assistente Estrangeiro da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris. Publicou inúmeros trabalhos científicos em revistas médicas nacionais e internacionais. Tinha uma capacidade didática exemplar e conseguia estimular e valorizar o desempenho dos alunos na sua disciplina promovendo inclusive reuniões em sua residência. Por sua atuação, com liderança e capacidade administrativa, foi Presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco por três períodos. Foi distinguido, em 1982, com a Medalha de Honra ao Mérito São Lucas concedida pelas três entidades médicas de Pernambuco.

Rosaldo Carneiro Cavalcanti (1965/1966). Toco ginecologista. Graduado pela Faculdade de Medicina do Recife, em 1938. Foi Professor de Ginecologia da Universidade Federal de Pernambuco com serviço no Hospital Santo Amaro. Obteve em 1964 a Cátedra da Clínica Ginecológica com a tese: “Hiperplasia de estroma do córtex ovariano e carcinoma da glândula mamária”, ocasião em que o Serviço foi transferido para o Hospital Pedro II. Faleceu no Hospital Pedro II em plena atividade didática. Em 1962, obteve o Título de Docente Livre com a tese “Modificações soroproteicas de valores eritrocitários no curso da gravidez normal”, tendo sido aprovado com nota dez por todos os examinadores.

Frederico Simões Barbosa (1967/1968). Graduado pela Faculdade de Medicina do Recife, em 1938. Parasitologista e Malacologista, tendo fundado o Instituto Ageu Magalhães junto ao Hospital Centenário. Defendeu a tese: “Morbidade da Esquistossomose. Estudou em quatro localidades no Estado de Pernambuco, sendo aprovado para a Cátedra de Higiene e Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, em 1966. Foi Professor de Saúde Pública da Universidade Federal de Pernambuco e ao aposentar-se foi Presidente da Fundação Osvaldo Cruz no Rio de Janeiro.

Fernando Jorge Simão dos Santos Figueira (1969/1970/1971). Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Recife em 1940. Defendeu a tese: “Contribuição ao tratamento ancilostomíase na criança” em 1961. De forma semelhante a José Octávio de Freitas, foi um dos maiores gestores da Sociedade, tendo como Secretários, José Falcão e Teophilo de Barros Coelho. Construiu um novo auditório com 180 poltronas; o restaurante ao lado, o Ilha de Kós; o prédio anexo de dois pavimentos com treze salas, um apartamento e banheiro em terreno recuperado da Secretaria de Saúde, na área posterior à sede da Sociedade. Intensa atividade científica com a realização dos Congressos Médicos Estaduais, o XVIII com o Sindicato dos Médicos e o Conselho Regional de Medicina no Recife, o XIX em Caruaru e o XX em Garanhuns com o VI Congresso da Associação Médica Brasileira. Criação da Medalha S. Lucas pelas três entidades médicas do Estado para homenagear três médicos por seus méritos e fundou a Cooperativa Médica do Recife para prestar serviços médico-hospitalares, hoje UNIMED, além de outros empreendimentos, como a fundação da Academia de Medicina. Grande empreendedor, fundou o IMIP, Instituto Materno – Infantil, que logo se tornou uma referência nacional na área de saúde da mulher e da criança. Hoje, constitui um complexo médico assistencial com grande abrangência também em pesquisa e ensino dispondo de avançados meios de diagnóstico e terapêutico. É denominado Instituto de Medicina Integral de Pernambuco por sua amplitude de ações na área de saúde. Como Secretário de Saúde do Estado de Pernambuco, no início da década

de 70, no Governo de Eraldo Gueiros, criou a FUSAM - Fundação de Saúde Amaury de Medeiros, com o objetivo de melhorar a funcionalidade do serviço público, possibilitar a captação de recursos financeiros e a qualificação de recursos humanos, com realização de concursos e capacitação dos técnicos. Esta fundação inicialmente foi bem sucedida, mas, com o decorrer dos anos se deteriorou, fugindo dos seus objetivos, sendo finalmente extinta na década de 90.

Hindenburg Tavares de Lemos (1972/1973). Graduou-se pela Faculdade de Medicina do Recife em 1945. Recebeu o título de doutor em Medicina, em 1954, defendendo a tese: “Ileocolostomia: Localização tenial e intertenial. Contribuição experimental.” Cirurgião Geral, docente de Técnica Operatória da Faculdade de Medicina. Na sua gestão na Sociedade de Medicina de Pernambuco, foi criada a Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro, com definição de critérios para homenagear, anualmente, médicos que se destaquem pela reputação profissional e social e levando o nome do seu fundador e primeiro Presidente, Maciel Monteiro. Foi Reitor da FESP - Fundação de Ensino Superior de Pernambuco, no período 1990/1991, com relevante trabalho junto ao MEC – Ministério de Educação e Cultura para transformá-la em Universidade de Pernambuco - UPE.

Cesar Montezuma de Oliveira Filho (1976/1977). Médico cirurgião, foi Diretor do Hospital Geral do Recife e, no exercício da cirurgia, atuou como verdadeiro professor, contribuindo na formação de numerosos cirurgiões do Nordeste. Na direção daquele Hospital, promoveu várias reformas e adaptações, incluindo um Centro de Terapia Intensiva, o que levou a Unidade Hospitalar a ser reconhecida como de alto padrão. Participou e dirigiu várias sociedades médicas, destacando-se o Capítulo Pernambucano do Colégio Internacional de Cirurgiões. Foi membro fundador da Academia Pernambucana de Medicina. Iniciou suas atividades docentes na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, em 1970, como Professor Auxiliar de Ensino das disciplinas Cirurgia Abdominal e Bases da Técnica Cirúrgica e da Anestesia, passando pos-

teriormente a Professor Assistente e, em seguida, Professor Adjunto. Administrou durante dois anos o Hospital da Restauração. Teve intensa atividade científica apresentando trabalhos em diversos congressos e sociedades médicas.

Fernando Tarcisio Cordeiro (1982/1983). Graduou-se, em 1962, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Especializou-se em Gastroenterologista com área de atuação em Endoscopia Digestiva com Curso de Pós – Graduação, no Japão, onde realizou três períodos de estágios. Fez Doutorado na Universidade Federal de Pernambuco e em Concurso para Professor Titular de Gastroenterologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco defendeu tese sobre “Tratamento de Úlcera Péptica”. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Endoscopia Digestiva e da Federação Brasileira de Gastroenterologia, entre 2002 e 2004. Também foi Conselheiro do Conselho Regional de Medicina onde ocupou a presidência em 1986/1988. Como Presidente da então Sociedade de Medicina de Pernambuco, promoveu a informatização da secretaria com cadastramento dos médicos. Realizou o XXVIII Congresso Médico Estadual, em Caruaru, com grande participação de inscritos. Integrado com o Conselho Regional de Medicina e o Sindicato dos Médicos de Pernambuco, teve importante atuação na crise universitária que eclodiu naquela época. Em sua gestão, promoveu também relevante debate com os candidatos a Governo do Estado de forma suprapartidária e em clima democrático. Permanece muito atuante realizando Endoscopia Digestiva no Hospital Português, tendo uma excelente relação médico –paciente dentro dos princípios humanísticos que norteiam sua prática. Foi condecorado com a Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro pela Sociedade de Medicina de Pernambuco em 2001.

Gildo Benicio de Mello (1984/1985). Graduado em 1960, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Como Neurologista, integrou, sem vínculo empregatício, voluntariamente, a equipe do Professor Manoel Caetano de Barros. Titular de Neurologia

e Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, atuando como médico no Hospital Pedro II e também ministrando aulas. Foi Médico do IPASE, transformado no INAMPS, onde desempenhou atividades assistenciais em ambulatório e hospitais. Na Sociedade de Medicina de Pernambuco ocupou vários cargos da Diretoria, assumindo a Presidência em 1984. Em sua gestão, deu grande apoio à Sociedade dos Internos inclusive cedendo um espaço físico para sediá-la. Também incrementou as atividades das Sociedades Regionais. Atuou, juntamente com o Sindicato dos Médicos de Pernambuco, sob a Presidência de Léa Correa, em movimento de melhoria das condições de trabalho e melhoria salarial para os médicos junto ao Governo de Estado. Na oportunidade, conseguiu a implantação do Plano de Cargos e Carreira, com salário básico acrescido de gratificações de acordo com o exercício de atividades em regime de plantão e segundo a distância da Capital. Sempre teve participação significativa na publicação do Jornal de Medicina de Pernambuco, editado Associação Médica de Pernambuco, contribuindo até hoje para sua edição sempre abordando figuras ilustres da medicina pernambucana, de forma afetiva e destacando seu valor técnico e humanístico. Ressalte-se, ainda, na sua gestão que a sociedade participou efetivamente do Movimento das Diretas Já. Constituiu iniciativa suprapartidária em prol da democratização do país que culminou com grande passeata nas ruas do Recife. Foi iniciado, na sua gestão, o processo de integração das entidades médicas de Pernambuco, posteriormente ampliado e fortalecido pelos sucessores. Teve também participação na Associação Médica Brasileira sendo por duas vezes Vice-Presidente do Nordeste. Foi condecorado pela Medalha de Honra ao Mérito São Lucas, concedida pelas três entidades médicas, em 1995, sendo também detentor da Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro, recebida em 1998.

Darcy Gonçalves Freitas (1986/1987). Graduada na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Docente de Patologia da Faculdade de Medicina da UFPE. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Presidente da então Sociedade de Medicina de Per-

nambuco. Sempre teve grande capacidade de liderança, conscientização política e visão dos problemas socioeconômicos. Ao longo de sua vida profissional, tem ocupado importantes cargos dando sua contribuição tanto na área docente como na área de saúde pública, como Diretora do Hospital das Clínicas, Diretora da Gerência da 1ª Regional de Saúde da Secretaria Estadual de Saúde, da Secretaria Municipal de Saúde de Olinda e do Paulista. Em sua gestão, graças a convênio firmado com a OPAS/MS/INAMPS, realizou Curso de Educação Continuada para médicos do serviço público que atuavam em cidades do interior do Estado, sensibilizando-os e atualizando-os para atendimento de qualidade à população, nas áreas básicas: Clínica Médica, Pediatria, Tocoginecologia e na especialidade de Cardiologia. Participou ativamente da Coordenação Nacional de Residência Médica no MEC/Brasília, dentro do Projeto de Otimização de Residência Médica. Participou também da VIII Conferência Nacional de Saúde Mental, em 1986, promovida pelo Ministério da Saúde, importante evento no processo de reformulação da saúde, envolvendo a Reforma Sanitária Brasileira que contribuiu para a inserção dos princípios constitucionais, relacionadas à garantia a saúde, como direito de todos e dever do Estado, que respaldou a criação do SUS – Sistema Único de Saúde pelas Leis Federais 8080/90 e 8142/90. Até a edição deste livro, atua prestando assessoria em planejamento de saúde pública em municípios do Estado de Pernambuco. .

Antonio Carlos Machado (1988/ 1989 e 1990/1991). Clínico e endocrinologista. Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, em 1977. Foi Professor da Disciplina de Endocrinologia daquela universidade, tendo criado e chefiado o Ambulatório de Obesidade do Hospital das Clínicas. Realizou Mestrado em Nutrição na Universidade Federal de Pernambuco, foi médico endocrinologista do antigo INAMPS, atuou em clínica privada e, juntamente com Alexandre Caldas, implantou o Laboratório de Análises Clínicas – SENDS. Sob sua gestão, ocorreram as festividades comemorativas dos 150 anos da Sociedade de Medicina de Pernambuco, quando foi criada a logomarca armorial pelo escritor Ariano Suassuna. Também na sua ges-

tão, participou ativamente de movimento liderado pelo Sindicato dos Médicos em prol de melhores condições de trabalho e salário junto ao Governo do Estado de Pernambuco.

José Carlos Souto (1992/1993). Psiquiatra, psicanalista, com destacada participação na vida associativa médica, ora no Conselho Regional de Medicina, ora na Sociedade de Medicina. Nesta, como Presidente. O Departamento de Psiquiatria da Sociedade, com sua efetiva atuação, foi transformada, em 1980, na Sociedade Pernambucana de Psiquiatria. Foi seu primeiro Presidente, reeleito, quando esteve à frente do Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em Pernambuco, em 1984. Sempre foi grande colaborador da Sociedade de Psiquiatria com excelentes contribuições, mesmo quando não participava da Diretoria, contribuía com vasto conhecimento psiquiátrico, psicanalítico e visão humanista, para a organização de diversas Jornadas e Cursos, além do Congresso. Como pessoa, era modesto e rico de humildade. Era leal, compreensivo e dono de notável capacidade de conciliação, extremamente importante em suas atividades associativas.

Alexandre José Regueira Lins Caldas (1994/1995). Médico Endocrinologista, graduado pela Faculdade de Medicina da UFPE, em 1978. Pós Graduação em endocrinologia e metabologia pela PUC/RJ e residência médica em endocrinologia e metabologia pela IEDE/RJ. Membro da IOTF- International Osteoporosis Task Force, da ITA - International Thyroid Association e da ADA - Americana Diabetes Association. Em sua gestão, na então Sociedade de Medicina de Pernambuco, foi concluída a reconstrução do auditório da entidade. Conseguiu a climatização do Auditório Otávio de Freitas e firmou convênio com o Pró-Info, programa de financiamento e apoio técnico do **BNDES**, destinado a Clínicas e Consultórios médicos, a juros de 6% ao ano, beneficiando os associados.

Miguel John Zumaeta Doherty (1996/1997 e 1998/1999). Inicialmente cirurgião geral e depois cirurgião pediátrico do Hospital Infantil

Manoel de Almeida, do DEC- Departamento Estadual da Criança de Pernambuco, do Hospital Geral de Pediatria do IMIP, do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco. Como Professor de Clínica Pediátrica Cirúrgica da UFPE, foi o 1º ocupante da Disciplina de Clínica Pediátrica Cirúrgica do Centro de Ciências da Saúde da UFPE. Na sua gestão, foi recuperado terreno anexado irregularmente pela Secretaria de Saúde de Pernambuco, ao lado do prédio da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Colaborou na criação da Federação das Cooperativas Médicas de PE, recém fundada por Flavio Pabst, para que se tornasse o braço comercial da Sociedade Médica na relação empresarial do trabalho médico. Liderou a união de todas as entidades médicas de Pernambuco, com o apoio e presença do Presidente da AMB, Celso Nassif, em defesa da saúde da população e do trabalho médico, respeitando a tradição das seguintes entidades: Sociedade de Medicina de Pernambuco, Miguel Doherty; SIMEPE, Sindicato dos Médicos de Pernambuco, Fernando Paiva; CREMEPE, Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, Jurandir Dantas; FECEM; Federação das Cooperativas Médicas de Pernambuco, Flavio Pabst; SINDHOSP, Sindicato dos Hospitais de Pernambuco, Mardônio Quintas. Recebeu a Medalha de Honra ao Mérito São Lucas pelas três entidades médicas, em 1999. Também é detentor da Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro concedida pela Associação Médica.

Adriano Ernesto de Oliveira (2000/2002 – 2002/2003). Psiquiatra de sólida formação, vasta experiência clínica, conhecimento psicodinâmico e marcante visão humanística, exercendo o ato de cuidar, na concepção de Leonardo Boff, “mais que um ato; uma atitude, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção e bom trato”. Era um mestre pela universidade da vida, mas, assumia sempre a postura de eterno aprendiz. Na Medicina, de modo geral, sempre teve atuante participação em defesa de política de saúde em consonância com os princípios técnicos, éticos, de direitos humanos e dignidade dos profissionais. Sua expressiva atuação naquela batalha sempre foi marcada por firmeza, coerência e bravura, enfrentando os conflitos na época. Exerceu cargos técnico-administrati-

vos, como Chefe de Clínica do Instituto do IPSEP, que oferecia assistência psiquiátrica aos servidores do Estado e foi Assessor de Psiquiatria do antigo INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social, na década de 70. Exerceu também o cargo de Auditor de Psiquiatria, também no INAMPS com atuação expressiva lutando muito pela implantação de controle dos serviços de saúde de qualidade e com real autonomia. Exercia grande liderança e mostrava capacidade de mediar conflitos. Foi significativa sua participação associativa em diversos cargos que exerceu tanto no antigo Departamento de Psiquiatria, quanto na Sociedade Pernambucana de Psiquiatria, como Presidente. Nesta Sociedade, desempenhou funções de Tesoureiro, Secretário Geral, Vice-Presidente e depois Presidente, reeleito em 2003. Em anos recentes, se destacou pelo projeto de reestruturação organizacional da entidade e especialmente pela bandeira que empunhou em defesa da categoria profissional no movimento de dignidade médica. Foi grande articulador e moderador, assumindo importante papel para integração das entidades médicas de Pernambuco, reconhecido inclusive pela Associação Médica Brasileira. Como Presidente da secular entidade, elaborou projeto de reestruturação administrativa buscando envolver todos nesse processo para resgatar seu relevante papel na medicina pernambucana. Por seu trabalho, apesar de doente, candidatou-se à reeleição, mas faleceu com menos de cinco meses de gestão, em março de 2003. Pela importância do seu trabalho na área associativa, foi-lhe outorgada a Medalha de São Lucas, em homenagem póstuma, pelas três entidades: Sociedade de Medicina de Pernambuco, Conselho Regional de Medicina e Sindicato dos Médicos de Pernambuco.

Jane Maria Cordeiro Lemos (2003/2005 – 2005/2008 e 2008/2011). Médica psiquiatra, com intensa atividade docente na especialidade, tendo atuado na Faculdade de Medicina da UPE, na Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, na Faculdade de Ciências Humanas ESUDA, na UFPE e supervisionado estágios de saúde mental no Hospital Ulysses Pernambucano. Na área assistencial, exerceu funções em ambulatórios de serviço público estadual e federal, INAMPS/IPSEP. Exerceu função

de médica psiquiatra assistente em hospitais psiquiátricos públicos e privados. Foi também médica perita psiquiatra em instituição federal, o INSS. Desempenhou vários cargos de chefia técnico administrativos no serviço público, entre esses, a Diretoria do Hospital Geral Otávio de Freitas e do Hospital Ulysses Pernambucano; Coordenadora de Saúde Mental e Gerente de Atenção a Saúde Mental do Estado de Pernambuco; Diretora da Divisão de acompanhamento de políticas em Saúde Mental do SUS/Recife e Diretora do Departamento de Controle e Avaliação assistencial do SUS/Recife. Assumiu, durante o ano de 2000, o cargo de Secretária de Saúde da Cidade do Recife. Teve participação ativa em inúmeras bancas examinadoras de concursos. Foi membro da Comissão Nacional de Reforma Psiquiátrica do Conselho Nacional de Saúde, foi membro do Comitê técnico científico de assessoramento à Saúde Mental do Ministério da Saúde. Na área associativa, é membro efetivo da Associação Brasileira de Psiquiatria. Foi Secretária e Presidente da Sociedade Pernambucana de Psiquiatria; foi 1ª Vice Presidente e, depois, Presidente da Associação Médica de Pernambuco, em substituição ao Dr. Adriano Ernesto de Oliveira, que faleceu durante seu mandato. Cumpriu, fiel e honrosamente, o compromisso de conduzir os rumos da Sociedade. Por mais dois mandatos, permaneceu no cargo de Presidente. De modo determinado, deu continuidade ao projeto de revitalização do prédio, conseguindo parcerias especialmente com entidades médicas, para realizar reformas físicas e quitar débitos históricos da Entidade. Entre as reformas realizadas na sua gestão, incluíram-se a recuperação do prédio anexo e toda estrutura física da sede, modernizando-a e dotando-a de acessibilidade, criando excelente ambiente para eventos. Promoveu também a mudança do nome da Sociedade de Medicina de Pernambuco para Associação Médica de Pernambuco, em 2005, aprovado em Assembléia dos Delegados da entidade, atendendo ao disposto no novo Código Civil Brasileiro. Durante o período em que esteve à frente da Associação, foram realizados quatro Congressos Médico Estaduais: em Petrolina, em 2004, com o apoio daquela Regional; em Gravatá, em 2007, no Recife, ocasião em que se comemorou o centenário do 1º Congresso Médico de Pernambuco, no ano de 2009, e,

finalmente, em Caruaru, em 2011, durante as comemorações dos 170 anos da Instituição, com efetiva participação da Regional de Caruaru. Além das atividades científicas, destacaram-se também eventos sócio-culturais, entre os quais, as tradicionais outorgas das Medalhas Maciel Monteiro e São Lucas, eventos repletos de muita festividade e brilho. Foi criado o Prêmio denominado Diva Montenegro, como incentivo aos estudantes de medicina para a pesquisa científica. Manteve-se a edição do Jornal da Associação, em edições trimestrais. E, juntamente com o CREMEPE e o SIMEPE, prosseguiu a edição da Revista Movimento Médico. A associação manteve-se engajada, ao lado de outras entidades médicas estaduais e nacionais, nos movimentos em prol da categoria médica, de assistência à saúde e de fortalecimento do Sistema Único de Saúde - SUS. Jane Lemos é pessoa de reconhecida idoneidade ética, que se orienta com determinação e franqueza. Qualidades admiradas pelos colegas da classe médica. Sua liderança e senso de justiça estão impressos na ação da Sociedade, no período de sua administração. Com espírito agregador, organizou equipe de trabalho sólida e bastante unida. Foi distinguida, em 2001, com a Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro, concedida pela Associação Médica de Pernambuco ao profissional destacado por conduta exemplar na assistência médica. Durante seu mandato, teve também participação ativa na Associação Médica Brasileira, como Membro do Conselho Fiscal, de 2005/2008, e como Diretora de Atendimento a Associados, entre 2008/2011. Para o biênio 2011/2014, foi eleita presidente a Dra. Sílvia Costa Carvalho. Conceituada médica Dermatologista, vinha ocupando o cargo de 1º Vice Presidente há duas gestões, tendo participação efetiva nas entidades médicas, tanto na sua especialidade, no plano estadual e nacional, como também no Conselho Regional de Medicina de Pernambuco.

CONCLUSÃO

A Associação Médica de Pernambuco, antiga Sociedade de Medicina de Pernambuco, é a entidade médica estadual mais antiga do país. Apenas a Academia Nacional de Medicina foi fundada em data anterior. Nossa Instituição completou 170 anos em 04 de abril de 2011. Motivo de orgulho para o Estado e para todas as entidades médicas do país. Nesse longo percurso, a entidade promoveu a difusão de conhecimentos científicos, acompanhando avanços da ciência e da tecnologia, com novos procedimentos diagnósticos e terapêuticos. Baseando-se sempre em diretrizes técnicas e elevados princípios éticos. Visando assegurar adequada orientação e qualificada assistência à população. Seu trabalho tem refletido as transformações sociais e políticas, produzidas em nosso país, no contexto do funcionamento do Sistema Único de Saúde – SUS, criado em 1990.

Este retrospecto histórico destaca a atuação de homens e mulheres que ocuparam a Presidência da Sociedade de Medicina. E demonstra que diferentes características entre pessoas, formações e especialidades, podem assumir igual responsabilidade para preservar, ampliar e consolidar um patrimônio comum da medicina pernambucana.

Há perfeita coerência em afirmar que a história desta entidade e a história da medicina pernambucana são raízes sociais de mesma árvore científica. Em assinalar que o trabalho desenvolvido na entidade inspira-se no seu passado exemplar, na rica tradição de sua história. E em ressaltar que a Instituição tem igualmente o olhar voltado para o futuro. Porque acompanha avanços científicos e tecnológicos para continuar contribuindo com uma medicina humanizada. Por isso, é possível dizer com Bertold Brecht: *“Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis.”*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Anais da Academia Pernambucana de Medicina – Ano I - Volume I – Janeiro 71/dezembro de 74.

Anais da Academia Pernambucana de Medicina – Ano II – Volume II – Janeiro 75/dezembro 76.

Anais da Academia Pernambucana de Medicina – Ano III Volume III – Dezembro de 1999.

Anais da Academia Pernambucana de Medicina – Ano V – Volume V – Dezembro de 2000.

Távora, JG – Maciel Monteiro – De médico e poeta a Ministro Plenipotenciário – Coleção Sobrames em Literatura – Recife, 2002

Távora, JG e Colaboradores – Octávio de Freitas – Um homem à frente do seu tempo – Recife – Ed. Octávio de Freitas, 1993.

Costa, V – Alguns aspectos históricos e Médicos do Recife – Universidade Federal de Pernambuco, 1971.

Kelner, S; Kelner, M; Saudações Acadêmicas e Universitárias – Academia Pernambucana de Medicina – Recife, CEPE -1991.

Kelner, S; Rocha, L; Costa, V; Coutinho, A; Abath, G; Oliveira, A.C – História da Faculdade de Medicina do Recife – 1915-1985 – Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Ciências da Saúde.

Moreira, C. R. P; Roteiro dos Concursos realizados na área de Saúde em Pernambuco – 1912-1970 – Teses, Docentes e Catedráticos – Edições Bagaço, 2010.



TEXTO 10



10. O CREMEPE E A ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO

MARIA HELENA CARNEIRO LEÃO
PRESIDENTE DO CREMEPE

Quando está a completar 170 de existência, fundada que foi em 04 de abril de 1841, a Associação Médica de Pernambuco, antiga Sociedade de Medicina de Pernambuco entrega, para marcar a sua histórica trajetória no universo cultural de Pernambuco mais do que um livro, um símbolo de sua pujança e de manutenção de seus objetivos.

O que nele se materializa representa não apenas a manifestação dos que neste momento histórico representa a vocação sempre existente de médicos no voltar-se para, dentro de seu campo de conhecimento, deixar na representatividade de seus artigos, como a deferência e a dedicação a uma instituição acima de tudo voltada para a cultura, sua dinamicidade e visão de futuro, sua criatividade sempre inovadora. Porque, como já foi dito, *“a cultura não é flor de um dia.”*

A edição deste livro, “Associação Médica de Pernambuco – Edição 170 Anos representa a entrega à classe médica e a todos não apenas um livro de história e memória, mas, essencialmente, a demonstração da sua pujança cultural. E outra não poderia ser a motivação do seu publicar-se, pois, faz parte de sua finalidade, o *“promover o aperfeiçoamento da cultura médico científica”*, daí o sentido estabelecido no seu Estatuto: *“congregar os médicos do Estado e suas entidades representativas com o objetivo de defesa geral da categoria no terreno científico, ético, econômico e cultural.”*

Entendida a cultura como a capacidade de a sociedade pensar sobre si mesma, de se ver que suas manifestações surgem quando podem e

quando devem surgir, ou seja, nem o homem pode antecipar ou atrasar o tempo, como igualmente e seus surgimentos acontecem quando chegado é o seu momento de aparição. Porque a história “é um passado de luta e grandezas”.

Se, como disse o Prof. Octávio de Freitas ao início da “História da Faculdade de Medicina, 1895- 1943, *“a cidade do Recife foi o berço inconteste da medicina brasileira”*, pode-se ir mais longe, dizendo que Pernambuco é o berço da própria cultura autenticamente brasileira: onde pela primeira vez se conjuga o vocábulo pátria; em Pernambuco nasceu o conceito de nacionalidade e do Exército brasileiro, quando da Insurreição Pernambucana, século XVII; em Olinda, pela primeira vez, ouviu-se no seu Senado a palavra República pronunciada por Bernardo Vieira de Melo; a Revolução Republicana de 1817, proclamando-se a República, apresentando-se uma Constituição; e em 1824, Frei Caneca à frente da Confederação do Equador, mais uma vez, exibia o irredentismo pernambucano.

E se em 1825 nascia o Diário de Pernambuco, e em 1827 cria-se a Faculdade de Direito. Vê-se, assim, que rapidamente amadurecia o momento para o surgimento de uma instituição cultural voltada para os médicos. E disso bem se apercebeu Antônio Peregrino Maciel Monteiro, doutor em Medicina, bacharel em letras e ciências, poeta, que se destacava pelos cargos políticos que ocupava, entre os quais o de Deputado por várias legislaturas, Ministro das Relações Exteriores e Conselheiro do Imperador D. Pedro II. utilizando-se as instalações do Liceu Pernambucano, fundou a Sociedade de Medicina de Pernambuco.

O surgimento da Sociedade de Medicina (hoje a Associação Médica de Pernambuco) tornou possível não apenas a união de médicos na defesa da profissão como participou do combate de que resultou o progressivo desaparecimento da grande quantidade de curandeirismo que era praticado em todo o Império como também de médicos improvisados, *“usufruindo os proventos em troca de beberagens que só podiam curar pela inocuidade e pelo prodigioso poder da força medicatriz.”* É o prof. Octávio de Freitas que escreve: *“A Sociedade de Medicina, fundada a 4 de abril de 1841, foi um cenáculo científico dos mais alevantados e*

proveitosos estudos, onde apresentaram interessantes trabalhos médicos eminentes como Maciel Monteiro, Eustáquio Gomes, Pedro Dornellas, Simplicio Mavignier, Moraes Sarmento, Aquino Fonseca, Jerônimo Serpa e João Loudon.

Mais do que isso: ante as dificuldades surgidas para criação da Faculdade de Medicina, mesmo com Recife aperfeiçoando seus hospitais – destaque-se o Hospital Pedro II –, impunha-se projetar a cultura médica em Pernambuco. E a Sociedade de Medicina de Pernambuco, através de seu núcleo cultural, houve por bem patrocinar a realização em 1909, do “I Congresso Médico de Pernambuco”, com discussão de modernos temas da Medicina, ou seja, o instante de reflexão, do meditar-se sobre os novos avanços da Medicina pelo estudo da pesquisa, pela visão do mundo, tudo revisitado quando da realização do XXXIX Congresso Médico de Pernambuco, em 2009.

Como a antiga Sociedade de Medicina de Pernambuco, a hoje Associação Médica de Pernambuco continua na sua missão primordial de difundir a cultura médica, a mostrar que o tempo, único, não permite separações nem repartições, representando sempre a continuidade do viver do homem. Hoje, sua força e pujança revelam-se quando engajada com as demais entidades médicas nacionais e estaduais na luta em defesa das grandes bandeiras da categoria médica.

Daí o pensamento coerente e histórico de sua atual Presidente Dra. Jane Maria Cordeiro Lemos: *“Ao longo de sua história, a AMPE tem encontrado estratégias para enfrentar as adversidades, os obstáculos e mais do que sobreviver, viver em toda a sua plenitude e cumprir seu papel na comunidade médica pernambucana”.*

O livro “Associação Médica de Pernambuco – Edição 170 anos, ora apresentado, é mais do que um instante de divulgação de trabalhos científicos, representa ele a marca de que a Associação Médica de Pernambuco está *“vivendo o presente, preservando o passado e olhando para o futuro.”*

A homenagem e o abraço irmão do Conselho Regional de Medicina de Medicina de Pernambuco – CREMEPE.



TEXTO 11



11. A ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO - AMPE E SUA IMPORTÂNCIA HISTÓRICA NO SINDICALISMO MÉDICO DE PERNAMBUCO

SÍLVIO RODRIGUES
PRESIDENTE DO SIMEPE

É com grande satisfação que o Sindicato dos Médicos de Pernambuco - Simepe participa desse momento histórico da AMPE nos seus 170 anos dedicados ao médico do nosso estado, atuando nas lutas em defesa da nossa profissão e sendo o carro-chefe da construção e atualização do conhecimento médico, ingredientes fundamentais para a construção de uma sociedade justa.

Fundada em Quatro de abril de 1841 no Liceu Pernambucano. Foi o começo de uma história que transformaria a saúde ao longo dos anos. A entidade foi à matriarca da existência do sindicalismo pernambucano, pois seus dirigentes entendendo um novo momento da história brasileira, com o surgimento e consolidação das Leis Trabalhistas, sentiram necessidade da criação de uma entidade que lutasse e reivindicasse os direitos da classe médica em nosso Estado.

Neste clima político no dia 14 de outubro de 1931, trinta e três médicos reunidos em assembléia e liderados por uma comissão eleita pela Sociedade de Medicina de Pernambuco, criam a entidade sindical representativa dos médicos. Esta comissão foi composta por grandes nomes da medicina pernambucana como Barros Lima, Edgar Altino, Ageu Magalhães, Geraldo de Andrade e Jorge Lobo. Aparece definitivamente no cenário sócio-político estadual e nacional o Sindicato dos Médicos de Pernambuco, completando nesta mesma época seus 80 anos.

É o sindicato mais antigo no Nordeste e um dos mais antigos no País, tendo como seu primeiro presidente o professor João Marques. Ao longo de sua trajetória, A AMPE fincou raízes e consolidou a unidade das entidades representativas dos médicos pernambucanos - Cremepe e Simepe.

Participando ao longo da sua existência de lutas históricas como o movimento da reforma sanitária, resistindo bravamente contra a ditadura vigente. Tivemos como vitória a criação do SUS. Entre os diversos atores do movimento sanitário, destacam-se ainda os médicos residentes. As entidades médicas começam a ser renovadas.

Hoje, as três entidades – AMPE, Cremepe e Simepe – atuam de forma unificada em várias frentes. A interferência dos Planos de Saúde na relação médico/paciente, carreira de estado para o médico, melhor financiamento da saúde, desprecarização do trabalho médico, luta contra a abertura indiscriminada de escolas médicas entre outras. O elo histórico é o que mantém nossa unidade e nossas conquistas e é nosso dever preservá-lo.

Parabéns a Associação Médica de Pernambuco.



TEXTO 12



12. A AMPE E SUAS RELAÇÕES COM AS INSTITUIÇÕES MÉDICAS DE PERNAMBUCO

ASSUERO GOMES

A Associação Médica de Pernambuco, com seus 170 anos, me remete à memória a imagem de uma matriarca pernambucana, destas mescladas pela lembrança das muitas, múltiplas, etnias do nosso pernambucano, matriz e referência gênica da brasilidade, pois o Brasil nasceu aqui.

É momento de celebração, de se contar as conquistas, de se esquecer os fracassos, de se comemorar o retrato de família, uma longa família, cheia de primos, filhos, netos, sobrinhos, bisnetos, tataranetos, considerem a escrita também no gênero feminino como deve ser a boa letra do corretamente político.

A matriarca pernambucana tem a cabeça e o corpo na casa grande porém a senzala gilberteana traz para dentro dessa casa os pés da senzala, a ousadia da selva antes da cana de açúcar, o espírito cosmopolita dos marranos, o tempero das arábias. Por isso tão vetusta e nobre dama é tão completa na sua casa, casa farta e hospitaleira. Dessa casa se alimenta e se cria o homem e a mulher do amanhã, assim como se criou o de ontem, e criará o de sempre, pois imortal é nosso estado, como na canção.

A antiga Sociedade de Medicina de Pernambuco, rebatizada com o nome atual de Associação Médica de Pernambuco foi a casa (ou seria o útero?) onde se gerou e continua gerando o movimento médico do estado, movimento aqui entendido como plasma (spinoziano) donde tudo emana e onde tudo se movimenta. Todas as entidades médicas,

sem exceção, aqui nasceram ou partiram de um gérmen aqui implantado na cabeça e no coração de algum colega médico ou médica. Certamente as futuras entidades assim daqui procederão.

O Sindicato dos Médicos de Pernambuco SIMEPE, o Conselho Regional de Medicina CREMEPE, as Sociedades de Especialidades, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de PE, a Faculdade de Medicina da Universidade de PE, a Academia Pernambucana de Medicina, o IMIP, o Museu da Medicina, a Unimed Recife, a Sociedade de Médicos Escritores de PE, a Unicred Recife, as Cooperativas de Especialidades Médicas: Copego, Copepe, Copeclin, copercárdio, copecir e sua federação a FECEM, as diversas associações de professores, residentes e acadêmicos de medicina, sem falar em associações artísticas que tiveram e têm a participação de médicos e médicas, e tantos outros. Há uma nexialidade que nos permite encontrar o fio que une todas elas a partir da matriz geradora, da matriarca.

O Sindicato dos Médicos de PE completa 80 anos. É um dos grandes nomes do sindicalismo brasileiro dentre todas as categorias laborais, e é um dos mais atuantes da classe médica sendo referência de luta e conquista para todos os médicos do Brasil. Nasceu na casa mãe, a AMPE, a partir de uma comissão eleita nesta entidade, às 20 h do dia 14 de outubro de 1931, em plena vigência do trabalhismo a partir de Getúlio Vargas recém triunfante no seu movimento. Essa comissão, reunida na sala de reuniões do Departamento de Saúde Pública, formada pelos eminentes médicos, Barros Lima, Edgar Altino, Ageu Magalhães, Geraldo de Andrade e Jorge Lobo, representando os 33 médicos, reunidos em assembléia, fundaram oficialmente nosso sindicato e elegeram o professor João Marques como seu primeiro presidente. Desde então o Simepe tem se mantido firme e coerente com seus princípios de defesa da classe, por melhores condições de remuneração e dignidade no ambiente de trabalho. Grandes nomes da medicina e ilustres companheiros passaram e passarão certamente pela gestão do Simepe.

Com uma ação efetiva na denúncia e na reivindicação por melhores condições laborais, o Simepe, em nome dos médicos e médicas per-

nambucanas tem travado batalhas e embates históricos. Sempre com o apoio da Associação Médica de PE, as maiores lutas foram sem dúvida a questão salarial especialmente com o Governo do Estado, não podendo ser de outra forma, uma vez que este é o maior empregador do trabalho médico. Não são deixadas de lado a medicina da rede suplementar, nem as secretarias de saúde dos inúmeros municípios.

O Simepe ainda tem ação na responsabilidade social e está envolvido em campanhas educacionais e de saúde para o grande público.

Há que registrar o seu departamento jurídico que presta uma assistência de qualidade aos colegas sindicalizados na esfera trabalhista, previdenciária, em processos éticos, e tantas outras demandas.

O departamento de comunicação, marketing e imprensa se sobressai estando dentre os mais atuantes das entidades médicas, sendo elaborador de matérias jornalísticas a nível impresso, televisivo, eletrônico e radiofônico. Produz notícias, lazer, cultura de forma ininterrupta, cobrindo com precisão os eventos relacionados com a luta sindical. É um departamento reconhecido a nível nacional.

O Simepe tem trabalhado incansavelmente para levar sua ação ao interior de pernambuco para que os médicos que aí labutam se sintam seguros nos seus direitos.

Atualmente sob a presidência do pediatra Sílvio Rodrigues, a entidade reconhece o imprescindível valor da união de todas as entidades médicas, pois a finalidade delas é uma só, dignificar o médico e seu trabalho, trazendo o melhor da medicina para todos sem distinção, especialmente promover a justiça social neste nosso país, por vezes tão ingrato com seus filhos mais pobres.

O Conselho Regional de Medicina, CREMEPE, foi fundado no dia 26 de março de 1958, por um grupo de médicos liderados pelo professor Antônio Figueira e Leduar de Assis Rocha, funcionando inicialmente no Ed. Tabira na Boa Vista, até 1963. Com o grande prestígio do professor foi possível implementar gradativamente a organização desta entidade que tem a função de garantir aos médicos e à população o exercício digno e ético da profissão, tendo o poder de regular esta atividade. Ini-

cialmente, consta que alguns médicos pernambucanos não viram com bons olhos seu surgimento, uma vez que ‘temiam o caráter julgador e punitivo da entidade, achando que o diploma já bastaria para o pleno exercício profissional’. Seguiu-se ao Dr. Figueira os médicos Adamastor Lemos e em seguida Geraldo Fonseca Lima.

O CREMEPE atualmente sob a presidência do cardiologista André Longo, tem se mostrado atuante, não apenas como defensor da ética e do bom exercício da Medicina, como também partícipe incontestemente da luta pela qualidade da profissão, sendo um aliado das outras entidades médicas, nas lutas justas da categoria.

Cartorial, fiscalizadora, judicante, política, essas são as atribuições e campos de ação da entidade.

Ela registra os diplomas, títulos, transferências, cadastramentos, inscrições, dá sua função cartorial. O Cremepe ainda recebe denúncias, estabelece sindicâncias, instala processos disciplinares, faz cumprir o Código de Ética Médica vigente no país. Fiscaliza as empresas de saúde, hospitais públicos e privados, clínicas, condições de trabalho médico, e ainda participa plenamente dos movimentos legítimos em defesa dos médicos e do seu trabalho.

O movimento médico em nosso estado é um exemplo para o restante da nação e muito do que se tem conseguido em Pernambuco é assimilado nos outros estados. O Cremepe tem ainda, além de suas funções específicas, um trabalho importante de responsabilidade social, com várias ações na sociedade civil, especialmente cabendo aqui uma menção à caravana que realiza a cada ano, interior adentro, visitando as comunidades carentes da zona da mata, do agreste e do sertão, vendo de perto as necessidades básicas não atendidas, emitindo relatórios, denunciando à imprensa e cobrando das autoridades competentes, a solução dos problemas.

O Cremepe juntamente com o Simepe faz parte da grande casa que são as entidades médicas de Pernambuco, juntamente com a Associação Médica de Pernambuco.

O **IMIP**, Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira, é outra grande instituição médica do nosso estado. Fundada pelo ilustre professor, completou 50 anos em junho de 2010, sob a presidência do colega pediatra Antonio Carlos Figueira. Uma instituição exemplar no atendimento à população, especialmente aos mais carentes. Tornou-se uma referência em excelência de atendimento, alcançando um alto nível de qualidade científica, é referência nacional tanto no ensino médico e profissões afins como também em pesquisa. Tem formado doutores e mestres nessas áreas e hoje administra vários hospitais escola, Unidades de Pronto Atendimento, fundações, é uma referência também na saúde pública. Mantém um intercâmbio internacional com vários hospitais e centros de ensino médico no exterior.

O IMIP traz na sua alma a marca do seu fundador, o serviço ao pobre e é isso juntamente com a busca da excelência que o torna tão importante e imprescindível para Pernambuco. Milhares e milhares de atendimentos com resolutividade.

O IMIP também se irmana às outras entidades médicas neste aniversário da AMPE.

A **Unimed Recife** nasceu nas dependências da Sociedade de Medicina de Pernambuco (Associação Médica de PE) no dia 24 de julho de 1971, formada por 31 colegas, tendo recebido inicialmente o nome COMEPER, Cooperativa Regional para Prestação de Serviços Médicos e Hospitalares Ltda (isso mesmo, Ltda). Seu primeiro presidente foi o colega médico Eulámpio Cordeiro.

A cooperativa passou um período sem maior progresso, pois naquela época era uma novidade este tipo de associação laboral e alguns médicos do estado temiam que cerceasse a liberdade e a autonomia da profissão.

Em 1972 assumiu a presidência José Falcão e em março de 1975 a cooperativa era dirigida por Gerson Ferraz.

Em novembro deste mesmo ano assumiu Stefano Malicônico. Nessa época a cooperativa funcionava numa pequena sala da sede do Sindicato dos Médicos de PE, Simepe, na Av. João de Barros. Possuía apenas uma máquina de datilografia, um arquivo e um birô, além de uma

máquina de calcular. Havia 35 médicos cooperados, o faturamento era feito manualmente, a diretoria despachava apenas uma vez por semana, à noite. Funcionários, eram três: uma funcionária administrativa, que está na empresa até hoje, Fátima Silva, um funcionário para serviço externo e um vendedor.

Em março de 1979 assumiu a presidência o colega João Mário e conseguiu mudar a sede para o Rosarinho, e posteriormente para a Rua Mário Domingues. É dessa época o nome definitivo da cooperativa, Unimed Recife.

Sucedeu a João Mário o colega Lívio Malicônico que continuou com o processo de crescimento da cooperativa, assumindo em março de 1987. Foi nesse período que a sede passou para a Rua Henrique Dias e adquiriu o prédio da Rua das Fronteiras.

A Unimed Recife continuou se desenvolvendo, contando então com algo em torno de 800 cooperados e quase 80.000 usuários; mas nessa época já havia no grande Recife várias empresas de saúde, de todos os níveis e de todos os tipos, e o mercado de trabalho médico se tornava cada vez mais difícil. Exercer a medicina de maneira ética e oferecer serviços médicos de qualidade sem o atravessador mercantilista era um desafio gigantesco, pois muitos desses planos tinham seus serviços próprios e estavam cada vez mais profissionalizados em gestão, visando prioritariamente o lucro.

Por ironia do destino, o temor de alguns colegas da década de 70 se tornou realidade, não através do cooperativismo, mas através de planos de saúde, e o cooperativismo se mostrou a única resposta viável contra a exploração do médico.

Em 11 de abril de 1996 assume a médica Maria de Lourdes Correia de Araújo. Vinda do Conselho Administrativo e ainda tendo passado no Conselho Fiscal, com uma visão renovada de gestão desenvolveu o serviço próprio da Unimed Recife, dando um novo impulso à cooperativa.

Hoje, ao completar 40 anos de fundação, a Unimed Recife pode se orgulhar de ter chegado até aqui sempre pautada na ética, no livre exercício da profissão médica e na excelência de qualidade da assistência prestada aos seus usuários. Orgulha-se de ter mais de 1.800 cooperados,

dentre os melhores médicos e médicas de Pernambuco, mais de 1.100 colaboradores e mais de 160.000 clientes satisfeitos, colocando a cooperativa como a melhor do estado e uma das maiores do Brasil.

Com sua visão de futuro, Dra. Maria de Lourdes empreendeu a construção de unidades próprias e hoje temos dois hospitais de grande porte, às vésperas de um terceiro, que será o mais moderno do estado, centros de atendimento no Recife, Olinda, Cabo, Vitória de Santo Antão e Ipojuca, além do Centro Administrativo e Centro Comercial, todos eles com estrutura e padrão Unimed Recife.

Hoje a Unimed é líder entre as Unimeds do Estado e do Norte Nordeste. Conta com elevado prestígio entre as entidades médicas e participa constantemente de programas, ações e eventos que aprimoram a atividade dos profissionais da saúde. Socialmente responsável, atua em vários setores, promovendo o espírito cooperativista, com ênfase especial à cobertura médica e odontológica que dá às crianças da Orquestra Cidadã dos Meninos do Coque.

A **Unicred Recife** completa 18 anos, e é uma instituição cooperativista que atua no ramo financeiro. Como cooperativa ela tem um perfil que a diferencia em muito das outras instituições, especialmente dos bancos.

Numa cooperativa todo o resultado é dividido entre os cooperados conforme decisão soberana deles em assembleia. Além disso, uma cooperativa visa o desenvolvimento dos seus associados, o desenvolvimento dos colaboradores e ainda, é sua preocupação constante o meio social em que vive, bem como a qualidade de vida da população em geral, incluindo aí, o cuidado com a sustentabilidade.

A Unicred Recife se coloca entre as principais instituições de cooperativismo de crédito do país. Fundada em 19 de julho de 1993 sua existência tem sido uma história de sucesso, graças à confiança dos cooperados e à gestão austera e rigorosa, hoje somos mais de 3000 associados, e preparados para acompanhar o crescimento de Pernambuco.

Muito mais que números, cifras e percentuais de lucros, nós capitalizamos realizações e transformamos sonhos em realidades pessoais, familiares e empresariais.

Tudo que a Unicred Recife consegue é investido aqui no nosso estado, e não poderia ser diferente, pois um dos pilares da filosofia cooperativista é este: promover do desenvolvimento de sua própria região.

Já valeria a pena ter conseguido tudo isso, mas as amizades, a confiança, a reciprocidade, a parceria leal, isso realmente não tem preço. Quero realçar a nossa principal parceira, que também navega no sonho e no trabalho cooperativista, a Unimed Recife. Com a gestão atual, liderada pela Dra. Maria de Lourdes Correia de Araújo, uma colega médica com uma incrível visão empreendedora, a Unimed Recife tornou-se a referência em atendimento médico em Pernambuco com mais de 1800 médicos e médicas, a maioria deles também cooperados nossos. Junto só fizemos crescer, e demonstrar a força pernambucana da classe médica.

A Unicred Recife também investe no social. A obra de D. Helder Camara é conhecida e reconhecida em todo planeta. Dentre ela existe a Casa de Frei Francisco que educa crianças de área de risco da cidade do Recife, a comunidade do Joana Bezerra e do Coque, áreas mergulhadas no narcotráfico. Crianças recebem reforço educacional e primeira qualidade, profissionalização, saúde e higiene, formação de cidadania, artes. As mães participam de oficinas de artesanato para poderem melhorar a renda familiar. A Unicred Recife vem investindo neste trabalho, que congrega os ideais do Dom e atende 130 crianças.

A Unicred Recife tem orgulho do que faz, e acredita que o cooperativismo em todas as ações humanas é o único caminho eficaz para que a vida no planeta seja melhor para todos.

Em 1914, a idéia de criação da **Faculdade de Medicina do Recife** partiu de um grupo de profissionais da área médica que atuavam no Estado ou mesmo lecionavam nas instituições de ensino já criadas na capital pernambucana – Escola de Farmácia de Pernambuco e Escola de Odontologia de Pernambuco. Nesta época, já haviam sido criadas faculdades de medicina nos principais Estados do país – Faculdade de

Medicina e Farmácia de Porto Alegre (1898), Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (1910), Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1912) e Curso de Medicina e Cirurgia da Universidade do Paraná (1912).

Em reunião da Congregação da Escola de Farmácia de Pernambuco, no dia 5 de outubro de 1914, foi apresentada a proposta de formação de comissões para a elaboração dos estatutos e para angariar donativos, com fins de organizar a futura Faculdade de Medicina do Recife. Nesta ocasião, foi votada uma diretoria provisória composta por José Octávio de Freitas (diretor), Alfredo Cordeiro da Fonseca Medeiros (tesoureiro) e Thomé Isidoro Dias da Silva (secretário), tendo sido marcada a primeira reunião da Congregação da instituição para 5 de abril do ano seguinte.

No dia 6 de dezembro de 1914, seus estatutos foram apresentados. Eles estabeleciam que o primeiro provimento de cadeiras seria feito por nomeação da Congregação da Escola de Farmácia de Pernambuco. A instituição ficaria constituída por 28 lentes catedráticos, seis lentes substitutos, 13 preparadores, 13 assistentes, um diretor, um vice-diretor, um secretário, dois amanuenses, um porteiro, quatro contínuos, um bibliotecário, um sub-bibliotecário, dois serventes e um almoxarife; além de membros honorários que lhe prestassem serviços de relevância, e de um corpo discente. A seleção dos alunos candidatos ao curso seria realizada por um corpo complementar de professores efetivos de reconhecido saber, nomeados pela própria Congregação, sem interferência do governo. O exame de admissão incluiria as disciplinas de português, francês, inglês ou alemão, latim, aritmética, álgebra, geometria, trigonometria, história universal e corografia do Brasil, geografia, psicologia, física, química e história natural. No entanto, estas medidas não chegaram a ser postas em execução neste ano, já que a instituição só entrou em funcionamento a partir de julho de 1920.

No dia 4 de maio de 1920, foi realizada a segunda Congregação preparatória da Faculdade de Medicina do Recife, na qual foi aprovada a ata da sessão anterior de 5 de abril de 1915, decidindo-se pela reforma do corpo docente de acordo com a distribuição, classificação e nomencla-

tura estabelecidas pela nova legislação do ensino aprovada pelo decreto n.º 11.530 de 18/03/1915 (Reforma Maximiliano). As disciplinas ficaram assim distribuídas:

Física médica (Oscar Coutinho); química médica (Antônio Raposo Pinto); história natural médica (Alfredo Cordeiro da Fonseca Medeiros); anatomia descritiva (Luiz Gonzaga de Souza Góes); histologia (Antônio Monteiro de Moraes Nascimento); fisiologia (Gilberto Fraga Rocha); microbiologia (José Octávio de Freitas); terapêutica clínica e experimental e arte de formular (Alexandre dos Santos Selva Júnior); patologia geral (Mário de Oliveira Ramos); farmacologia (João Baptista Regueira Costa); anatomia médico-cirúrgica e operações, e higiene (Joaquim Costa Carvalho); medicina legal (Ascânio de Alcântara dos Guimarães Peixoto); clínica médica - 1ª cadeira (João Paulino Marques); clínica médica - 2ª cadeira (João Gomes de Amorim); clínica médica - 3ª cadeira (Edgar Altino Correia de Araújo); clínica médica - 4ª cadeira (Fernando Simões Barbosa); clínica cirúrgica - 1ª cadeira (Alfredo Arnóbio Marques); clínica cirúrgica - 2ª cadeira (Frederico Curio); clínica cirúrgica - 3ª cadeira (Paulo de Aguiar); clínica obstétrica (José Bandeira de Mello Filho); clínica ginecológica (Thomé Isidoro Dias da Silva); clínica oftalmológica (Isaac Salazar da Veiga Pessoa); clínica otorrinolaringológica (Artur de Sá Cavalcanti de Albuquerque); clínica pediátrica médica e higiene infantil (Augusto Lins e Silva); clínica pediátrica cirúrgica e ortopédica (José Ignácio Ávila); clínica dermatológica e sifilográfica (Francisco Clementino Carneiro da Cunha); clínica psiquiátrica (Ulisses Pernambucano de Melo Sobrinho); e clínica neurológica (Manoel Gouveia de Barros). Foram ainda nomeados como professores substitutos das seções de ginecologia e cirurgia, Arsênio Luiz Tavares da Silva e José de Arruda Souto Maior, respectivamente.

Além desta distribuição das disciplinas, formaram-se duas comissões integradas por professores das instituições de ensino médico existentes: uma para entrar em entendimento com o Governador do Estado, José Bezerra, sendo formada pelos professores Manoel Gouveia de Barros, Edgar Altino Correia de Araújo, Frederico Curio e José Octávio de Freitas; e outra para modificar os estatutos e o regimento interno, edi-

tados em 1915, constituída por Mário de Oliveira Ramos, Ulisses Pernambucano de Melo Sobrinho, Gilberto Fraga Rocha, Thomé Isidoro Dias da Silva, Ascânio de Alcântara dos Guimarães Peixoto e Arsênio Luiz Tavares da Silva.

A inauguração oficial da Faculdade de Medicina ocorreu no dia 16 de julho de 1920, quando foi proferida a aula inaugural pelo professor e diretor da instituição, José Octávio de Freitas (*Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz* – <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>)

Notem os nomes dos idealizadores e pioneiros do ensino médico em Pernambuco, todos ligados e oriundos em sua maioria à Sociedade de Medicina de Pernambuco, atual AMPE. Há um inequívoco entrelaçamento e especialmente uma gênese da ação médica a partir da aniversariante.

A **Academia Pernambucana de Medicina** foi fundada em 17 de dezembro de 1970, tendo, portanto, 40 anos. Como objetivos contribuir para o desenvolvimento e o progresso da medicina e ciências afins, incentivar o aprimoramento da cultura médica geral, da profissão, da ética, do ensino médico, da medicina social, colaborar com os poderes públicos e instituições médicas, promover e estimular a realização de congressos, jornadas, cursos, conferências e debates de interesse cultural, científico e de ensino médico-social, atualmente presidido pelo médico Geraldo Pereira, também escritor.

Essa casa, também chamada Casa Fernando Figueira, foi idealizada e fundada no dia 17 de dezembro de 1970, na sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Entre os presentes os presentes cita-se os nomes de Bruno Maia, Nelson Chaves, Salomão Kelner, Amaury Coutinho, Aluísio Bezerra Coutinho, Gilberto da Costa Carvalho, Bertoldo Kruse, Herodoto Pinheiro Ramos e José Falcão.

Como podemos ver a Casa Grande que é a Associação Médica de Pernambuco foi e é berço da medicina no estado, nos seus melhores ideais. Celebrar 170 anos é celebrar a própria história da medicina no

seu estado de espírito mais puro (cf. trecho disc. posse Antonio Carlos Figueira)

A **Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco**, de 60 anos completos, foi criada por um grupo de médicos docentes livres da então Faculdade de Medicina da Universidade do Recife (hoje, Curso Médico do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco) em uma reunião realizada no auditório da Sociedade de Medicina de Pernambuco no dia 26.2.1950 convocada pelo Dr. José Pacífico Pereira. Naquela ocasião foram aprovados os nomes dos professores responsáveis pelas disciplinas; nas reuniões seguintes foi escolhido o nome da nova escola médica e eleito o primeiro diretor, o Dr. Waldemir Soares de Miranda.

A criação da Faculdade de Ciências Médicas surgiu pela necessidade de se absorver a grande quantidade de alunos excedentes do vestibular da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife. De acordo com depoimento do Dr. Waldemir Miranda, todos os anos era grande o número de jovens que protestava nas ruas por não conseguir ingresso no curso superior.

As primeiras reuniões do Conselho Administrativo ocorreram na residência do Alberto Costa Campos, na rua da Aurora número 457, enquanto se providenciava a compra do prédio da rua Benfica, número 198, junto à Casa de Saúde Santa Inês, onde se instalou a nova faculdade. A primeira reunião na nova sede se deu em 5 de agosto de 1950. Os estatutos da Sociedade Sivil de Caráter Científico Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco foram aprovados no dia 25 de outubro seguinte.

Vencidas as dificuldades iniciais, foi realizado o primeiro exame vestibular no dia 19 de abril de 1951. A primeira cerimônia de colação de grau ocorreu no Teatro de Santa Isabel no dia 15 de dezembro de 1956, às 16 horas, em sessão solene presidida pelo vice-reitor da Universidade do Recife, sendo o grau conferido pelo Dr Raimundo Teodorico de Freitas, diretor da Faculdade.

A Faculdade de Ciências Médicas foi reconhecida através do Decreto Federal número 32.547 assinado em 7 de abril de 1953 e publicado no Diário Oficial no dia 17 seguinte.

Os primeiros anos não foram fáceis. Em 1955 é adquirida a Casa de Saúde Santa Inês, onde funcionou o curso clínico até 1963 quando este hospital foi fechado devido aos prejuízos financeiros. Economicamente instável, dependendo dos pagamentos das mensalidades dos alunos, em algumas ocasiões os professores se viram obrigados a formular pedidos de agregação da faculdade a outros órgãos (a Universidade do Recife em 1957, a Universidade Federal Rural em 1962). Em 24 de janeiro de 1964, graças a iniciativa do diretor Luiz Tavares, foi celebrado convênio entre a Faculdade, o Governo do Estado e a Santa Casa de Misericórdia para que o Hospital Osvaldo Cruz fosse utilizado como Hospital Escola. O terreno e os prédios da rua Benfica foram vendidos para instalação do Colégio Militar e a sede da Faculdade é transferida para a rua Arnóbio Marques, 310, onde a Congregação se instala em 11 de agosto de 1966.

Em 12 de novembro de 1965, a Congregação aprova o projeto de criação da Fundação do Ensino Superior de Pernambuco (**Breve História da FCMPE** de Claudio Renato Pina Moreira).

Hoje a entidade é uma referência na saúde do pernambucano, no ensino de graduação e pós graduação, interiorizando o campus, oferecendo um leque de opções a estudantes em vários campos do conhecimento nas ciências da saúde. Irmana-se nos festejos comemorativos da casa mãe.

E assim podemos dizer, sem medo de equívocos, que de uma maneira direta ou indireta todos os médicos e todas as médicas nestes últimos 170 anos no nosso imortal estado, teve, tem ou terá alguma ligação com a Associação Médica de Pernambuco. Há uma teia invisível, da nexialidade, que une todas as coisas entre si. D. Helder em um de seus inúmeros poemas, declara admirar mais que as pérolas de um colar, o fio invisível que as une. Assim seja. Parabéns a Jane Lemos que tão bem tem conduzido essa casa juntamente com sua equipe, e como não há acaso para Deus, certamente quis Ele que ela estivesse nesse momento de glória e júbilo para a Medicina de Pernambuco, à frente da nossa Casa.



DISCURSOS



**DISCURSO DA DRA. ESTHER AZOUBEL SALES, NO
DIA 12 DE ABRIL DE 2011, NO TEATRO SANTA
ISABEL, NA COMEMORAÇÃO DOS 170 ANOS DA
ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO.**

**SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO,
ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO (2005).**

É uma honra para nós a presença de todos vocês, e do Dr. José Luiz Gomes do Amaral, Presidente da AMB, na pessoa de quem saúdo a todos. O Presidente de AMB foi representado por Florentino Cardoso Filho.

Aqui estamos nesta solenidade, comemorando os 170 anos da Associação Médica de Pernambuco, O Dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro, sentiu necessidade da criação de uma Sociedade Médica com o objetivo de promover os progressos da Medicina e todos os ramos das ciências médicas na província de Pernambuco, proporcionando assim à classe médica a posição que lhe era assinalada pela nobreza da profissão. Desta maneira, foi criada a Sociedade de Medicina de Pernambuco em 4 de abril de 1841, cujos estatutos tinham sido aprovados em 9 de março de 1841.

Os sócios poderiam ser médicos, cirurgiões, dentistas ou farmacêuticos.

Associaram-se a Dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro na criação dessa Sociedade os Drs. José Eustáquio Gomes, Simplício Antônio Mavigner, e Joaquim de Aquino Fonseca, um higienista e estudioso da medicina e cirurgia.

O Dr. Maciel Monteiro, fundador da Sociedade de Medicina de PE-SMP, foi uma figura ímpar. Dedicava-se a várias atividades, entre elas a Medicina e era muito envolvido na vida Associativa. Considerava a medicina, “a mais social das Ciências” e desde os seus primórdios a SMP

participou de fatos inerentes à saúde da população. Foi conselheiro do Imperador Pedro II. O governo Provincial no intuito de estimular os trabalhos da SMP fixou a partir de 1842 um auxílio anual à instituição.

Nos primeiros anos de funcionamento a Sociedade ficou como consultora do governo provincial em assuntos relacionados à higiene e saúde públicas a exemplo da Academia Imperial de Medicina, que inspirada na academia francesa, desempenhava também o papel de consultora do Governo Imperial, sobre esses assuntos. A Sociedade, visando melhorar a saúde pública, propunha a eliminação do que era considerado focos de moléstias endêmicas, através de medidas de saneamento que compreendiam o aterro dos pântanos de Olinda, o encanamento de água potável para população da cidade e a transferência dos enterramentos nas igrejas para os cemitérios (Relatório... 1843).

Desde a sua fundação até a data atual, a Sociedade de Medicina de PE. teve 55 presidentes, cumprindo mandato de 2 anos, entretanto alguns deles repetiram mandato por 2, 3, 4 e até 5 vezes. Gostaria de falar de cada um, pois todos tiveram importância na evolução e construção da Sociedade, mas é impossível no tempo que me foi dado, falar de todos. Assim destacarei alguns com os seus feitos, homenageando a todos.

Uma marca profunda é a relação da Sociedade de Medicina com o Ensino Médico acompanhando a evolução das nossas Faculdades e participando de reuniões e debates sobre o seu aperfeiçoamento.

JOSÉ OCTÁVIO DE FREITAS

Autor de inúmeras iniciativas na área da Saúde imaginou e criou a Faculdade de Medicina do Recife, o Instituto Pasteur, superando todas as dificuldades na reformulação da Inspetoria de Higiene. Renovou a Sociedade de Medicina de Pernambuco. Foi o fundador do Jornal de Medicina e a alma do 1º Congresso Médico de Pernambuco, sendo seu Secretário Geral. Instalou o primeiro laboratório de Análises Clínicas do Recife. Foi jornalista obstinado, mestre esforçado, foi Professor de Microbiologia. Merece ainda citação, outras iniciativas como a “Liga Pernambucana Contra a Tuberculose”, a “Vacinação Anti-Rábica”, esti-

mulou o aleitamento materno e a construção de bancos de leite humano. Presidiu a Sociedade em cinco períodos.

Diante do êxito do Congresso, mas conhecendo a resistência de alguns médicos influentes avessos à criação de uma escola médica no Recife, Octávio de Freitas montou outra estratégia de atuação. Incumbiu o Dr. Durval de Brito, seu antigo aluno na Escola de Farmácia, para que em Sessão do Congresso propusesse a criação de uma Escola de Medicina em Pernambuco, enquanto ele, Octávio de Freitas, ficaria na retaguarda para defender a proposta apresentada. Entretanto, Dr. Octávio de Freitas esteve impedido de comparecer ao Congresso nesse dia em virtude do falecimento de seus dois filhos acometidos de febre amarela.

Em 5 de outubro de 1914 coube a Soares Avelar a iniciativa de propor a criação de uma Escola de Medicina e a proposta foi aprovada por unanimidade. Estava criada a Faculdade de Medicina do Recife.

A luta continuou e seguiu-se um recesso de 5 anos, enquanto isso, Octávio de Freitas escolhia os futuros professores da Faculdade de Medicina do Recife. Surgiam divergências e ele era questionado: como iria organizar o corpo docente e onde buscá-lo? Ao que ele respondeu: “Não há Faculdade constituída exclusivamente por celebridades ou por sábios. O que se exige de todos os professores, para que a Escola seja respeitada, é que eles saibam as matérias a ensinar e tenham amor e interesse pelo ensino”.

Em 4 de maio de 1920 reuniu-se a segunda congregação da Faculdade de Medicina do Recife, que aprovou por unanimidade a ata da primeira congregação realizada em 5 de abril de 1915. A primeira lição – aula de sapiência – foi proferida pelo professor Octávio de Freitas que assinalou o seu sonho dourado de tanto tempo.

Ele, Octávio de Freitas, ocupou pela primeira vez a Presidência da SMP em 1908. Em 4 de abril de 1941, centenário da Sociedade foi colocada a pedra fundamental do edifício que seria a sede da SMP, no terreno cedido pelo governo do estado, à Rua Osvaldo Cruz. Neste mesmo teatro de Santa Isabel houve a sessão solene comemorativa do centenário da SMP com a presença do Interventor Federal, Professor Agamenon Magalhães.

Nessa solenidade, além do presidente Octávio de Freitas falaram os professores Edgar Altino, Estelita Lins e Geraldo Andrade. Edgar Altino enfatizou os “cem anos de promessas, cem anos de trabalhos, cem anos de esperanças consolidaram o meio pernambucano como dos mais promissores do Brasil”. Nessa ocasião foi ressaltado pelo vice-presidente, Prof. Jorge Lobo, a importância do trabalho do Prof. Octávio de Freitas no Progresso da SMP: que já assumia a presidência da SMP pela 5ª vez.

As sessões científicas eram realizadas com frequência com a adesão de ilustres profissionais e Professores de Faculdades de outros Estados, que eram convidados para apresentação de trabalho, a exemplo de Prof. Eurico Bastos.

Dr. Octávio de Freitas, interinamente na direção da “Inspetoria de Higiene do Estado”, em 1894, teve que estudar estranha síndrome que incidia em certos bairros da cidade do Recife. Os doentes apresentavam cólicas intensas, vômitos, orla da gengiva azulada, perturbações neurológicas com paralisia diversas. Observados os sintomas, a distribuição dos casos pelos bairros, classe social das pessoas atingidas, os resultados dos exames hematológicos e à vista dos resultados de sucessivas análises da água usada nos bairros, ele constatou que a causa da síndrome era intoxicação pelo chumbo dos canos das derivações da rede de distribuição de água. A solução única para o problema era a substituição dos canos de chumbo por canos de ferro. Tal medida foi indicada por Octávio de Freitas, mas o governo não atendendo a esta solicitação, não obrigou a Concessionária do Serviço de Água de Beberibe a cumprir a medida.

Naquelas circunstâncias, Octávio de Freitas, preferiu pedir demissão à abdicar de suas convicções profissionais não aceitando que fossem procedidas novas análises da água, por proposta da Concessionária. E comunicou à classe médica os resultados de suas análises. Sua firmeza de caráter, não se dobrando a quaisquer injunções, foi uma constante durante toda sua vida profissional, tantas vezes chamado a dirigir a Saúde Pública do Estado, em difíceis momentos.

FERNANDO FIGUEIRA

Criador da pediatria social, fundador do IMIP, com vários colegas, entre eles Fernando Meira Lins, Helena Moura, Flávio Campos, Murilo Arraes, Fernanda Wanderley, Jaldemar Serpa, Antonio Aureliano, entre outros. Implantou o modelo que consiste em atender na mesma ocasião às mães pobres quando elas traziam suas crianças para serem assistidas pelo IMIP. Na década de 70 consagrou a ampliação e o fortalecimento do IMIP como Centro de Formação de Profissionais da Saúde. Foi Secretário de Saúde de 1971 a 1974

Homem de coragem excepcional enfrentou os poderosos da época emitindo um parecer favorável a 39 estudantes da UFPE que estavam sendo ameaçados de expulsão da universidade por discordarem do regime militar da época. Assumiu a SMP no período de 1969 a 1971, teve como Secretários, Teófilo de Barros Coelho e José Falcão, este ultimo um abnegado, responsável pela criação do Museu da Medicina, órgão que funciona no prédio da Academia Pernambucana de Medicina e que merece ser visitado. Reformulou o novo auditório do SMPE com 180 poltronas. Intensa atividade científica com a realização dos congressos Médicos Estaduais: XVIII com o Sindicato dos Médicos e o Conselho Regional de Medicina no Recife; XIX em Caruaru; e o XX em Garanhuns, em conjunto com o VI Congresso da Associação Médica Brasileira. Na sua gestão foi criada a Medalha do Mérito São Lucas, pelas três entidades médicas do Estado com o objetivo de homenagear três médicos, por ano, pelos seus méritos e dedicação ao paciente, criação da Cooperativa Médica do Recife que ocorreu no dia 24/07/1971 com a dos Drs. Pedro Kassab e José Gilberto de Souza, respectivamente presidentes da Associação Médica Brasileira e da Associação Médica de Minas Gerais, no objetivo de prestar serviços médicos-hospitalares, hoje denominada UNIMED, tão bem dirigida pela Dra. Maria de Lourdes Correia de Araujo a quem carinhosamente chamamos de Lourdinha.

HINDEBURGO TAVARES DE LEMOS

Tinha grande visão para a vida associativa. Foi Reitor da FESP (no período de 1990–1991), substituindo o Professor Othon Bastos, psiquiatra

que desenvolveu um papel fundamental para a transformação da Fundação de Ensino Superior de Pernambuco junto ao MEC, em Universidade de Pernambuco.

A gestão do Professor Hindemburgo Lemos na SMP aconteceu de 1972 a 1973, período que foi instituída a medalha Maciel Monteiro com o objetivo de homenagear três médicos, por ano, que tenha se distinguido com ênfase no desempenho da medicina e da ética.

FERNANDO MIRANDA CORDEIRO

Endoscopista digestivo, professor de clínica médica da Faculdade de Medicina da UFPE. Fez curso de pós-graduação no Japão em aparelho digestivo com ênfase na área de Endoscopia Digestiva. Foi presidente da SMP nos anos 1983 e 1983. Em sua gestão foi iniciada a informatização da secretaria com o cadastramento dos médicos. Foi realizado o XXVIII Congresso médico Estadual de Pernambuco, na cidade de Caruaru com 400 inscritos. Foi realizada importante reunião com representantes da Receita Federal, face às alterações que foram introduzidas no Imposto de Renda de forma discriminatória para com os médicos. Outro grande momento foi o debate com os candidatos ao Governo do Estado, no período eleitoral. A SMP teve também importante atuação na crise universitária, que ocorreu naquela ano, pois organizou grupos de trabalho que contou com a valiosa colaboração do Conselho Regional de Medicina e do Sindicato dos Médicos.

GILDO BENÍCIO

Neurologista formado pela UFPE, trabalhou no Hospital Pedro II. Foi sempre muito envolvido na vida associativo. Posso dizer que Gildo embora tenha sido presidente da SMP no período de 1984 a 1985, participou de todas as gestões da mesma. Foi sempre um grande colaborador, batalhou pelo Jornal de Medicina de PE. Escrevendo com frequência na última página do Jornal uma crônica sobre os colegas. Lembro-me entre outras de “Letra de Médico”, “Afonso o Realizador” e “Ester a Sensata” e “Murilo o Tranquilo”. Em sua gestão da SMP, temos a destacar: como ele próprio frisa; trabalhou de portas abertas de forma representativa. Não

podemos deixar de citar a participação de SMP em apoio ao Sindicato dos Médicos na luta pela implantação da Carreira do Médico no Estado, melhoria salarial, implantação de concursos públicos, e avaliação dos Cursos de Pós- graduação no Brasil, tarefa que nos foi delegada pela AMB. Lutou pela não transformação do Hospital Pedro II em Arquivo Público, verdadeiro absurdo que se pretendeu aplicar contra aquele antigo nosocômio, de importante tradição cultural e de relevantes serviços prestados à população carente. Haja visto agora a transformação do Hospital Pedro II em Hospital Escola para o IMIP (FBV).

Elaborou juntamente com o CREMEPE e Sindicato dos Médicos a Carta de Princípios, intitulada: “Pela Democratização da Saúde em Pernambuco”, documento amplamente divulgado pela Imprensa, que repercutiu nos meios políticos e administrativos. Houve ainda muitas outras realizações.

DARCY FREITAS

Dra. Darcy Freitas, Professora de Patologia da UFPE, foi a primeira mulher a ocupar a Sociedade de Medicina de PE. Pela sua competência, conscientização política, visão abrangente dos problemas do universo da saúde, e por seu espírito de luta e atuação participativa em episódios marcantes, ocupou tal cargo, no período 1986 a 1987.

São feitos de sua gestão:

– Planejamento e execução de Curso de Educação continuada para os médicos atuantes em serviços públicos em cidades do interior como Limoeiro, Vitória, Caruaru, Garanhuns, Arcoverde, Petrolina entre outras, levando conhecimentos atualizados e sensibilizando-os a uma prática assistencial comprometida com a qualidade do diagnóstico e resolutividade dos procedimentos nas áreas de Clínica Médica, Pediatria, Gineco-Obstetricia e Cardiologia. Projeto realizado com sucesso, graças ao Convênio firmado com a OPAS/MS./INAMPS.

– Projeto de Otimização da Residência Médica apresentado ao colegiado da Associação Médica Brasileira, o que resultou na indicação da Dra. Darcy para compor a Coordenação Nacional de Residência Médica no MEC/Brasília.

– Participação na VIII Conferência Nacional de Saúde promovido pelo Ministério da Saúde onde foi discutido o Projeto da Reforma Sanitária Brasileira, inicialmente denominado Sistema Único e Descentralizado de Saúde, hoje SUS, inserido na Constituição Brasileira.

ALEXANDRE CALDAS

Tem como especialidade a Endocrinologia. Em sua gestão ocorreu a Reconstrução do Auditório que havia sido iniciada na gestão de José Carlos Souto, médico psiquiatra que o antecedeu. O auditório após a reforma foi re-inaugurado na posse de Alexandre Caldas.

Trabalhou na climatização do grande auditório. Estabeleceu para a Sociedade o Pró-Info, programa de financiamento e apoio técnico do BNDS para Clínicas e Consultórios Médicos a juro de 6% ao ano. Foi presidente da Sociedade do período de 1994 a 1995

MIGUEL JOHN ZUMAETA DOHERTY

Com formação em Cirurgia Geral, especializou-se em Cirurgia Pediátrica. Trabalhou no DEC (Departamento Estadual da Criança de PE.), Hospital Geral de Pediatria do IMIP, Hospital das Clínicas da UFPE. Foi o Primeiro ocupante da Disciplina de Clínica Pediátrica Cirúrgica da UFPE.

Foi presidente da SMP por duas gestões 1996 a 1997 e 1998 a 1999. Na sua gestão foi recuperado terreno que fora anexado irregularmente pela Secretaria de Saúde de PE.

Colaborou na criação da Federação das Cooperativas de PE., fundada por Flávio Pabst, considerando que seria o braço comercial da Sociedade Médica na relação empresarial do trabalho médico. Liderou a união de todas as entidades médicas de PE com apoio e presença do Presidente da AMB, Celso Nassif, em defesa da saúde da população e do trabalho do médico, sempre respeitando a individualidade e a tradição das entidades. Realizou com sucesso dois congressos Médicos, em 1996 presidido pela Dra. Ester Azoubel e 1998, presidido pela Dra. Edite Cordeiro.

ADRIANO ERNESTO OLIVEIRA

De 2000 a 2003 foi presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco o psiquiatra Adriano, vice-presidente da gestão anterior que deu continuidade ao programa de união das entidades e reformou a sede. Adriano teve excelente participação na crise da hemodiálise do Hospital Português. Fez parte da Comissão que juntamente com a Assembléia Legislativa analisou a contaminação neste tipo de procedimento. Sempre muito firme e com muito entusiasmo. Faleceu prematuramente, nos deixando uma lição de seriedade e amor ao próximo.

Assume a Presidência da Sociedade, após seu falecimento, a sua Vice-Presidente Dra. Jane Lemos, também psiquiatra, que permanece na presidência até hoje.

JANE LEMOS

É a segunda mulher a assumir a presidência da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Médica que se caracteriza pela lealdade aos princípios de união entre as entidades médicas, em defesa da ética e pela coragem e determinação na militância pela reforma psiquiátrica do nosso país.

Em 2005 a Sociedade de Medicina de Pernambuco em função do Código Civil Brasileiro, teve seu nome modificado para Associação Médica de Pernambuco. Jane administra a Associação Médica de Pernambuco em perfeita sintonia com os órgãos de classe, especialmente o CREMEPE, presidido pelo colega André Longo e o Sindicato dos Médicos, que no dia 14 de outubro completará 80 anos, e luta galhardamente pelos médicos e pela medicina no cenário nacional, Instituição presidida pelo colega Silvio Rodrigues.

A atual presidente se destaca pelo espírito de liderança, personalidade forte, excelente administradora, determinada que conseguiu formar uma equipe que eu comparo a uma orquestra bem afinada. Como Presidente da AMPE, Dra. Jane honra, une e divulga temas relacionados a questões éticas e científicas. Inúmeras são as suas realizações frente a Associação Médica de Pernambuco.

Luta pela implantação de Classificação Brasileira Hierarquizada de Procedimentos Médicos- CBHPM, como balizadora dos honorários médicos.

- Regulamentação de Emenda 29, na luta pelo fortalecimento do SUS.

- Ampliação de vagas para Residência Médica.

- Implantação de um amplo programa de Educação Continuada para todos dos médicos.

Luta em prol da melhoria da Assistência Médica.

- Realização dos Congressos Médicos Estaduais.

Tudo isso nos faz crer que a Associação Médica de Pernambuco vem cumprindo ao que se propôs desde o seu primeiro estatuto cuja finalidade é promover os progressos da medicina e de todos os ramos das ciências médicas em Pernambuco. Desta forma, a AMPE impulsiona o aperfeiçoamento da cultura médico-científica, a integração dos médicos e suas entidades representativas na defesa da categoria científica, ética, econômica e cultural além de contribuir com a política de saúde e a qualidade do Sistema Médico Assistencial do Estado.

Tendo em vista a importância da AMPE, aproveito a oportunidade para convidar os colegas que ainda não se associaram a colaborar com esta instituição o que possibilitará um maior fortalecimento da classe médica pernambucana.

Concluo agradecendo a todos à ilustre presença e resalto que Dra. Jane, atual Presidente da Associação Médica de Pernambuco, nos apresentará com a exposição de sua administração, o que por certo fará melhor que eu. Parabéns a Associação Médica de Pernambuco Pelos 170 anos de lutas e conquistas!

Muito Obrigada!

**DISCURSO DA DRA. JANE MARIA CORDEIRO
LEMONS, NO DIA 12 DE ABRIL DE 2011, NO TEATRO
SANTA ISABEL, NA COMEMORAÇÃO DOS 170 ANOS
DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE PERNAMBUCO.**

Fruto do destino ou por influência do inconsciente foi escolhido este cenário para a comemoração de 170 anos da Associação Médica de Pernambuco, antiga Sociedade de Medicina de Pernambuco.

O Teatro Santa Isabel, construído contemporaneamente à fundação da nossa entidade, teve projeto do arquiteto Vauthier, aprovado em fevereiro de 1841 e construção iniciada em abril de 1841, exatamente quando nascia nossa sociedade. Esse teatro, inaugurado em 1850, representa o primeiro e mais expressivo exemplar de arquitetura neoclássica em Pernambuco e este cenário certamente é testemunha de eventos memoráveis da história e da cultura pernambucana e nacional.

Hoje, nesta noite, este cenário será mais uma vez testemunha de um capítulo importante da história desta associação que completa 170 anos de luta pela medicina pernambucana. Nossa entidade a exemplo deste teatro também foi testemunha de memoráveis acontecimentos, contribuiu e foi berço de nascimento de outras instituições e entidades a exemplo da Faculdade de Medicina do Recife (UFPE), Sindicato dos Médicos de Pernambuco, Cooperativas médicas, Academia Pernambucana de Medicina e a maioria das sociedades de especialidades para citar apenas alguns fatos relevantes.

A expressão **“lugares de memória”** criada pelo historiador francês Pierre Nora, significa locais materiais e imateriais onde se cristalizam a memória de uma sociedade, de uma nação. Locais onde grupos ou povos se identificam ou se reconhecem, possibilitando existir um sentimento de formação de identidade e de pertencimento. Servem, por-

tanto, para nomear espaços onde habitam histórias que dizem respeito ao que foi vivido, como exemplo temos este Teatro que abriga várias histórias vividas pela sociedade, pela nação. Desta forma, podemos dizer que a Associação Médica também constitui um desses “**lugares de memória**”. O que nossa cara colega e grande colaboradora, Ester Azoubel, acaba de nos descrever em seu brilhante discurso é uma prova incontestável. Os atos teatrais representados aqui há poucos instantes por atores e colegas sob a Coordenação do grande artista e também médico condecorado pela Medalha Maciel Monteiro da Associação Médica de Pernambuco- Reinaldo Oliveira também atesta a importância da nossa entidade enquanto **lugares de memórias** na medicina pernambucana e brasileira.

Hoje, vivemos um momento de festa, de comemoração, de confraternização, de celebração de conquistas, mas, é evidente que ao longo da sua história a associação enfrentou obstáculos, adversidades e desafios, buscando sempre estratégias para superar, cumprir seu papel e atingir os objetivos definidos, no momento de sua criação, pelo seu fundador Antonio Peregrino Maciel Monteiro, médico, político, intelectual e homem de grande visão.

Aqui podemos recorrer ao que se chama Teoria da Crise, tão bem abordada por Gerald Caplan, em seu Manual de Princípios de Psiquiatria Preventiva, ao considerar que as crises constituem tanto *oportunidade de desenvolvimento e fortalecimento como perigo de desequilíbrio e deterioração*, e, o resultado dependerá fundamentalmente de um complexo de variáveis. Certamente que as crises vividas por nossa associação foram superadas pelo conjunto de fatores internos e externos contribuindo para seu desenvolvimento, longevidade, maturidade e pujança na busca de atingir seus objetivos e cumprir seu papel perante a sociedade.

Quem sabe tenha também se inspirado na própria história de Pernambuco de desbravamentos, pioneirismos e conquistas. E porque não pensar que talvez tenha buscado inspiração na poesia. Lembremos aqui Gonçalves Dias, famoso poeta da infância de muitos de nós, em sua Canção de Tamoio, em sua primeira estrofe:

“Não chores meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida: viver é lutar.
A vida é combate, que os fracos abatem,
Que os fortes e bravos, Só pode exaltar.”

Ou seja, a Associação Médica de Pernambuco é forte e brava!

Por dever de justiça e gratidão deve-se assinalar a importância da união e integração das entidades médicas estaduais e nacionais em torno de ideais comuns à categoria médica e à sociedade, conquistada na última década. Neste sentido, muitos tiveram e tem seu papel de relevo, mas, não podemos deixar de citar “in Memoriam” Adriano Ernesto de Oliveira que num momento importante dessa luta conseguiu segurar com muita firmeza, determinação e seriedade essa bandeira.

Enfim, a Associação Médica de Pernambuco inspirada em sua própria história e fortalecida pelos associados e demais entidades médicas tem conseguido com muita determinação e maturidade preservar o seu passado, viver o presente em toda sua plenitude e prepara-se para o futuro, adaptando-se as imensas transformações da nossa sociedade. Continuará lutando bravamente para que os avanços tecnológicos aplicados à medicina no plano diagnóstico e terapêutico sejam sempre intrinsecamente aliados aos aspectos humanísticos, fortalecendo a relação médico paciente e o sucesso terapêutico. Que a aliança terapêutica seja sempre baseada em preceitos técnicos, éticos e humanísticos. Para reflexão o pensamento inspirador de Soren Kierkegaard: ***“A vida só pode ser compreendida olhando para trás, mas, só pode ser vivida olhando para frente.”***

Dentro da nossa programação comemorativa dos 170 anos da AMPARE gostaríamos de ressaltar ainda o lançamento do Concurso para logomarca desta associação, que será amplamente divulgada e cujo prazo terminará em 31 de maio deste ano. O prêmio será um ***IPAD 32 gb – Wifi 3G ofertado pela Associação Médica Brasileira. Teremos ainda o lançamento do livro – Edição comemorativa -170 anos.***

Cabe-nos neste momento, com grata satisfação, agradecer a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste evento. Um agradecimento especial também a todas as entidades médicas aqui homenageadas com a Medalha de Honra ao Mérito Maciel Monteiro – Comemorativa dos 170 anos. .

Não poderia concluir sem deixar registrado os nossos mais sinceros agradecimentos a todos os colegas que integram nossa Diretoria: Silvia Costa Carvalho Rodrigues, Sirleide de Oliveira Lira, Maria do Carmo Lencastre, Helena Carneiro Leão, Maria da Conceição Mendes, Maria Amparo Parahym, Feliciano Abdon Lima e Anacleto Carvalho, assim como a todos os componentes das Comissões, Conselhos e Delegados desta associação e aos nossos funcionários coordenados por Arapuanci.

Sabemos muito bem que há grande diferença entre trabalho em grupo e trabalho em equipe e este ***constitui um grande desafio de integrar saberes e praticas diferentes sem perder a especificidade de cada um e respeitando os limites e as singularidades***. Isto não significa ausência de conflitos, pois esses são inerentes à vida em grupo e o que é necessário é o seu enfrentamento e resolução. Com certeza o “sentimento do nós” é maior do que a soma das parcelas individuais.

Segundo Heráclito (século VI a C.):

“A harmonia invisível é mais forte que a visível.

A oposição traz concórdia – da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia.

É na mudança que as coisas encontram repouso.”

Meus queridos colegas de Diretoria, o meu muito obrigada, em nome pessoal e no da Associação Médica de Pernambuco, pelo que cada um e todos tem dado de si conseguindo que o todo seja maior que a soma das partes.

Concluimos nossas palavras com apresentação de um breve vídeo sobre a Associação Médica de Pernambuco e a entrega de um brinde a cada membro da Diretoria simbolizando o nosso trabalho à frente da AMPE, onde cada um sabe tocar o instrumento certo no momento certo mantendo a harmonia e escrevendo o seu nome na história desta nobre associação. Muitíssimo obrigada!



GALERIA DE IMAGENS





Da esquerda para direita: Dr. Feliciano Abdon, Dra. Maria do Carmo Lencastre, Dra. Amparo Parahym, Dra. Conceição Mendes, Dra. Helena Carneiro Leão, Dra. Sirleide Lira, Dra. Silvia da Costa Carvalho, Dra. Jane Lemos e Dr. Anacleto Carvalho.

RELAÇÃO DA DIRETORIA EXECUTIVA | 2008/2011

Presidente: Jane Maria Cordeiro Lemos

1ª Vice-Presidente: Silvia da Costa Carvalho Rodrigues

2ª Vice-Presidente: Sirleide de Oliveira Costa Lira

3ª Vice-Presidente: Maria do Carmo Lencastre Menezes e Cruz Dueire Lins

Secretária Geral: Helena Maria Carneiro Leão

1ª Secretária: Maria Da Conceição Moraes Mendes

2ª Secretária: Maria Do Amparo Freire Parahym

1º Tesoureiro: Feliciano Abdon Araújo Lima

2º Tesoureiro: Anacleto Rodrigues De Carvalho



**MESA DE ABERTURA DA SOLENIDADE DOS 170 ANOS
TEATRO SANTA ISABEL**

Da esquerda para direita:

Helena Carneiro Leão – CREMEPE

Aspásia Pires – FECEM

Florentino Cardoso Filho – AMB

Jane Lemos – AMPE

Gilson Edmar – UFPE

Silvio Rodrigues – SIMEPE

Geraldo Pereira – Academia Pernambucana de Medicina



**ABERTURA DO 39º CONGRESSO MÉDICO ESTADUAL
COMEMORAÇÃO DE 100 ANOS DO 1º CONGRESSO MÉDICO DE
PERNAMBUCO | 2009**

Aspásia Pires – FECEM
Helena Carneiro Leão – Presidente do Congresso
Maria das Graças Cavalcanti – SMS/PCR
José Luiz Gomes do Amaral – Presidente da AMB
Jane Lemos – Presidente da AMPE
Claudia Miranda – SES/PE
Sílvia da Costa Carvalho – CFM
Antonio Jordão – SIMEPE
Gilson Edmar – UFPE



Antigo logotipo da Sociedade de
Medicina de Pernambuco



Logotipo escolhido para comemorar
os 170 Anos da AMPE



Antonio Peregrino Maciel Monteiro
Fundador da SMP – atual AMPE



José Octávio de Freitas



Sociedade de Medicina de Pernambuco
1ª Sede: Convento do Carmo. 1841.



Associação Médica de Pernambuco (AMPE)
Sede atual: Rua Oswaldo CRuz. 2011.



Festividades na Associação Médica de Pernambuco – Outorga de Medalha



Scala Caps e Minio Pro

